



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

ATURÁ: TRANÇADO DE SABERES AMAZÔNICOS.
ESTUDO DE CASO DA RÁDIO TRIBOS DO NORTE

Adriano Silva Rodrigues

MANAUS - AM

2017

ADRIANO SILVA RODRIGUES

ATURÁ: TRANÇADO DE SABERES AMAZÔNICOS.
ESTUDO DE CASO DA RÁDIO TRIBOS DO NORTE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Luiza
Cardinale Baptista

Manaus – AM

2017

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Rodrigues, Adriano Silva

R696a Aturá: trançado de saberes amazônicos. : Estudo de caso da Rádio Tribos do Norte / Adriano Silva Rodrigues. 2017

120 f. : il. ; 31 cm.

Orientadora: Maria Luiza Cardinale Baptista Dissertação
(Mestrado em Ciência da Comunicação) -

Universidade Federal do Amazonas.

1. Ecossistemas Comunicacionais. 2. Índio. 3. Cartografia de Saberes. 4. Redes sociais. 5. Amazônia. I. Baptista, Maria Luiza

Eu não teria chegado até aqui se não fosse a minha família. Então dedico este trabalho ao Sr. Anselmo e à Dona Ivone, por me permitirem viver num ambiente que me ensinou o verdadeiro significado da palavra Família.

AGRADECIMENTOS

Interpretação Criativa, Rebojo Ecopoiético, Caxinaus, Mimo, Amorcomtur, Seminários, Atividade Programada, Interfaces, café dos bolsistas, “R.U.” e sala de aula. Não importa o local, a forma ou jeito minha pesquisa foi ganhando corpo em cada experiência vivenciada no mestrado. Algumas boas, outras nem tanto. As ruins me tornaram mais forte e as boas, eu guardei e levarei comigo para sempre. Por isso, quero muito agradecer a todos que contribuíram e dividiram experiências comigo, principalmente:

- A Deus, por ter me dado saúde, bem-estar e força para os momentos de dificuldade que o mestrado exige, mas aí me sinto injusto com outras pessoas que acreditam em Tupã, Alá, Buda, Jeová, Jesus, Zeus, Bhrama, Odin e vários outros. Então para fugir dessa peleja celestial prefiro agradecer a Nossa Senhora de Nazaré – padroeira do Paraenses;

- À FAPEAM – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas por disponibilizar bolsa de estudo, que possibilitou aperfeiçoar meus estudos além dos limites de universidade;

- A Rádio Tribos do Norte, que permitiu meu acesso ao grupo de WhatsApp, para que pudesse realizar minha pesquisa e entender mais de perto a luta, a resistência e o universo indígena;

- Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCCOM), em especial a coordenadora do curso, Profa. Dra. Maria Emília Abbud, pelo incentivo aos estudantes a produzir e aperfeiçoar nossas pesquisas;

- Ao Prof. Dr. Gilson Vieira Monteiro, que acreditou nos alunos da nossa turma 2015 para reativar os grupos de pesquisa e estudo Interfaces e Mimo. Sempre nos estimulou a sermos estudantes/pesquisadores ousados e autônomos;

- À Profa. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista que ensinou, durante essa trajetória, que mais importante que toda a potência tecnológica que nos rodeia na atualidade, é a amorosidade a tecnologia do afeto uns com os outros, com esse pensamento, ela me orientou e me guiou até os momentos finais do trabalho. Sou muito grato por ter sido seu orientando;

- À Profa Dra, Mirna Feitoza Pereira, que me recebeu para fazer estágio docente na disciplina Teorias da Comunicação, me fazendo perceber a importância das teorias para a prática do Jornalismo e da Comunicação;

- Aos amigos que fiz no PPGCCOM da turma 2014, Suzan Monteverde e Antonio Carlos Filho, que sempre estiveram dispostos a me ajudar quando precisei.

- A vida acadêmica é igual uma relação amorosa, tem altos e baixos, brigas e desentendimentos, depois reconciliação e muito amor, exige maturidade, paciência, com momentos descobertas e sabedoria. Nessa montanha russa de sentimentos, de nada seríamos se não tivéssemos apoio. Não sabemos bem se somos amigos, colegas ou apenas companheiros, mas estávamos focados em sermos mestres e isso nos uniu. Daiana Gualberto, Elizabeth Cavalcante, Hanne Caldas, Rafael Lopes, Suelem Máximo e eu combinávamos encontros fora da Ufam para rir, falar dos nossos projetos, comer, rir de novo, enfim era um encontro que demonstrava que não estávamos sozinhos, tínhamos uns aos outros para buscar apoio, nem que fosse para um momento de descontração. Esses encontros ficaram carinhosamente apelidados de “café dos bolsistas”. Obrigado pelos encontros pessoal!

- E agradeço aos meus irmãos Anselmo Jr e Sandro Paulo, que sempre apoiaram e respeitaram minhas escolhas.

Jamais, em todo o mundo, o ódio acabou com o ódio;
o que acaba com o ódio é o amor.

Buda

IDENTIFICAÇÃO

Natureza do trabalho: Dissertação

Nome do Programa: Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação

Área de concentração: Ecossistemas Comunicacionais

Linha de Pesquisa: 1 – Redes e Processos Comunicacionais

Título: Aturá: Trançado de saberes amazônicos. Estudo de caso da Rádio Tribos do Norte

Objeto de estudo: O uso das redes sociais pelos indígenas, considerado sob o viés dos Ecossistemas Comunicacionais – Estudo de Caso Rádio Tribos do Norte.

Questão-problema: Quais as características ecossistêmicas no uso das redes sociais pelos indígenas, considerado sob o viés dos Ecossistemas Comunicacionais.

Objetivo geral: Discutir o uso das redes sociais pelos indígenas, considerado sob o viés dos Ecossistemas Comunicacionais, a partir do estudo de caso Rádio Tribos do Norte.

Objetivos Específicos:

- 1- Apresentar e Discutir o conceito de Ecossistemas Comunicacionais;
- 2- Cartografar saberes e produzir um aturá investigativo, envolvendo as relações dos Índios com as redes sociais;
- 3- Cartografar materiais postados pelos Índios nas Redes Sociais.
- 4- Apresentar o caso Rádio Tribos do Norte, considerando a perspectiva dos Ecossistemas Comunicacionais.

Vínculo Acadêmico: Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) e estudante de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (UFAM). Integrante do Amorcomtur Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese e do Grupo de Estudos e Pesquisa em Comunicação, Informação, Design e Artes, da Universidade Federal do Amazonas

RESUMO

Este trabalho discute o uso das redes sociais pelos indígenas, considerado sob o viés dos Ecossistemas Comunicacionais – Estudo de caso da Rádio Tribos do Norte. Postagens compartilhadas pelos Índios revelam muito sobre como pensam e como agem no ambiente virtual e partir desses materiais foi possível compreender os ecossistemas comunicacionais, analisar saberes indígenas transmitidos nas redes sociais e discutir a interação complexa dessa comunicação. A pesquisa apresenta interconexões de assuntos relacionados a questões indígenas, Amazônia e redes sociais, constituindo um cesto amazônico que é trançado a partir de diversos nós e fios que se entrelaçam. A estratégia metodológica se orientou pela Cartografia de Saberes por ser uma abordagem teórico-metodológica que considera as diferentes realidades que um ambiente de complexidades como a Amazônia possui. As novas tecnologias expandiram significativamente o acesso a informações, que passaram a estar disponíveis alterando o ambiente sociocultural dos povos indígenas e, conseqüentemente, transformando a maneira deles se comunicarem.

Palavras-chaves: Ecossistemas Comunicacionais; Índio; Cartografia de saberes; Redes sociais; Amazônia.

ABSTRACT

This work discusses the use of social networks by Amazonia Indians, in this context the research through the perspective of *ecossistemas comunicacionais* discusses networks, indigenous questions, radio and Amazonia. In the research, the word *aturá* was employed, metaphorically for the reason of being involved, intertwining subjects that converge to the same place - the perspective of the researcher's gaze. The *Cartografia de Saberes* was the methodological resource used to be the most appropriate approach to research in an environment of complexities, such as the Amazonia region, allowing events of different knowledge to interconnect and relate personal knowledge, theoretical knowledge with the virtual reality experienced by the Within the social networks. New technologies have significantly expanded access to information, which has become available by altering the sociocultural environment of indigenous peoples and, consequently, transforming their way of communicating. They also present themselves in other ways, breaking stereotypes themselves and building visibilities for their knowledges and customs.

Keywords: *Ecossistemas Comunicacionais*; Indian; *Cartografia de saberes*; Social networks; Amazonia.

LISTA DE FIGURAS

Figura: 1 Aturá apresentado para banca de qualificação.	21
Figura: 2 - Revista vinculada à Universidade Federal de Tocantins.	21
Figura: 3 Ata da Banca de qualificação.....	21
Figura: 4 Ilustração das trilhas da Cartografia de Saberes	29
Figura: 5 Já aprendemos sobre a metodologia utilizada, sobre a perspectiva dos Ecossistemas Comunicacionais e as teorias dos principais autores. Agora, Vamos Entrelaçar?.....	69
Figura: 6 Deputado faz vídeo contra a questão indígena, as imagens foram divulgadas na Rádio Tribos do Norte.....	72
Figura: 7 Interação durante o Programa Manhã de Notícias. Neste dia o programa foi voltado para músicas indígenas e ocorrido no dia 25 de agosto de 2016.	77
Figura: 8 Repercurssão do vídeo na Rádio Tribos do Norte	91
Figura: 9 Emresposta à ataques discriminatórios, os Índios buscam mostrar a própria identidade.	96
Figura: 10 Mensagem sobre o que é “ser Índio”......	103

SUMÁRIO

VAMOS COMEÇAR A CONVERSAR.....	13
COM UMA CARTOGRAFIA DE SABERES EM NOSSO CAMINHAR	22
SENTIR A PESQUISA, CARTOGRAFIAR E ESCREVER.....	27
TRILHA DE SABERES PESSOAIS	30
SABERES TEÓRICOS.....	31
USINA DE PRODUÇÕES	32
DIMENSÃO INTUITIVA DA PESQUISA	36
POIS A CIÊNCIA PRECISA SE TRANSFORMAR	37
ECOSSISTEMAS COMUNICACIONAIS: UM FIO A ENTRELAÇAR.....	44
CONSTRUINDO MEU ATURÁ CIENTÍFICO	51
CIBERCULTURA, AMAZÔNIA E RÁDIO A TOCAR.....	53
PENSAR A REGIÃO AMAZÔNICA	58
AMAZÔNIA EXPLORADA	63
INÍCIO DO RÁDIO NA AMAZÔNIA.....	65
COSTURAM UM ATURÁ DIFÍCIL DE SE ENCAIXAR.....	67
FIOS NARRATIVOS ENTRELAÇADOS	70
FIOS NARRATIVOS DE INTERATIVIDADE EM REDE.....	71
FIOS NARRATIVOS DE CONVERGÊNCIA	76
FIOS DE RADIOMORFOSE?.....	82
FIOS DE NARRATIVAS INDÍGENAS.....	86
RESPOSTA À INTOLERÂNCIA	94
ENTÃO, PARA NÃO TERMINAR, VAMOS ENTRELAÇAR	97
REFERÊNCIAS.....	104
ANEXOS	109

*Que a prepotência acadêmica se dilua no canto do
japiim, e que as sabedorias milenares se unam às
tecnologias científicas, para o bem da humanidade.
Respeitar a natureza e perpetuar a vida no planeta é
na necessidade urgente.*

Edson Kaiapó

VAMOS COMEÇAR A CONVERSAR

Nessa conversa temos muito a falar, são assuntos que refletem os traços da sociedade em que vivemos e nossas relações com o celular, a cibercultura, a desterritorialização da comunicação e como esses assuntos interagem constituindo a Rádio Tribos do Norte.

No mundo contemporâneo, as relações sociais estão se transformando, com a contribuição das Redes Sociais. De encontros amorosos à prestação serviços, todos ambientes da sociedade mantêm alguma forma de ligação com os aplicativos de mensagem instantânea na internet. Esta pesquisa deseja situar o indígena em relação ao ambiente comunicacional da atualidade, discutindo as interações comunicacionais complexas do Índio nas redes sociais, através de estudo de caso da Rádio Tribos do Norte (RTN). Em outras palavras, o objeto de estudo desta pesquisa é: *O uso das redes sociais pelos indígenas, considerado sob o viés dos Ecossistemas Comunicacionais – Estudo de Caso*. As redes sociais da internet, através dos dispositivos móveis de comunicação, estão se tornando espaços legítimos para o reconhecimento do Índio na sociedade brasileira e, conseqüentemente, a valorização das culturas indígenas. A forma peculiar como a Rádio Tribos do Norte se comunica é que os torna um caso diferente para ser estudo. Sendo assim, temos como objetivo geral: *Discutir o uso das redes sociais pelos indígenas, considerado sob o viés dos Ecossistemas Comunicacionais, a partir do estudo de caso Rádio Tribos do Norte*.

O título *Aturá trançado de saberes amazônicos. Estudo de caso da Rádio Tribos do Norte* surgiu em relação aos diversos entrelaçamentos, trançados que fui desenvolvendo durante a pesquisa. As leituras, os saberes, as disciplinas e experiências vivenciadas no mestrado serviram de base para a composição do aturá, ou seja, foram aproveitadas para orientar a dissertação. Aturá – na língua indígena Nheengatu, significa cesto. É uma metáfora para o resultado da pesquisa que, a partir do olhar do pesquisador, une conhecimentos teóricos de autores europeus, autores amazônicos, autores brasileiros, autores indígenas e interconecta com o próprio jeito do Índio em utilizar as redes sociais.

Nesta pesquisa, buscamos nos aproximar do pensamento do pesquisador Boaventura de Sousa Santos (2010); por isso, assinalamos palavras como: Saberes, Amazônicos e Aturá. O intuito foi ratificar a compreensão da “Ecologia dos saberes”, ao entrelaçar conhecimentos indígenas, redes sociais e uso de suportes digitais para a comunicação, compondo uma mistura de saberes. Esse pensamento é importante porque

gera representatividade e respeito ao conhecimento de populações rurais, urbanas, ribeirinhas e tradicionais.

Estão em jogo conhecimentos que não são respeitados pela ciência tradicional e que, por isso, são comprometidos pela busca ao reconhecimento científico, articulando pensamentos populares, senso comum e ciência. Nesse sentido, a Ecologia de Saberes é considerada um pensamento de resistência, de luta dos oprimidos, dos discriminados, que auxilia povos marginalizados pela ciência cartesiana, a se mostrarem para o mundo do jeito que são. Essas ações visam fortalecer ações coletivas, como a que ocorre e se verifica com a existência de projetos como a Rádio Tribos do Norte.

É importante esclarecer que a participação dos Índios, na sociedade, é crescente. Eles buscam um reconhecimento social, econômico, cultural, para que, de fato, consigam exercer seus costumes e saberes, de forma plena, e sem a forte discriminação da sociedade brasileira não indígena. É importante dizer que, no decorrer do trabalho, o leitor vai se deparar com a palavra Índio (com a letra i escrita em maiúsculo) e indígena inúmeras vezes. Então, é necessário explicar que, no movimento indigenista, o “I” escrito em maiúsculo demonstraria um poder de resistência, autodeterminação e autoconhecimento, a que todos os seres humanos têm direito, fundamentado nos postulados da igualdade, da liberdade, da fraternidade, que se encontra no direito internacional, em especial no sistema internacional de proteção aos direitos humanos. A palavra indígena seria o contraponto daqueles que não aceitam ‘Índio’, como expressão cultural, social e econômica de todos os habitantes que viviam aqui, antes da chegada dos europeus.

Quem explica essa diferença é o escritor Daniel Munduruku (2015), da etnia Munduruku, em entrevista para Empresa Brasileira de Comunicação (EBC). Ele é formado em Filosofia, História e Psicologia, possui doutorado em Educação e pós-doutorado em literatura e defende que as pessoas utilizem essa concepção como forma de fortalecer a representatividade do Índio nos diversos âmbitos sociais.

A dissertação está estruturada em cinco capítulos separados por títulos que resultam na investida do autor em escrever um singelo e pequeno poema:

*Vamos começar a conversar
 Com uma Cartografia de Saberes em nosso caminhar
 Pois a ciência precisa se transformar
 Cibercultura, Amazônia e Rádio a tocar
 Costuram um aturá difícil de se encaixar
 Então, para não terminar, é melhor entrelaçar.*

Separadas, as estrofes desenrolam uma discussão relacionada ao trabalho pesquisado. Juntas, formam um poema que explicaria o trabalho como um todo. Esta é a forma que encontrei de introduzir o pensamento complexo ou ecossistêmico, durante o desenvolver da pesquisa. Perceba que é a ideia de entrelaçamento das teorias, de interconexão entre os temas e trançado pelas palavras estão presentes em cada detalhe do trabalho.

No capítulo *O assunto é uma Cartografia de Saberes em nosso caminhar*, O problema do método científico é sempre tema de discussão entre os cientistas ao longo do tempo. “Quanto mais alguém sabe, menos tem certeza de como encontrou o caminho para o saber. Isso nada tem a ver, simplesmente com a aceitação tranquila do papel do acaso no trabalho de pesquisa”, explica MACHADO (2005, p.156). O papel do acaso é algo que soa estranho para alguns cientistas mais tradicionais, talvez se quer “o acaso” seja considerado por esses pesquisadores, nos ecossistemas comunicacionais muito se debate sobre quais os métodos seriam adequados para uma pesquisa científica. Ora, investigar é encontrar caminhos, misturar saberes, não abandonar caminhos já percorridos anteriormente e, com essas características a Cartografia de Saberes me fez entender que o caminho pode se transformar ao longo da caminhada e que, apesar da rigidez científica, que é necessária, o caminhar se faz andando, tendo sensibilidade suficiente para atentar à pistas que a pesquisa vai deixando a cada leitura, aula, encontro ou papel rabiscado encontrado ao acaso.

Escrevendo essa parte do trabalho algumas reflexões foram surgindo, devido a importância do tema. Por exemplo, até que ponto a academia está aberta para permitir a criatividade e autonomia do estudante na pesquisa científica? A universidade ou as salas de aula são os únicos locais para o desenvolvimento de conteúdos? Machado (2005) indica uma “metodologia libertária teria de propor, como já o faz, até certo ponto, Edgar Morin, uma poetização da prosa acadêmica”. Nos Ecossistemas Comunicacionais, seguimos a ideia da Cartografia dos Saberes, por acreditarmos que é a metodologia mais

adequada para o trabalho com o pensamento ecossistêmico, que atende a complexidade da Amazônia.

O próximo capítulo, *Pois a ciência precisa se transformar*, se apresenta como saber teórico da Cartografia de Saberes, envolvendo um dos principais objetivos do trabalho que é apresentar a: Compreender o conceito de ecossistema comunicacional. Assim apresento teóricos que demonstram como a ciência é mutável, transitória, rizomática. Tudo nasce, cresce, depois morre e nos espaços de interconexão entre uma fase e outras muitas transformações acontecem, esses encontros entrelaçados são importantes para o trabalho.

Autores como Thomas Kuhn (1991) foram importantes para a concepção da ciência contemporânea e conseqüentemente os ecossistemas comunicacionais, na medida em que ele se opõe a uma concepção de ciência positivista. Neste sentido, Kuhn vai tentar desenvolver as suas teorias epistemológicas num contato mais estreito com a história das ciências, seguindo na contramão do pensamento científico hegemônico. Há, contudo, um viés de linearidade, na proposição de sucessão de paradigmas, enunciada pelo autor. Outro autor que entrelaço, nesse capítulo, é Fritjof Capra (2014), que está vinculado à ideia do (re)surgimento de uma nova maneira de entender a ciência. Ele responsabiliza o pensamento cartesiano pela falta de percepção da humanidade sobre a visão do todo, a que estamos todos conectados, dificultando a compreensão dos problemas do mundo atual, afetando a vida humana e nossa relação com a natureza.

Apresento outros autores que se aproximam do mesmo pensamento de Capra e Kuhn e termino o capítulo apresentando o aturá como uma alternativa de sentir a pesquisa e desenvolver um trabalho científico que esteja de acordo com os conhecimentos desenvolvidos anteriormente, entrelaçados com o novo pensar científico, respeitando a presença do “eu” pesquisador no desenrolar da dissertação tomando cuidado para não me distanciar da essência científica.

Cibercultura, Amazônia e Rádio a tocar são outros assuntos que transversalizam entre si e constituem outros saberes/traços teóricos que preferi deixá-los juntos num mesmo capítulo, pois são assuntos que se conectam criando a ideia de nós, de traços. Pensar a comunicação na Amazônia é um desafio para os pesquisadores, primeiro pelo pouco conhecimento que se tem da região e segundo pelo desinteresse dos grandes pólos científicos do Brasil, que se concentram nos principais congressos, eventos e universidades nas regiões sul e sudeste do país. Como referenciais aproveito as ideias de Renan Freitas Pinto (2008) e Manuel Dutra (2009).

Neste estudo, apresento como a Rádio Tribos do Norte realiza uma comunicação dinâmica e essencial para indígenas na região, através de um grupo de WhatsApp. Desse modo, consegue manter relações sociais em rede, fortalecendo a cultura e os costumes tradicionais envolvidos com aparatos tecnológicos modernos da sociedade não-indígena. O embasamento teórico se faz através das teorias de Pierre Lévy (2007), a respeito da “Inteligência Coletiva”, que apresenta um tipo de inteligência compartilhada a partir da colaboração de muitos indivíduos, respeitando a individualidade de cada ser.

Sobre Rádio, faço um breve histórico sobre a mídia na Amazônia. Por ser um meio de comunicação bastante utilizado na região, por causa das distâncias e do poder de alcance que possui, essa mídia acaba se tornando referencial para comunidades amazônicas, produzindo histórias como a Rádio Tribos do Norte, que possuem uma comunicação em rede realizada numa linguagem radiofônica. Outro objetivo é “Cartografar saberes e produzir um aturá investigativo, envolvendo as relações dos Índios com as redes sociais”. Então, apresento a cibercultura, a Amazônia e o rádio como estudos, fios ou fibras que trançadas resultam no cesto amazônico Aturá.

No capítulo seguinte, *Costuram um aturá difícil de se encaixar*, demonstro o aturá, que é a criação ou o resultado do trançado de pensadores contemporâneos entrelaçados com pensadores brasileiros, numa representação da Amazônia. Nesta fase, analiso 28 arquivos divididos em 24 figuras/memes e capturas de telas, dois vídeos e dois áudios/*podcasting* que foram feitas na Rádio Tribos do Norte durante o período de julho a dezembro de 2016. Um vídeo postado no grupo no dia 16 de janeiro de 2017 foi incluída na pesquisa, por tratar de temas relevantes e realizar conexões com os assuntos apresentados nos capítulos. Esse capítulo da dissertação é outro objetivo da pesquisa que é: Cartografar materiais postados pelos Índios das Redes Sociais. A minha participação no grupo de WhatsApp Rádio Tribos do Norte e o uso dos arquivos utilizados na pesquisa possuem prévia permissão da administradora e idealizadora da Rádio, Kayna Munduruku. O documento que permite, para fins acadêmicos, o uso do material pesquisado encontra-se nos anexos.

Para fazer a interpretação ou o estudo de caso da Rádio busquei misturar com os saberes teóricos, os meus saberes pessoais a respeito do tema para propor uma compreensão sobre o que era divulgado em cada postagem feita no grupo. Eu escolhi postagens relacionadas a questões indígenas. Como a luta contra o preconceito e a discriminação; como as mensagens são postadas e atingem os participantes do grupo

que espalham e divulgam pra outras pessoas e outros grupos, temos, nesse caso, a comunicação em rede que se interconecta com o pensamento da “Inteligência Coletiva” de Lévy (2007).

Faço alguns apontamentos ou apresento algumas inquietações em torno do que seria uma cultura amazônica ou ribeirinha, que possui características de identidade e pertencimento tão amarrados a vivência amazônica, mas tão pouco explorados por nós mesmos. Aqui, estudo o pensamento de João de Jesus de Paes Loureiro¹ (1995), Renan Freitas Pinto (2008) e faço conexões com saberes tradicionais indígenas expressados em postagens divulgadas nos programas da rádio.

Sigo fazendo o entrelaçamento quando trago para discussão a possibilidade da Rádio Tribos do Norte ser considerada um rádio, já que ela comunica, noticia, diverte, segue uma linha formal de programação, possui apresentadores, mas vive uma realidade virtualizada, numa dinâmica diferente da característica das rádios tradicionais. É rádio? É grupo de WhatsApp?

Alguns assuntos se repetem, por isso optei por não utilizar todas as postagens no trabalho, mas, sim, apresentar as principais que produziram mais discussão entre os participantes da RTN. No anexo, deixei todas as postagens referentes ao período informado. O conteúdo pode gerar discussões e contribuir para próximos pesquisadores. Antes de iniciar a leitura de cada capítulo, exponho o pensamento do Índio, Edson Kayapó, que, através de suas redes sociais, apresenta concepções sobre cultura, saberes tradicionais, ciência, entre outros. Muitos dos dizeres dele são postadas na RTN como forma de validar o assunto discutido através do pensamento científico. Edson Kayapó é doutor e professor da Universidade Federal da Bahia, sabendo transitar nos dois ambientes: o acadêmico e o indígena. Dessa forma, une os saberes tradicionais dos povos da floresta com o cientificismo da academia.

Então, para não terminar, é melhor entrelaçar é o capítulo final dessa trajetória científica, na qual apresento minhas reflexões acerca do que foi pesquisado, argumentando que os Índios sempre tiveram conhecimentos tecnológicos. Nesse sentido, discriminá-los por usarem tecnologias dos não-índios é, literalmente, ignorância com relação à complexidade que caracteriza a comunicação produzida na região.

¹ O autor dedica-se a ratificar, no ambiente acadêmico, a importância da Cultura Amazônica e o respectivo impacto desse reconhecimento na sociedade local e global. Apesar dos vários autores que pesquisam e estudam cultura amazônica, a escolha por Paes Loureiro se deu na leitura e estudos sobre o autor nas disciplinas do mestrado em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas.

Com o uso redes sociais da internet pelos indígenas, observa-se a abertura de novos espaços comunicacionais, permitindo-lhes produzir seus próprios conteúdos interativos, contar suas histórias, vender produtos, difundir sua cultura e costumes. Apesar disso, nossa sociedade urbana ocidental industrializada, com conceitos cristalizados, demora a compreender essa nova dinâmica cultural, bem como a amplitude da potencialidade dos saberes indígenas.

A Rádio Tribos do Norte tornou-se um espaço para discussão desses assuntos e de outros relacionados aos interesses indígenas. É uma comunicação em rede, de pensamentos interligados por conexões de dispositivos móveis, resultando na mistura de saberes científicos e tradicionais. De fato ao que parece, os Índios não fazem reflexão nos moldes tradicionais da ciência sobre o que estão fazendo. Eles apenas o fazem cotidianamente, em cada programa apresentado, em cada postagem que reflete um pensamento complexo que compartilha ideias e informações. É uma outra lógica de produção de conhecimento.

Pensar nessas produções, estudar os fenômenos que acontecem na região e publicá-los é uma tarefa difícil que exige dedicação, paciência e dinheiro. É um caminho que dá trabalho, mas direciona os estudos para o debate, gera discussão para que se evite conflitos maiores em relações futuras. Este trabalho teve o intuito de pesquisar a relação dos Índios com as redes sociais da internet, mas em um programa de mestrado são tantos os conhecimentos adquiridos que a transformação do pensamento é constante. E para mim, é muito satisfatório que, no início da minha trajetória acadêmica o pensamento de entrelaçar conhecimentos, de traçados indígenas refletidos na palavra ATURÁ tenha servido de modelo e concepção ideológica para o nome Aturá Revista Pan-Amazônica de Comunicação da Universidade Federal de Tocantins.

Após a banca de qualificação no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, realizada no dia 11 de julho de 2016, que tinha como título “*Aturá: o entrelaçamento das redes sociais e amorosidade no ecossistema comunicacional indígena*”. o professor, Sandro Colferai, da Universidade Federal de Rondônia revelou que estava procurando uma palavra de origem amazônica que fizesse referência à união, à junção, à conexão de ideias. Ele afirmou que encontrava esses traços na palavra ‘aturá’ e na logomarca do projeto de qualificação – que foi desenvolvida pela designer, Suelen Máximo, após entrelaçarmos a concepção da pesquisa com a técnica da arte de criação dela. A revista foi lançada em 2017 depois de o professor ter solicitado à designer a imagem, que serviu de base para a produção visual da produção científica com o mesmo

título que esta dissertação. Assim, antes mesmo de ser finalizada, a dissertação já produziu novos entrelaçamentos e marcas.



Figura: 1 Aturá apresentado para banca de qualificação.

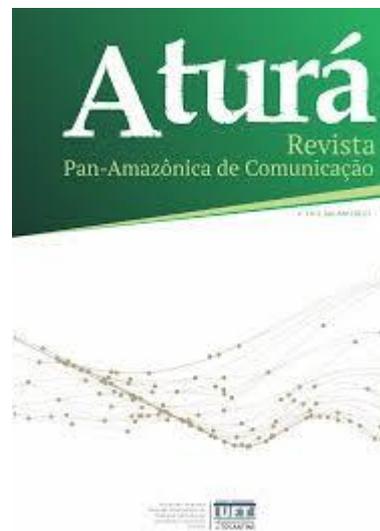


Figura: 2 - Revista vinculada à Universidade Federal de Tocantins.



Poder Executivo
Ministério da Educação
Universidade Federal do Amazonas
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação



ATA DE EXAME GERAL DE QUALIFICAÇÃO

Adriano Silva Rodrigues

Aos onze dias do mês de julho do ano de dois mil e dezesseis, às nove horas, no auditório do Instituto da Computação da Faculdade de Tecnologia da Universidade Federal do Amazonas, realizou-se o Exame Geral de Qualificação do Mestrando **Adriano Silva Rodrigues**, que apresentou o projeto de dissertação intitulado "*Aturá: o entrelaçamento das redes sociais e amorosidade no ecossistema comunicacional indígena*". Em conformidade com o Art. 05, § IX, do Regimento Interno do PPGCCOM, a Banca Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista (Presidente) - UFAM; Prof. Dr. Gilson Vieira Monteiro – UFAM e Prof. Dr. Sandro Adalberto Colferai (Membro) - UNIR. Os trabalhos foram instalados pela Profa. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista (Presidente), que informou sobre os procedimentos do exame. Em seguida, o mestrando **Adriano Silva Rodrigues** apresentou o seu projeto e respondeu às arguições da Banca. Após apresentação e arguição, os membros da Banca se reuniram e consideraram o aluno **APROVADO** no exame. A sessão foi encerrada e, para constar, eu, Maria Luiza Cardinale Baptista, Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, lavrei a presente ata, que vai por mim assinada e pelos demais Membros da Banca Examinadora.

Manaus, 11 de julho de 2016

Figura: 3 Ata da Banca de qualificação.

Os curandeiros, os pajés, as benzedeiras e todos os sábios devem ter seus conhecimentos reconhecidos, tanto pelas comunidades originárias quanto pelo estado brasileiro.

Em relação ao Estado, faz-se necessário o rompimento dos muros acadêmicos universitários, para que os sábios recebam títulos de doutores por “notório saber”, por “honoris causa”.

É a ruptura radical com o falido paradigma cartesiano.

Edson Kayapó

COM UMA CARTOGRAFIA DE SABERES EM NOSSO CAMINHAR

Tive um chão (mas já faz tempo)
todo feito de certezas
tão duras como lajedos.

Agora (o tempo é que fez)
tenho um caminho de barro
umedecido de dúvidas.

Mas nele (devagar vou)
me cresce funda a certeza
de que vale a pena o amor

Thiago de Mello
(as ensinanças da dúvida - 1981)

A metodologia é o grande desafio para uma pesquisa científica. A busca pela exatidão ou racionalidade de resultados fez com que padronizássemos o jeito de fazer ciência na busca de uma verdade. Hoje, percebemos que esta forma de pensar não supre mais a necessidade de questionamentos humanos relacionados à natureza, à afetividade, à biologia, à comunicação e diversos setores científicos. O “chão todo feito de certezas” cedeu lugar para um caminho “umedecido de dúvidas” criando um ambiente favorável para a brotação de novos caminhos.

É preciso se reinventar, criar novas possibilidades de “fazer ciência”, que considerem todos os saberes populares e tradicionais que foram esquecidos pela ciência tradicional. Nesse caso, deve-se considerar os saberes indígenas e ribeirinhos que convivem da pesca, da caça, da agricultura, sem agredir a natureza, ou em outras palavras, dando tempo necessário para que o próprio ambiente se restabeleça (ALIER, 2007).

Atualmente, com os recentes avanços da Ciência no Brasil em todos os campos, não é mais viável acreditar em verdades absolutas e no domínio de uma disciplina sobre as outras. Surge então o pensamento transdisciplinar, característica fundamental da Cartografia de Saberes, que busca a cooperação entre as partes para que se construa o conhecimento, o Homem não mais se satisfaz com ideias restritas, o que o leva a buscar sempre mais, ampliando a esfera do saber. A transdisciplinaridade tem como objetivo, através da articulação entre as várias formas de entendimento sobre o mundo, alcançar a unificação do conhecimento. Assim, unem-se as diversas disciplinas para que se torne possível uma visão mais ampla da cognição humana.

Este olhar contextualizado, plural permite que se abranja a complexidade crescente do mundo pós-moderno, o que justifica a definição da transdisciplinaridade como um fluir de ideias e, mais particularmente, um movimento de reflexão sobre estes conceitos. Esta abordagem científica vem modificando a forma como o Homem se volta para si mesmo e procura entender seu papel no mundo e também a própria compreensão da interação do universo com o ser humano.

Além disso, entre as estruturas que tornam viáveis o desempenho da ciência clássica nos modelos atuais só reforçam o pensamento voltado para o mercado, indústria e o capital. Com isso, o conhecimento científico – despido de falsas justificativas baseadas na naturalidade ou neutralidade – tende a servir com forma de manutenção desse poder político-econômico (HARVEY, 2005). Nesse sentido, Boaventura de Sousa Santos estabelece uma crítica, na medida em que discerne:

[...] a industrialização não é necessariamente o motor do progresso nem a parceira do desenvolvimento científico. Por um lado, ela assenta numa concepção retrógrada da natureza, incapaz de ver a relação entre a degradação desta e a degradação da sociedade que ela sustenta. [...] A falência da miragem do desenvolvimento é cada vez mais evidente, e, em vez de se buscarem novos modelos de desenvolvimento alternativo de ciência, talvez seja tempo de começar a criar alternativas ao desenvolvimento (SANTOS, 2011, p 27-28).

Assim, é preciso tentar a superação desse modelo hegemônico, de tal forma que a partir de nossos “chãos umidecidos de dúvidas”, seja possível conceber um modelo que considere todas as transversalidades de um pensamento ecossistêmico, um modelo que combata o ambiente tradicional científico, em que “[...] a ciência moderna, além de moderna, é também ocidental, capitalista e sexista” (SANTOS, 2011, p. 85).

No lugar das supostas certezas que tínhamos, bastante defendida no modelo hegemônico, vamos abrindo espaço para pesquisas ecossistêmicas que se preocupa com o processo de realização da pesquisa. Sendo assim, esta pesquisa foi desenvolvida, no campo das Ciências Sociais Aplicadas I, tem metodologia de cunho qualitativo e exploratório que busca dialogar com diversas fontes de conhecimento que possibilitem a concepção da complexidade que constitui o objeto de pesquisa entrelaçando redes sociais, ecossistemas comunicacionais, cultura Indígena e suas formas de inserção no mundo contemporâneo.

Nessa caminhada metodológica, o grande desafio da pesquisa não é apresentar resultados a partir de um recorte, estático, tradicional, mas analisar de forma contextualizada, o máximo de resultados que um objeto pode gerar a partir do

entendimento de que tudo em nossa volta está em movimento, em mutação. Logo é ilusório acreditar que o objeto de estudo e o pesquisador estejam dissociados, num campo como as Ciências Sociais Aplicadas. As conexões humanas e os entrelaçamentos de vidas devem ser valorizados, para criar uma atmosfera além da certeza racional que o positivismo nos trouxe.

Por isso, consideramos a transdisciplinaridade e o processo de mutação, pelo qual passa o conhecimento científico. Nesse contexto, optou-se pela proposição Cartografia de Saberes, como estratégia metodológica alinhada a pressupostos de pesquisa científica complexa possível, de ser aplicada à comunicação. Essa estratégia alimenta a potencialidade dos pesquisadores para criar uma sistematização, sem aprisionar, a partir da interconexão de saberes como: Antropologia, Sociologia, Tecnologias do Imaginário, Filosofia da Informação, Comunicação, Biologia.

O mais interessante nessa proposição de metodologia é que não existe “um método”, mas critérios que orientam o pesquisador (BAPTISTA 2014). Para a autora, não existe “um” caminho, mas o que ela chama de ‘trama de trilhas’, que são as possibilidades que surgem no decorrer da pesquisa.

Essa composição implica em mergulho no objeto/fenômeno escolhido para estudar e no conhecimento já produzido a respeito, por outros investigadores, bem como no reconhecimento e a afetivação, possíveis com a vivência na pesquisa. A trama investigativa então, vai se compondo de saberes e inquietudes pessoais que possam ter significados sociais e para áreas de conhecimento envolvidas; saberes dos outros (teóricos e das experiências compartilhadas) e a vivência mesma no campo da pesquisa. (BAPTISTA, 2014, p. 344).

Para termos mais entendimento a respeito da palavra ‘cartografia’ é importante lembrarmos o conceito original. Para Geografia, *cartografia* é a ciência da representação gráfica da superfície terrestre, tendo como produto final o mapa. Ou seja, é a ciência que trata da concepção, produção, difusão, utilização e estudo dos mapas. Na cartografia, as representações de área podem ser acompanhadas de diversas informações, como símbolos, cores, entre outros elementos. A cartografia é essencial para o ensino da Geografia e tornou-se muito importante na educação contemporânea, tanto para as pessoas atenderem às necessidades do seu cotidiano quanto para estudarem o ambiente em que vivem.

A expressão cartografia aqui utilizada é uma metáfora de viagem intelectual. É como se estivesse desenhando, traçando a minha caminhada durante a pesquisa. Para Baptista (2014), o pesquisador começa a delinear, desde a palavra, a ideia, como se

fosse desenhando, cartografando uma ‘Trama Trilha’. Ela explica que não existe um método único, como um caminho aprisionado em certezas. Segundo a autora apenas é possível indicar possíveis trilhas metodológicas, considerando o valor da subjetivação da pesquisa, da potência de produção e da efetivação, como estímulos de mobilização e acionamento de desejos do pesquisador, para que se permita criar, desenvolver, refletir, inscrever ações voltadas ao conhecimento do processo na pesquisa que é a viagem intelectual.

A Cartografia de Saberes possui essência transdisciplinar; por isso, é possível caminhar e conhecer áreas de conhecimentos diversos. Nesse sentido, a pesquisa vem sendo construída através de uma trilha referencial, que se constitui na confluência de outras trilhas menores, na perspectiva de uma ‘viagem investigativa’, como propõe Baptista (2014). É como se a pesquisa fosse dando pistas ao pesquisador, que vai formando uma trama metodológica, um mapa complexo e plural, o que não denota desamparar-se dos conceitos metodológicos já consolidados. Além da transdisciplinaridade, que é uma perspectiva de abordagem interessante, para pesquisar num ambiente de complexidades, como a Amazônia, a composição da cartografia tem um caráter mais de orientação metódico-epistemológica.

Dessa forma, pesquisador o iniciante vai coletando, para si, as pistas encontradas pelo caminho, e unindo-as em um entrelaçamento metodológico, que o faz perceber profundamente o objeto estudado, além de orientá-lo por caminhos já trilhados por outros autores que possuem mesma temática, e também sobre os saberes próprios, Baptista (2014:347) explica:

A mudança da visão das partes para o todo e a compreensão de que os sistemas são totalidades integradas, com propriedades não reduzíveis às partes é o primeiro critério. Essa compreensão implica em uma abordagem metodológica que não fragmente o objeto, mas considere os fenômenos em sua totalidade, buscando a compreensão da sua trama de relações. Do ponto de vista técnico, evidencia a necessidade de multiplicação de dispositivos, com o objetivo de abordar, dessa forma, os entrelaçamentos. Quer dizer, o pesquisador precisa saber que qualquer fenômeno, qualquer tema que esteja estudando, é algo complexo e, nesse sentido, precisa ser considerado na sua complexidade, nos seus entrelaçamentos. Assim, é preciso ter paciência, para ir sentindo, apreendendo, compreendendo o ‘jeito’, captando as evidências e também as sutilezas.

Respeitar a complexidade das pesquisas é algo difícil de fazer porque demanda muito trabalho e algumas vezes leitura e conhecimento em áreas distintas, porém

acreditamos que os desafios estão postos e a Cartografia de Saberes é uma alternativa para esse momento de transformação da Ciência.

SENTIR A PESQUISA, CARTOGRAFAR E ESCREVER

A Cartografia de Saberes, com viés da transdisciplinaridade, tem potência de ser dispositivo para a afetivação em relação à pesquisa. Na busca dos resultados, em uma pesquisa qualitativa, a Cartografia de Saberes apresenta proposições no sentido de múltiplos caminhos entrelaçados para ser trilhado durante o processo de pesquisa, ao invés de construir o caminho em cima dos pressupostos da ciência tradicional, que não engloba saberes múltiplos e complexos, como os povos da floresta e comunidades tradicionais da Amazônia. Assim, a Cartografia de Saberes convida o investigador a saborear o trajeto da pesquisa, tornando-a algo resultante de um processo subjetivo, o que potencializa o sujeito para a produção. Estabelece uma relação de proximidade com o objeto - quando propõe a importância de escrever sobre o que já se sabe sobre o tema - e propõe uma aproximação amorosa com o mesmo, ao identificar os autores e suas teorias. Por fim, entrelaça o conhecimento teórico com a prática ao desenvolver a pesquisa de campo, e ao associar essa prática com a dimensão intuitiva, como explica a autora:

A trama investigativa, então, vai se compondo de saberes e inquietudes pessoais que possam ter significados sociais e para as áreas de conhecimento envolvidas; saberes dos outros (teóricos e das experiências compartilhadas) e a vivência mesma no campo da pesquisa, no que eu chamo de ‘chão de fábrica’, no sentido de usina de produção de saberes [...] (BAPTISTA, 2014, p. 344).

O uso cada vez mais frequente dessa estratégia permite transpor o abismo e formar pesquisadores com conhecimento mais amplo, complexo, deixando-os mais bem preparados para enfrentar o desafio de desenvolver pesquisa na Amazônia.

A pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas faz parte do viver humano. Trata-se, aqui de um ramo da ciência, que estuda os aspectos sociais do mundo humano, ou seja, a vida social de indivíduos e grupos humanos:

As tribos primitivas, através dos mitos, explicaram e explicam os fenômenos que cercam a vida e a morte, o lugar dos indivíduos na organização social, seus mecanismos de poder, controle e reprodução. Dentro de dimensões históricas imemoriais até os nossos dias, as religiões e filosofias têm sido poderosos instrumentos explicativos dos significados da existência individual e coletiva. A poesia e a arte continuam a desvendar lógicas profundas e insuspeitas do inconsciente coletivo, do cotidiano e do destino humano. A ciência é

apenas uma forma de expressão desta busca, não exclusiva, não conclusiva, não definitiva. (MINAYO, 2002, p. 9-10)

A cartografia consegue então se adequar a essa multiplicidade de oportunidades e caminhos que caracterizam a viagem investigativa, feita não por robos mas por seres humanos, pessoas, dentro de uma ciência reconhecida como social e humana. A busca por ‘verdades’, por respostas a nossas curiosidades é intrínseca ao ser humano, é uma necessidade que ajuda a manter laços sociais. Dessa forma, este trabalho entrelaça métodos que aproximem o pesquisador das teorias tratadas no levantamento bibliográfico e da análise do objeto a ser estudado, mas também reconhece a importância de estar em contato com indígenas, sem tratá-los como objeto de estudo e, sim, como sujeitos colaboradores da pesquisa. Desse modo, eles são reconhecidos como participantes da pesquisa e não como seres ‘pesquisados’.

Logo, não faz mais sentido afastar o pesquisador do objeto, do processo investigativo, por isso, esta perspectiva engloba quatro grandes trilhas:

- Trilha de Saberes Pessoais: desenvolvimento de texto sobre tudo que sei do assunto;
- Trilha de Saberes Teóricos: levantamento bibliográfico e encontros teóricos;
- Usina de Produção: que se divide
 1. Aproximações Investigativas: Participação Na Rádio Tribos do Norte, produção de artigos, leitura de artigos e livros.
 2. Ações Investigativas: observação participante e participação em congressos e eventos para discutir e aprender conceitos
- Dimensão Intuitiva da Pesquisa: Momentos, interação da pesquisa com o pesquisador, registro das energias expressões de níveis subconscientes.

Essas trilhas conseguem adaptar-se aos objetos complexos que uma pesquisa ecossistêmica exige, levando em consideração o desenvolvimento do pensamento em encontros de pesquisa, defesas de dissertação, aulas expositivas, congressos e até os pensamentos que surgem de forma inesperada e auxiliam no fazer científico. No desenho abaixo demonstro as quatro grandes trilhas organizadas de uma maneira para

que o leitor perceba que não exista hierarquia entre os caminhos e nem sobreposição entre elas. Todas as trilhas ocorrem de maneira simultânea.

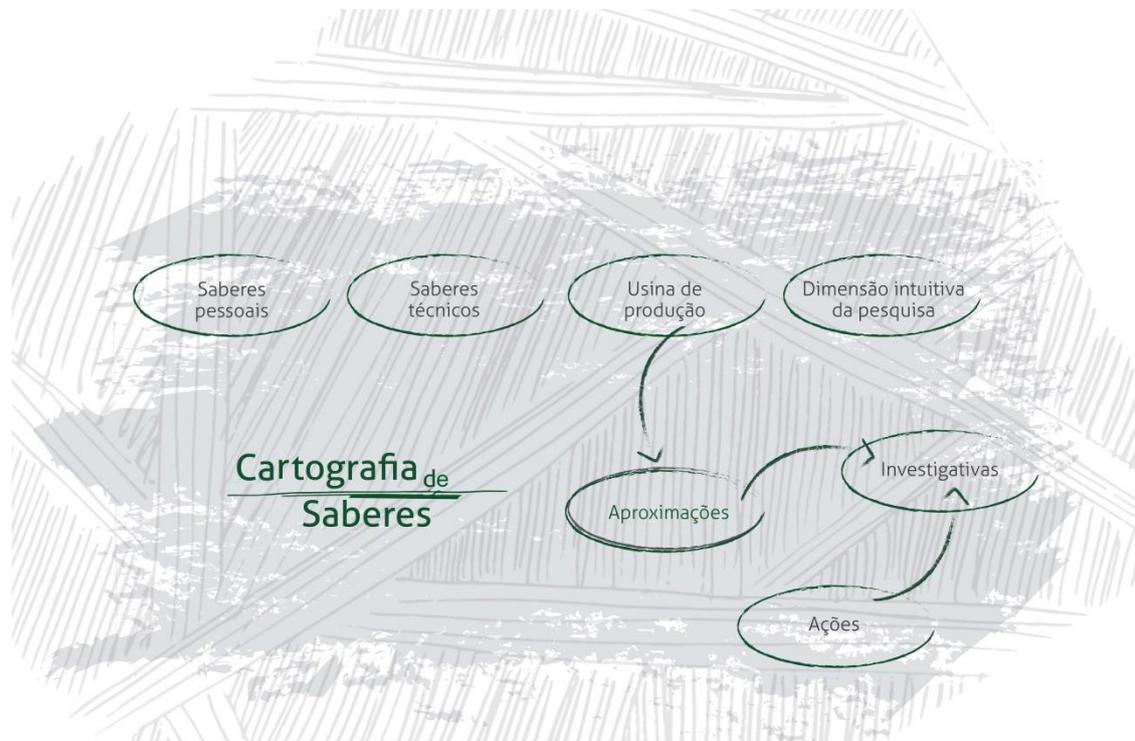


Figura: 4 Ilustração das trilhas da Cartografia de Saberes

Antes de explicar cada item que compõe o trabalho sob o viés da Cartografia de Saberes é preciso lembrar que a pesquisa é qualitativa, por está relacionada, não apenas no levantamento de dados, mas considera as motivações de um grupo, compreendendo e interpretando determinados comportamentos opiniões e as expectativas dos indivíduos de uma população. Não tem o intuito de obter números como resultados, mas insights – muitas vezes imprevisíveis – que possam nos indicar o caminho para tomada de decisão correta sobre uma questão-problema. Por isso, com a dos processos científicos exigiu-se um maior uso da pesquisa qualitativa, pois era necessário transformar especificamente cada campo teórico, cada conceito, embasando-os na realidade que fazem parte de cada área, ou seja, passou a ser necessário estudar além dos números, da exatidão da pesquisa quantitativa, os aspectos subjetivos dos acontecimentos, (FLICK, 2009, p. 28).

O método qualitativo compreende a subjetividade humana. Distanciando-se, assim, do método quantitativo, trabalha com as relações, envolvendo os significados, a religiosidade e o dia a dia das pessoas. Tratar das relações estabelecidas no cotidiano, em uma pesquisa, exige que a metodologia aplicada, em seu desenvolvimento valorize na relevância dos detalhes que permeiam a vida contemporânea na cidade. Assim, “a pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à

pluralização das esferas de vida” (FLICK, 2009, p. 20). Pensando de forma ecossistêmica, no que tange à ideia de que não precisamos, necessariamente, esquecer tudo que aprendemos com a Ciência Tradicional e que podemos reaproveitar alguns conceitos para desenvolver outros, é importante dizer que esse tipo de pesquisa se volta a resultados baseados em contextos teóricos e subjetivos e não descarta os números, apenas não os coloca como fonte fundamental.

Para pesquisas com teor social que entrelaçam comunicação, cultura, sociedade, aspectos cotidianos, os costumes são o ponto de partida para a formulação das problemáticas que desencadeiam os estudos. O desenvolvimento desses entrelaçamentos subjetivos alimenta este projeto de pesquisa, usado para tratar do lado subjetivo dos fenômenos sociais, trabalhando com significados que não são alcançados por cálculos, equações ou fórmulas.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2002, p. 21-22).

Assim, levamos em consideração que a pesquisa qualitativa usa técnicas que permitam a aproximação do pesquisador com a realidade, proporcionando uma maior interconexão de transformações do real cotidiano dos envolvidos no objeto de estudo. No caso observamos as criações daquilo que o Índio constrói a partir de si mesmo dentro das redes sociais, as relações estabelecidas e até o que fica ‘conectado’ após o desligar das máquinas que envolvem esse ecossistema.

TRILHA DE SABERES PESSOAIS

Na Cartografia de Saberes, o ponto de partida do pesquisador é vasculhar sua visão sobre o assunto a ser pesquisado, escrever tudo que já sabia sobre o objeto de estudo, entendendo, então, esse momento como o de externar a percepção sobre o objeto. No caso desta pesquisa, é o momento em que afirmei as memórias e as vivências com o objeto.

A primeira trilha que utilizo é a dos saberes pessoais, que considera o conhecimento do autor sobre o tema a ser pesquisado, é a possibilidade para o

pesquisador colocar para fora tudo o que pensa sobre cada um desses assuntos, é o momento que o pesquisador se encontra com o objeto, de acordo com Baptista (2014, p. 350):

o investigador deve procurar refletir sobre o que conhece sobre o assunto. Precisa refletir e fazer vir à tona, à consciência. Quem escolheu um assunto para pesquisar é porque ‘sabe algo’ sobre isso – mesmo que intuitivamente. [...] Então, deve começar escrevendo uma frase que defina o que quer estudar e, feito isso, identificar quais são os ‘conceitos’ (as palavras-chave desse objeto). Em seguida, deve escrever textos sobre as temáticas envolvidas nesse objeto de estudo.

A proposta de apresentar saberes pessoais, como define Baptista, tem a intenção de extrair da mente tudo que se sabe sobre o assunto transcrevendo fazendo criar forma e efetivando a investigação aos laços afetivos do próprio pesquisador. “Estes textos são livres, uma espécie de sondagem de si mesmo, sem julgamento. Eles vão ajudar o próprio aluno a se dar conta a respeito do que sabe [...]” (BAPTISTA, 2014, p. 351). Ter consciência de que, e do quê, se sabe do objeto de pesquisa, antes da investigação “começar” faz com que o pensamento se volte aos objetivos da pesquisa, sendo possível traçar um planejamento para desenvolvê-la.

SABERES TEÓRICOS

Nesse estágio da pesquisa, defini o que conheço sobre o tema, quais são os assuntos mais relevantes e delimito os conceitos principais que orientam a pesquisa. Em seguida, procurei os teóricos que sustentam as proposições do trabalho. Começo a misturar meus saberes pessoais com os saberes dos autores entrelaçando os conhecimentos. Aqui, escolhi os autores que me acompanham na pesquisa como o Pierre Lévy (2014), quando resolvi falar sobre a “Inteligência Coletiva”. Usei a abordagem dos Ecossistemas Comunicacionais sustentado pelas pesquisas de Gilson Monteiro e Sandro Colferai (2016). Para falar e conhecer a realidade indígena pesquisei dados no Conselho Indigenista Missionário (2001) e do pesquisador Gersem Luciano (2006). A trilha de saberes teóricos auxilia no levantamento bibliográfico, nesse sentido a leitura de artigos, livros e pesquisa na internet deram o suporte necessário para a pesquisa. Geralmente, nos encontros e participando dos grupos de pesquisa me deparava com leitura e indicação de livros trilhando os saberes teóricos.

USINA DE PRODUÇÕES

Aqui, é o momento em que o pesquisador coloca “a mão na massa”. É momento de viver a pesquisa, de sair a campo, assim entramos em contato com objeto estudado. Livros, artigos e revistas que interessam a pesquisa são lidos, discutidos afim de que auxiliem na articulação do pensamento fomentando uma usina de produção. Baptista afirma que esta trilha da Cartografia se subdivide em Aproximações Investigativas e Ações Investigativas.

• APROXIMAÇÕES INVESTIGATIVAS

Ao optar por esse caminho, contou-se como parte das Ações Investigativas o levantamento bibliográfico ou pesquisa bibliográfica, busca por dissertações do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação que já tenham tratado do assunto, realizar pesquisa no banco de teses da Capes, afim de encontrar dados e informações que contribuam para o trabalho . Livros, artigos, revistas que eram sugeridas ou proposta por professores eram lidas e as que possuíam conteúdo relevante para a temática foram usadas pelo pesquisador.

Pesquisa bibliográfica, num sentido amplo, é o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa [...] Num sentido restrito, é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado [...] (STUMPF, 2005, p. 51)

Tendo o entendimento e trilhar o caminho de investigação, o levantamento bibliográfico foi responsável pela minha transformação pessoal, desconstruindo preconceitos e preceitos cristalizados que foram desaparecendo ou diminuindo por conta do crescimento teórico/intelectual da própria investigação. No trançado de saberes o levantamento bibliográfico ajuda a dar sustentação todas as ideias aqui abordadas.

O levantamento bibliográfico, com apoio da orientação, de produções acadêmicas referente à temática do acesso às “novas mídias”, especialmente por grupos sociais minoritários como Índios, além da análise de documentos governamentais relacionados aos grupos indígenas que serão importantes para contextualizar, aprofundar e completar as informações coletadas. Além disto, construiremos relações com organizações ligadas à sociedade indígenas no intuito de nos aproximarmos da comunidade que propomos estudar.

Vale ressaltar algumas peculiaridades do processo de elaboração da pesquisa, que foi orientada pela Professora Doutora Maria Luiza Cardinale Baptista, colaboradora

do PPGCCOM, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, da Universidade de Caxias do Sul. Isso significa que ela mora no lado oposto da Amazônia, na região sul do Brasil. Por questões geográficas tivemos que adaptar o procedimento de orientação utilizando as novas tecnologias como artifício para suprir a orientação presencial. Assim, uma vez por semana nos encontrávamos virtualmente para debater leituras, construir ideias para artigos e desenvolver teoricamente a pesquisa. Fomos nos dando conta que estávamos desenvolvendo algo que é próprio da linha 1, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, a qual pertence esta pesquisa denominada Redes e Processos Comunicacionais do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Percebemos que em um mestrado em Ciências da Comunicação no qual debatemos novos olhares e métodos para fazer pesquisa científica, que nosso processo comunicacional investigativo se diferenciava, primeiro por questões geográficas e segundo pelo uso das redes sociais no decorrer da pesquisa. No início foi um desafio alinhar pensamentos, horários e estratégias, mas assim que iniciamos o trabalho, percebemos que durante o processo construímos nosso próprio ecossistema para a elaboração da pesquisa. Alinhados a desterritorialização dos pesquisadores e a utilização dos aparelhos tecnológicos de comunicação. Assim, conseguimos vencer a distância e demonstrar que mesmo longe, estávamos próximos durante todo o processo.

A participação em Grupos de Pesquisa também foi bastante importante para o desenvolvimento pessoal e o conhecimento de conceitos e teóricos. O AMORCOMTUR! – Grupo de Pesquisa em Comunicação, Amorosidade e Autopoiese e o Interfaces – Grupo de Pesquisa em Comunicação, Informação Design e Arte realizam encontros em formato roda de conversa. No AMORCOMTUR! há os Encontros Caóticos da Comunicação e do Turismo, onde horizontalmente, ou seja, sem hierarquia, todos contam suas experiências nas pesquisas. Os Encontros Caóticos não têm pauta pré-definida, em cada semana a conversa se inicia do contar de algumas das experiências e vai sendo moldado a cada fala. É um momento de total entrelaçamento porque através dessa experiência podemos conhecer outras pesquisas, podemos alinhar pensamentos, trocar fontes e o mais importante: não nos sentimos sozinhos. Outra característica interessante das rodas de conversa desenvolvidas nos Encontros Caóticos é ser dispositivo desejante para novas pesquisas, já que ao apresentar o objeto de pesquisa, o integrante recebe do restante do grupo sugestões de bibliografias e de assuntos que se desdobram daquele citado, além de auxiliar na elaboração da própria

pesquisa, pois ao relatar suas experiências cada investigador do grupo recria novas fontes de ideias para transcrever no papel.

Nos mesmo moldes do Amorcomtur, sem hierarquia, sem data definida e no objetivo de conversar sobre teóricos, conceitos, poesia e música é realizado no Interfaces o Rebojo Ecopoiético. Rebojo é uma gíria cabocla utilizada, principalmente pelos ribeirinhos do interior do Amazonas, e nada mais é que o redemoinho no rio. Nesse sentido o Rebojo Ecopoiético surgiu com a ideia de movimento, de giro por isso os encontros são realizados sempre fora da sala de aula desconstruindo a visão que apenas na Universidade é possível estudar e construir pesquisa.

Em ambos Grupos de Pesquisa as discussões abordam aspectos reflexivos dos textos, assim sendo possível compreender, de forma diferenciada, a ideia de cada autor. Tomar o texto como propriedade faz com que eu me aproxime da teoria e também do teórico. As discussões são capazes de complementar as leituras, de forma que novos pontos surgem das leituras já feitas.

A partir da leitura de livros, revistas e artigos alinhados às discussões em grupos, o trabalho conseguiu produzir artigos aceitos em eventos internacionais, obteve aceite em revista de indexação Capes compartilhando os conceitos dos Ecossistemas Comunicacionais e Cartografia de Saberes com outros nichos científicos do Brasil. Esses intercâmbios contribuem para o crescimento da Ciência e conseqüentemente a melhoria da sociedade em geral.

Essas produções também contribuíram para a elaboração do exame de qualificação, que é quando atestamos os caminhos da pesquisa e uma banca de doutores analisa quais as trilhas são mais indicadas para seguir, mudar ou parar. Para o pesquisador iniciante essas produções causam comprometimento com o trabalho elaborado e dão um panorama de como a pesquisa é analisada pelos pares.

- **AÇÕES INVESTIGATIVAS**

Como ação investigativa entende-se que temos que aprofundar os temas, os conceitos e alinha-los às palavras-chaves, respeitando as trilhas já percorridas até então. Desse modo, estudamos em profundidade Redes Sociais e questões indígenas. Posso demonstrar o que aconteceu num dos encontros no grupo de pesquisa Interfaces. Uma amiga me apontou como possibilidade de estudo o grupo de WhatsApp a Rádio Tribos do Norte, que me intrigou e despertou a curiosidade para pesquisar e conhecer. Na época estava estudando outras redes sociais de indígenas, depois de tomar a decisão de

trabalhar com a Rádio Tribos do Norte foi o momento de entrar em contato com o grupo, conhecê-los, saber o que é possível pesquisar, isso faz parte das ações investigativas. Escolher a pesquisa, demonstrar a consolidação dos saberes teóricos e pessoais, ou seja colocar a usina de produção para funcionar.

[...] quem quer começar a fazer uma pesquisa, precisa iniciar, também, com prática. Então, dependendo do assunto, vai poder pensar algumas situações concretas que permitam entrar em contato direto com o que está estudando, com o que pretende abordar. Isso vai depender do tipo de pesquisa, do objeto de estudo, mas sugiro observação sistemática, conversas informais, exploração preliminar de materiais e/ou documentos, enfim, devem ser acionadas técnicas de aproximação com o fenômeno a ser estudado. Destaco, no entanto, que essas experiências devem ser registradas, sempre, em um Diário de Campo, uma espécie de diário de bordo, dessa viagem intelectual, que é o conhecimento produzido na pesquisa. (BAPTISTA, 2014, p. 351)

A concepção é conseguir através das redes sociais criar a possibilidade de conversas ou entrevistas, metodologicamente falando, e construir a pesquisa entrelaçando os saberes indígenas, as teorias e os conceitos estudados dentro WhatsApp. Num primeiro momento, a entrevista surgiu como opção mais apropriada para a construção de conexão com o objeto, pois a entrevista garante flexibilidade no processo de descoberta científica. Os entrevistados podem falar com ‘liberdade’ do assunto proposto e o entrevistador vai adequando seu roteiro durante as respostas adquiridas. “Este tipo de método procura intensidade nas respostas, não-quantificação ou representações estatísticas” (DUARTE, 2005, p. 62). Porém durante o laboratório, mesmo com um roteiro de perguntas, que apenas me guiasse durante o processo, percebi que os entrevistados não se sentiam à vontade ou a entrevista não surtia o efeito capaz de desenvolver um material significativo, as conversas se restringiam a respostas monossilábicas. Depois questionando alguns Índios descobri que a palavra ‘entrevista’ gerava uma tensão entre eles, por causa dos inúmeros desentendimentos ocorridos entre indígenas e repórteres. Optei então por acompanhar diariamente, durante os meses de julho a outubro de 2016 todas as postagens do grupo de whatsapp denominado Rádio Tribos de Norte. Ao fim de toda coleta separei 28 arquivos entre figuras, imagens, memes da Rádio – os prints ou captura de tela – dois vídeos e dois áudios que retratam bem o pensamento ecossistêmico, a Cartografia de Saberes, construção de pensamento em rede e também sobre o veículo de comunicação Rádio.

Além de aproximar-se de diferentes formas do fenômeno desenvolvido no estudo, nessa pesquisa, a investigação partiu de conversas informais Índios, participação em congressos, mesas redondas, aulas, professores e disciplinas.

A participação na Rádio Tribos do Norte aconteceu de maneira informal e ao participar do grupo me sentia como um “espião cartográfico”, pois o grupo oficialmente não me conhecia, mas eu possuía autorização da administradora da rádio para integrar ao grupo. Dessa forma senti que a comunicação entre os participantes fluía de maneira mais leve, gradual e sem a tensão da entrevista. Tudo que era postado e tinha a ver com a pesquisa era anotado e separado por mim, que ia cartografando as ideias e os fluxos comunicacionais do grupo.

DIMENSÃO INTUITIVA DA PESQUISA

Essa é uma parte muito interessante da Cartografia de Saberes, nesse momento sentimos a pesquisa. Porque a pesquisa fala com a gente, revela detalhes, mostra assuntos a serem pesquisados.

No processo de escrita do conhecimento, por diversas vezes os pesquisadores se sentem sem criatividade e a folha em branco do *Microsoft Word* fica cada vez mais escura em cada pensamento que não encontra desenvolvimento nas palavras. Isso causa stress, medo, desorientação. É nesse momento que rodas de conversa, grupos de pesquisa ajudam. As vezes é uma palavra dita, na hora certa, que acende a criatividade pra desenvolver um pensamento e escrever. Outras vezes, se manifesta numa página de livro que aberto transcende uma teoria esquecida, mas que serve para o trabalho atual. Os papeis picados, páginas do caderno com anotações de disciplinas surgem e clareiam nosso pensar. Nessas horas, a pesquisa fala com a gente, ela se demonstra e cabe a nós estarmos atentos e sensíveis para sentir o trabalho. Baptista (2014) chama essa exteriorização de “registro das energias e expressões de níveis subconscientes dos campos morfogenéticos, em que se manifestam expressões de partículas subatômicas de conhecimento, de grande relevância para o conjunto das produções.”. A ciência não tem dado atenção necessária para esses acontecimentos e por isso que acreditamos que a ciência precisa se transformar.

*Estou absolutamente convencido de que os saberes
indígenas são fundamentais no diálogo para o
reencantamento do mundo, para a superação dos
problemas provocados pelo “progresso” humano.
Nossos povos mantêm-se firmes na prática da vida
simples e da espiritualidade convergente com as
sagradas forças da natureza.*

Edson Kayapó

POIS A CIÊNCIA PRECISA SE TRANSFORMAR

De forma simplificada, podemos dizer que Ciência também é o encontro de mundos, do mundo real e do mundo da imaginação, na busca em entender esse encontro através de uma metodologia aceita pela Academia. Fazer ciência, portanto, é fazer perguntas e procurar respondê-las. Em nossa sociedade o conhecimento científico tem papel fundamental, seja como suporte para desenvolvimento de tecnologias aplicáveis em variados setores como a saúde, a indústria, a comunicação, seja como objeto de pesquisa e ensino. A ciência vem enfrentando transformações ao longo da história, de tal forma que, qualquer tentativa de construir um conceito universal seria algo frágil e enganoso dada a complexidade do mundo que vivemos Germano (2011). Ainda de acordo com Germano (2011) este autor apresenta um conceito genérico de ciência que é consenso entre os pesquisadores e serviu de base para pesquisa desenvolvida:

Comumente se apresenta a gênese da ciência em termos de uma evolução linear que, partindo dos mitos, passa pela filosofia, até alcançar o status da ciência experimental moderna. Mas este é um percurso que, muitas vezes, não revela o contexto em que tais transições são construídas. Todavia, se entendemos a ciência como conhecimento lógico e sistematizado, que procura explicar as transformações da realidade a partir de conceitos universais, pode-se dizer que teve sua origem na civilização grega antiga, desenvolvendo-se nos períodos clássico e pós-clássico.” (GERMANO, 2011, p. 34)

As bases da produção científica que empregamos na atualidade têm origem nas sociedades da Grécia antiga que se fundamentavam na busca por respostas a partir da reflexão do homem. Misticismo, lendas e folclore eram apartados, porém de acordo com Germano (2011) a principal deficiência dessa visão era o distanciamento da técnica, o que poderia ocasionar resultados imprecisos já que não havia comprovação com a prática. Vale ressaltar, entretanto, que herdamos das sociedades gregas as principais correntes de cientificidade: Racionalismo, com Pitágoras e Platão; e Empirismo, com Empédocles e Aristóteles. A primeira visão sobre a ciência está relacionada ao método dedutivo, matemático, enquadrado a modelos racionais no qual o objeto científico é uma representação intelectual universal. (GERMANO apud CHAUI, 1997, p. 252). Para os empiristas, todo conhecimento, razão ou verdade é fruto de nossas experiências sensoriais, considerando que a ciência é uma interpretação de fatos, em observação e experimentos que permite estabelecer interpretações (GERMANO, 2011). Até dos dias atuais, essas duas formas de pensamento têm orientado o debate metodológico do “fazer” ciência, no sentido de responder a um questionamento que reaparece

constantemente nos nichos científicos: quais os limites de participação do sujeito e do objeto na construção do conhecimento?

No livro “O discurso do método” Descartes infere que o conhecimento e a ciência exigem trabalho, questionamentos sistemáticos e método. Ele pretendia fundamentar o conhecimento humano em bases sólidas e seguras (em comparação com as fundamentações do conhecimento medievais). E assim estabelece um método que deveria ser seguido por todo e qualquer homem, independentemente da época, opinião, crença, costumes ou sexo. Um método voltado, então, para a busca da verdade e não da verossimilhança. De maneira sucinta o método possui quatro regras que sugerem, primeiramente, a busca da evidência, a de não aceitar nenhuma coisa como verdadeira, se não soubermos que ela, de fato, é assim, é necessário rejeitar tudo como sendo falso até que haja evidência. Segundo a regra da análise, o que quer dizer esta regra? É preciso pegar um problema e dividi-lo em parcelas pequenas, quantas forem possíveis, ou seja, divida as dificuldades em dificuldades menores. A terceira regra dispõe sobre a síntese e afirma que os objetos tomados na regra anterior e divididos em problemas menores, agora são retomados em ordem, que ordem? Dos mais simples aos mais complexos. Por fim, a última regra propõe que seja feita uma revisão de todos os casos. É hora de conferir tudo o que foi realizado. Gerações futuras levaram em consideração o método de Descartes tornando o método cartesiano o mais usado nos séculos posteriores, porque muitos pensadores viram nisso o poder do racionalismo filosófico.

O pensamento cartesiano que moldou toda a produção de conhecimento foi importante para a construção do conhecimento científico que conhecemos, as escolas e as universidades com métodos de ensino rígidos e radicais são exemplos desse modelo. Esse mesmo modelo que é referência para nós, foi o mesmo que excluiu um dos grandes pesquisadores da Idade Média, mesma época em que se apregoava mais intensamente o racionalismo advindo do Iluminismo. Leonardo da Vinci tinha bastante dificuldade em publicar seu artigos científicos porque não era vinculado a nenhuma universidade, já que era filho bastardo e, na época, bastardos não podiam frequentar universidades (CAPRA, 2012). Entretanto isso não impediu que Leonardo de criar:

A base conceitual da ciência de Leonardo é uma teoria detalhada da percepção e do conhecimento. Seu método empírico pressupunha uma observação cuidadosa e sistemática da natureza, o que incluía uma análise abrangente do processo em si da observação. Capra (2012, p. 13)

Hoje reconhecemos o valor de Leonardo da Vinci nas artes, na engenharia, na física, na medicina, na música e outras diversas áreas da ciência. Ele foi o que conhecemos como: pesquisador sistêmico e por assim dizer, Leonardo da Vinci procurava compreender os fenômenos pesquisados conectando-os dando especial atenção a similaridades de formas e processos nas diferentes áreas de investigação.

Ao mesmo tempo que o pensamento cartesiano se fixava como método de produção de conhecimento e contraditoriamente excluía grandes pensadores, hoje passados mais de 500 anos é recorrente pesquisadores que não se encaixam nesse padrão rígido da ciência buscarem novas formas de produzir sabedoria.

Um autor que apresenta uma ideia transformadora sobre ciência é Thomas Kuhn se deu conta de que a concepção de ciência tradicional não se ajustava ao modo pelo qual a ciência real nasce e se desenvolve ao longo do tempo. Seus estudos nessa área apareceram publicados de modo mais amplo no livro de 1962, *A Estrutura das Revoluções Científicas*. Esse trabalho viria a exercer uma influência decisiva nos rumos da filosofia da ciência, pois defende o contexto de descoberta, o qual privilegia os aspectos psicológicos, sociológicos e históricos como relevantes para a fundamentação e a evolução da ciência. Kuhn avança em teses bastante sofisticadas sobre o conhecimento científico e o conhecimento em geral. Para ele as ciências evoluem através de paradigmas. Paradigmas são modelos, representações e interpretações de mundo universalmente reconhecidas que fornecem problemas e soluções para uma comunidade científica.

Kuhn (1991) afirma ainda que o paradigma se constitui como uma rede de compromissos ou adesões, conceituais, teóricas, metodológicas e instrumentais compartilhados. O paradigma é o que faz com que um cientista seja membro de uma determinada comunidade científica. Através da educação o jovem adquire os esquemas conceituais de sua atividade. É a educação profissional que lhe permitirá aprender e internalizar esses pressupostos. Uma vez aprendido o cientista vai compartilhá-los em sua prática profissional.

Outra característica importante do paradigma é que ele não depende de regras externas. Para Kuhn (1991, p.69), os problemas e técnicas da pesquisa que surgem numa tradição não estão necessariamente submetidos a um conjunto de regras. A falta de uma interpretação padronizada ou de regras não impede que um paradigma oriente a pesquisa. Na verdade, a existência de um paradigma nem mesmo precisa implicar a

existência de qualquer conjunto completo de regras. Isso significa que a ciência normal não é um empreendimento unificado e monolítico.

As várias ciências e seus vários ramos são bastante instáveis, muitas delas não têm coerência entre suas partes. Há grandes revoluções como pequenas revoluções, algumas apenas afetam apenas uma parte de um campo de estudos, outras afetam grupos bastante amplos. Devido a esta estrutura instável das ciências é impossível uma total padronização dos paradigmas.

Os novos paradigmas surgem a partir dos paradigmas anteriores; por isso, é impossível descartá-los totalmente, a fim de não sermos capazes de compreender o processo de transformação corrente na ciência.

E é com essa forma de pensamento que gostaria de avançar a discussão, pois para um melhor entendimento da pesquisa que foi realizada é necessário possuir o pensamento amplo que não possua rigidez, códigos fixos, ter sensibilidade para perceber ciclos, que são criados num momento e rompidos em outros, que a realidade é vista como um fluxo não linear de interações e sem limites de tempo e espaço, (MARTINO, 2014).

Nas últimas décadas, a evolução das tecnologias digitais, junto ao avanço da Internet, vem provocando variadas pesquisas na área da Comunicação, sobre novas formas de comportamento e relacionamentos sociais estabelecidos, a partir da relação com computador. Neste projeto, consideramos a transdisciplinaridade do conhecimento, com a interação dialógica entre os saberes como a Educação, Psicologia, Ciências Sociais, Informática, Antropologia e a própria Comunicação. É a Comunicação que, ao se apoiar em outras áreas do conhecimento científico, torna-se um campo estratégico para entender tais fenômenos sociais.

Aproximam-se, assim, os pensamentos que estão em sincronismo com os estudos produzidos na Amazônia Brasileira de pensadores contemporâneos de outras partes do mundo. Intensificando a ideia de conexão, interação e entrelaçamento.

O novo paradigma pode ser chamado de uma visão de mundo holística, que concebe o mundo como um todo integrado, e não como uma coleção de partes dissociadas. Pode também ser denominado como visão ecológica, se o termo “ecológica” for empregado num sentido muito mais amplo e mais profundo que o usual. A percepção ecológica profunda reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedade, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza (e, em última análise, somos dependentes desses processos) (CAPRA, 1997, p. 25).

As contribuições do pensamento de Capra envolvem uma perspectiva de estudos que não rompe totalmente com a Ciência Clássica, mas abre novos fios de investigação. Descartes, como vimos acima, é referência da chamada Revolução Científica que se caracterizava pela racionalidade dos fatos e a concepção antropocêntrica.

Boaventura de Sousa Santos, no livro, *Discurso sobre as Ciências* reforça a ideia de que a ciência moderna está em crise e discursa sobre a necessidade do surgimento de um novo paradigma. Um pensamento que considere não apenas a perspectiva hegemônica concebida por números, fórmulas e leis que padronizam a ciência, mas uma ciência que considere o homem. Assim, ele sugere a criação do paradigma emergente vinculado a quatro princípios básicos: 1) todo o conhecimento científico-natural é científico-social; 2) todo o conhecimento é local e total; 3) todo o conhecimento é autoconhecimento; 4) todo o conhecimento científico visa constituir-se em senso comum.

- **Todo conhecimento Científico-Natural é Científico-Social**

De acordo com o autor, não há mais sentido a concepção racionalista/mecanicista que faz distinção entre ciências naturais e ciências sociais, ainda mais que os avanços recentes da física e da biologia afastam tal dualismo. Ademais, ao contrário do que ocorria na ciência moderna, no paradigma emergente a inteligibilidade da natureza é presidida por conceitos, teorias, metáforas e analogias das ciências sociais, na tentativa, inclusive, de aproximar as ciências da humanidade.

- **Todo conhecimento é local e total**

Na ciência moderna, tem-se a ideia de que quanto mais específico é o conhecimento, melhor é a pesquisa, e mais explorado está o seu objeto. Tal conhecimento, contudo, é segregador, e torna o cientista superespecializado em um único assunto num mundo em que a multiplicidade de saberes é enorme. Assim, no paradigma emergente, o conhecimento é total e, sendo total, é também local, pois é útil aos indivíduos de determinada comunidade. Sendo local, também é total, porque reconstitui os projetos de conhecimento locais, ou seja, incentiva a troca de experiências de conhecimento e saberes para outros lugares cognitivos.

- **Todo conhecimento é autoconhecimento**

Não há mais sensatez na distinção entre ciências naturais e ciências sociais, também não se pode mais tolerar a distinção entre sujeito e objeto feita pela ciência moderna. Desse modo, podemos afirmar que todo o conhecimento, ou seja, todo o ato de conhecer o objeto é autoconhecimento, isto é, forma de o cientista conhecer. Com essa ressubjetivação do conhecimento científico, torna-se possível que ele se traduza em um saber prático que ensine a viver.

- **Todo conhecimento científico visa a se constituir de senso comum**

O paradigma emergente, ao contrário, entende que nenhum conhecimento é desprezível, e estimula a interação entre os mesmos, mesmo numa ciência com tal racionalidade, o conhecimento se alcança no diálogo e interconexão de várias formas de pensamento. Como próprio desse movimento, tem-se a reabilitação do senso comum e suas virtualidades.

Por conseguinte o próprio avanço da ciência é responsável pelo conflito de ideias na ciência moderna, já que para o autor:

[...] a identificação dos limites, das insuficiências estruturais do paradigma científico moderno é o resultado do grande avanço no conhecimento que ele propiciou. O aprofundamento do conhecimento permitiu ver a fragilidade dos pilares em que se funda (SANTOS, 2010a, p. 41).

Lembrando que a transformação do pensamento ocorre a partir de pensamentos já existentes, Capra explica que “[...] a ecologia profunda faz perguntas profundas a respeito dos próprios fundamentos da nossa visão de mundo e do nosso modo de vida modernos, científicos, industriais, orientados para o crescimento e materialistas” (CAPRA, 1997, p.26). O autor alerta sobre a importância de uma abordagem ecológica diferente da visão de mundo anterior, considerando a complexidade existente no mundo: “[...] a partir da perspectiva de nossos relacionamentos uns com os outros, com as gerações futuras e com a teia da vida da qual somos parte.” (Apud BAPTISTA - CAPRA, 1997, p.26). Passa pelo entendimento que quanto mais conhecimento se tem dos problemas da humanidade, mais percebemos que eles não podem ser entendidos separadamente. São problemas conectados, interligados e interdependentes.

Baptista (2014, p. 33-34) colabora quando observa que a comunicação é formada a partir de processos complexos:

Comunicação é interação de sujeitos, através do fluxo de informações entre eles, numa espécie de trama-teia complexa, composta tanto de elementos visíveis quanto invisíveis, corporais e incorpórais, significantes e a-significantes, podendo ser ou não mediada por dispositivos tecnológicos, na constituição de algo como um campo de força de encontro de energias, decorrente dos universos de referência de cada sujeito envolvido. Quer dizer, encontro de universos de sujeito, universos subjetivos.

Para entender os Ecosistemas Comunicacionais precisamos apreender também sobre os conceitos sistêmicos: as propriedades das partes só podem ser compreendidas a partir da organização do todo. O pensamento sistêmico priva pela contextualização dos fatos, fazendo uma análise sem a separação das partes e o isolamento de cada uma para buscar compreensão; o pensamento sistêmico é “contextual”, coloca cada parte no contexto de uma totalidade maior.

ECOSSISTEMAS COMUNICACIONAIS: UM FIO A ENTRELAÇAR

As sociedades indígenas do Brasil possuem as mais variadas técnicas de artesanato para a fabricação de aturás ou cestos. Há estilos bem definidos de trabalho que se diferenciam, principalmente pelos desenhos feitos e pela dança do entrelaçamento das palhas utilizada na confecção do cesto. Figuras de homens e mulheres ou desenho de animais são as imagens mais comuns encontrados nos aturás indígenas. Tudo depende do entrelaçamento de fios que pode ser de palha, arumã, taboa e cipó.

A confecção de cestos diz respeito ao conhecimento tecnológico, à adaptação ecológica e à cosmologia ou forma de concepção de mundo das comunidades indígenas tradicionais (Melatti, 2014). Portanto é marcado pela construção de experiências vivenciadas que são expressas de maneira artística e por isso devem ser confeccionados com material vegetal semi-rígido, flexível sendo utilizado posteriormente para realização de tarefas do cotidiano.

Ou seja, nos sociedades indígenas a escolha dos materiais para a construção do aturá é importante para o resultado final do objeto. No meu trabalho, o resultado final será a dissertação e parto do princípio que este seja o meu aturá. Desse modo preciso escolher os conceitos que me ajudem a desenvolver a pesquisa. Nesse momento de mudanças e transições, que entrelaçam pluralidade de pensamentos, ideias, conhecimentos, culturas, pessoas, é necessário lançar um novo olhar sobre o jeito de fazer Ciência.

Um dos fios que escolhi para entrelaçar o pensamento da pesquisa desenvolvida chama-se: Ecosistemas Comunicacionais. A base teórica desta perspectiva da comunicação está vinculada a área de concentração do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, da Universidade Federal do Amazonas (PGCCOM/UFAM), concepção que foi construída a partir das discussões do Grupo de Estudos e Pesquisa em Ciências da Informação, Comunicação, Design e Artes INTERFACES, responsável pela implantação do primeiro mestrado em Comunicação na região Norte, sob a liderança do Prof. Dr. Gilson Vieira Monteiro.

Dessa forma, sua inspiração com relação à comunicação passa pelos conceitos de autopoiese, de Humberto Maturana e Francisco Varela; teoria da complexidade, de Edgar Morin; Ecologia Profunda, de Fritjof Capra. Vale lembrar que existem outros conceitos entrelaçados, mas esses serão os mais utilizados, por mim, neste processo acadêmico. É preciso notar que os Ecosistemas Comunicacionais não rompem diretamente com o pensamento tradicional que compreende o mundo por meio do isolamento das partes que criam os fluxos comunicacionais, mas, sim, avançam, evoluem o pensamento, sem abandonar o que já foi criado, mas respeitando esses conhecimentos e entrelaçando com outros que, por fim, produzirão outros. O que se altera é uma atitude epistemológica, digamos assim, que busca conexões, ao invés de separações.

Essa perspectiva teórica possibilita compreender que a conceituação de Ecosistemas Comunicacionais passa por elementos dos pensamentos complexo e sistêmico, de maneira a considerar que o homem é parte da natureza e assim deve viver em equilíbrio com o planeta.

O sociólogo e filósofo, Walter Benjamin (2013) conseguiu perceber que o nascimento de um novo sensorium se formava no intervalo entre novas condições de produção e transformação ocorridas pelas novas tecnologias da comunicação e informação. Dessa forma, há uma aproximação de tudo aquilo que não está acessível às massas. Segundo o autor, as novas tecnologias permitem romper, transpor a distância da sociedade com os objetos de desejo do homem. Assim estabelecendo um sentimento de pertencimento que promovem novas relações sociais, novas formas de subjetividades e conhecimentos que se relacionam. Penso que isso se dá tal como se sentem os Índios, que se apoderam de espaços digitais para socialização e entretenimento.

Por meio das novas tecnologias e o conceito de sensorium, criamos uma nova compreensão de mundo, de tempo e espaço (MARTIN-BARBERO, 1997). Isso decorre

da mediação do estar Online ou Offline, acrescida dos fluxos e das tecnologias de comunicação e informação, como elemento primordial que busca compreender as multiplicidades comunicacionais acionadas.

O entendimento é que não podemos desconsiderar as tecnologias que mediam relações no espaço e no tempo, seja através do deslocamento físico ou da transmissão de mensagens através dos aparelhos de celular, ao mesmo tempo em que fixa no campo da comunicação voltado para as múltiplas realidades amazônicas. A comunicação como fenômeno que cria fluxos comunicacionais que interconectam ribeirinhos, índios, comunidades tradicionais da Amazônia com qualquer lugar do planeta.

Pensar a comunicação do ponto de vista dos Ecossistemas Comunicacionais implica dizer que a natureza não se separa do homem. Em diversas áreas da região amazônica, esse pensamento é comum, já que a relação com o ambiente é própria da constituição enquanto sociedade. Por isso, entende-se que os objetos de estudos não podem ser analisados por um recorte e nem independentes do seu ambiente compreendendo a importância de analisar o sistema de forma complexa (MONTEIRO; COLFERAI, 2016). O ecossistema é visto enquanto fenômeno, marcado pela interdependência entre os vários sistemas que são compostos em seu ambiente, que realizam conexões internas e externas em constante movimento.

Nesse contexto, os processos de comunicação são entendidos a partir da complexidade envolvida nas relações entre os diferentes sistemas, que dão vida às práticas comunicativas. Isso ocorre, sem esquecer de considerar o ambiente em que está acontecendo o fenômeno comunicativo. Esses são aspectos que devem ser percebidos por qualquer cientista do mundo

Vale ressaltar, assim, que os processos comunicacionais são apreendidos e investigados, não a partir do isolamento de suas partes, mas da diversidade de redes de fenômenos entrelaçados e interdependentes, respeitando as diferentes instâncias da cultura. Esse processo exige do pesquisador andar por várias áreas do conhecimento, a fim de não cometer erros que prejudiquem a pesquisa.

Devido ao distanciamento dos grandes centros e da condição periférica, que dificulta os processos econômicos, sociais e culturais na região, é possível entender a Amazônia como é uma metáfora para se visualizar a perspectiva dos ecossistemas comunicacionais. Para se ter uma ideia, quem detém os saberes da floresta são as comunidades tradicionais ou, no caso da pesquisa, os Índios. Então, entender os

ecossistemas comunicacionais é se emaranhar nas diversas barreiras naturais da região.

Colferai (2014, p.42) explica:

As diversas nuances da comunicação e da região se impunham com cada vez maior força para considerar as questões que surgiam a partir das multiplicidades amazônicas, sem compartimentações e deixando de lado as barreiras impostas disciplinarmente. Agora estes elementos são acionados para a leitura que faço do Ecossistema Comunicacional. As ideias convergem para uma leitura do Ecossistema Comunicacional a partir de sua complexidade para apreender uma realidade em que natureza e sociedade devem ser consideradas não como partes, mas como multiplicidades que se impõem para a abordagem da Comunicação na Amazônia.

Nesse contexto, o autor Sandro Colferai se aproxima do pensamento complexo do filósofo e sociólogo francês, Edgar Morin (2007). Este último explica que o todo é mais que a soma das partes. Para explicar isso, ele usa o exemplo da tapeçaria:

Tomemos uma tapeçaria contemporânea. Ela comporta fios de linho, de seda, de algodão e de lã de várias cores. Para conhecer esta tapeçaria seria interessante conhecer as leis e os princípios relativos a cada um desses tipos de fio. Entretanto, a soma dos conhecimentos sobre cada um desses tipos de fio componentes da tapeçaria é insuficiente para se conhecer esta nova realidade que é o tecido, isto é, as qualidades e propriedades próprias desta textura, como, além disso, é incapaz de nos ajudar a conhecer sua forma e sua configuração (MORIN, 2007, p. 103)

Para explicar melhor, os Ecossistemas Comunicacionais representam uma nova forma de abordagem que considera a recursividade do homem com a natureza e que se desenvolve a partir da região mais rica em vida, em biodiversidade e multiculturalismo do planeta. É um pensamento no campo da comunicação que vêm sendo construídos coletivamente, através da união de diferentes disciplinas, entre elas: ecologia, comunicação e semiótica. Ou seja, a transdisciplinaridade está na gênese do estudo criado e da proposição teórica adotada. Na prática cotidiana, os ecossistemas comunicacionais possibilitam é a visão sistêmica do mundo e transdisciplinar da ciência, ou seja, a observação mais integral, com reconhecimento da interligação de diferentes sistemas e compreensão da profundidade e particularidade das interações criadas.

O funcionamento dos ecossistemas comunicacionais é complexo e gera, como produtos, interações que permitem a análise dos processos comunicacionais por um ângulo diferente do convencional. Por isso, existe uma grande dificuldade de compreender e analisar as relações complexas que se estabelecem no interior dos ecossistemas comunicacionais, limitando assim a percepção do observador sobre determinado contexto a ser estudado.

Desse modo, ressalto que a comunicação é pensada aqui de forma integrada e conjunta, constituindo-se a partir de uma visão sistêmica do mundo. Nesse sentido,

considera-se o ambiente cultural, a forma de falar, a natureza, o ecossistema todo, baseando-se na própria ecologia, compreendendo que tudo se comunica, gerando interpretação e construção de novos signos, para além de mensagens que fluem em sentidos previamente direcionados. O acionamento dos ecossistemas comunicacionais ligado às novas tecnologias busca alcançar uma aproximação efetiva e afetiva entre o ser humano, no sentido biológico e social, o ambiente, tanto como presença física e como por construção de narrativa, e as novas tecnologias de comunicação que causam uma expansão da comunicabilidade, assim explica Colferai (2014, p. 12):

Trata-se do acoplamento entre o indivíduo e o ambiente que, por continuidade, torna possível extrapolar os limites corporais e expandir o sistema nervoso e sensibilidade através da ação dos aparatos tecnológicos. Se é estranha às sociedades letradas ocidentais, esta amplificação do mundo e de si parece encontrar na Amazônia e, é possível inferir, em outras sociedades que atuem a partir de lógicas não-ocidentais, repercussões e usos que não são plenamente alcançados por abordagens científicas que opõe o ser humano ao ambiente.

Este pensamento está em consonância com a abordagem sistêmica, pois propriedades das partes só podem ser compreendidas a partir da organização do todo. O pensamento sistêmico é o oposto do pensamento analítico, visto que, na análise, há separação das partes e isolamento de cada uma delas para entendê-la; o pensamento sistêmico é “contextual”, coloca cada parte no contexto construindo uma totalidade maior. “De acordo com a visão sistêmica, um organismo, ou sistema vivo, é uma totalidade integrada cujas propriedades essenciais não podem ser reduzidas às de suas partes. Elas surgem das interações e relações entre as partes.” (CAPRA; LUISI, 2014).

A perspectiva dos Ecossistemas comunicacionais permite uma ampliação da compreensão dos processos comunicacionais, porque os considera em entrelaçamento intenso com vários outros sistemas de produção de sentido e de vida, em sentido mais amplo. Trata-se, aqui, de perceber a comunicação não apenas de forma linear e isolada, como foi proposto pelos modelos tradicionais de comunicação, que propunham o fluxo de informações, na linearidade da interação Emissor – Mensagem – Receptor, ocasionando uma percepção diferente sobre a comunicação, sobre o fazer científico no campo da comunicação, sobre o próprio pesquisador e o ambiente amazônico.

Um dos desafios de pensar a comunicação de forma ecossistêmica é que não há método definido para estudar os fenômenos, já que consideramos a perspectiva do olhar do pesquisador, por isso é compreensível que na complexidade da Amazônia e do mundo os ambientes comunicacionais se modifiquem de acordo com cada pessoa.

Assim, é preciso aceitar a versatilidade contínua das pesquisas em comunicação para então não cair nas armadilhas da ciência moderna que nos prende as linearidades e pensamentos cheio de racionalidades, logo o pesquisador precisa ficar vigilante não aos fios ou trilhas percorridas mas aos traçados e conexões que o objeto faz brotar, que na visão hegemônica da ciência seriam deixados de fora da pesquisa (MONTEIRO; COLFERAI, 2015). A perspectiva ecossistêmica reconhece a importância da criatividade no processo de pesquisa. É nessa mesma reciprocidade que acontecem os estudos dos ecossistemas comunicacionais; o pesquisador necessita presenciar e viver o objeto de estudo.

Em um dos encontros do grupo de pesquisa Interfaces o professor, Gilson Monteiro explicava que, na abordagem dos ecossistemas comunicacionais, as pesquisas não precisam necessariamente fazer um recorte que decepe o objeto do ambiente em que está inserido. É necessário, sim, fazer um acompanhamento mais reflexivo sobre o objeto, a fim de acompanhá-lo em seus diversos movimentos e interconexões.

De maneira mais abrangente, os Ecossistemas Comunicacionais são importantes para o desenvolvimento científico na região, traduzindo em crescimento social, econômico e cultural para todos. Esta pesquisa contempla, então, o potencial transformador do pensamento sobre a Amazônia, consolidado, pelo pensamento de alguns, no sentido de que aqui não produzimos Ciência. Ora se a Floresta Amazônica é vista, por um lado apenas como um pedaço de terra com bastantes recursos naturais, temos o dever mostrar que possuímos o saber necessário para estruturar o progresso, de acordo com as perspectivas da própria região. É preciso demonstrar que a condição ecossistêmica da região é rica em potência de produção do conhecimento, justamente pela condição inerente das múltiplas conexões e desafios constantes à superação. Outro aspecto é que a produção do pensamento ecossistêmico da comunicação também tiraria a Amazônia de um isolamento comunicacional e socioeconômico a qual estamos submetidos. Assim, vale a explicação:

Tornar efetivo um pensamento do sul passa necessariamente pela superação de pré-concepções segregadoras que criam periferias do conhecimento. Historicamente uma dessas periferias é a Amazônia, desde o processo de independência do Brasil de Portugal e nas condições em que se deram a adesão da Amazônia à secessão. Tais condições levaram a situações que desde então colocam a região à margem e em condições históricas-políticas-econômicas-culturais que a distanciam do poder central nacional, ressaltando desigualdades e assimetrias. (COLFERAI, 2014, p.20).

Com isso podemos deduzir que os Ecosistemas Comunicacionais partem do princípio do que Boaventura (2010) chama de Epistemologias do Sul, pois surge como uma alternativa de reaproximação dos cientistas com os saberes tradicionais da Amazônia, que são constantemente esquecidos pela ciência moderna. Ao longo da modernidade, a produção do conhecimento científico foi configurada por um único modelo epistemológico, como se o mundo fosse monocultural, que descontextualizou o conhecimento e impossibilitou o surgimento de outras formas de saber não redutíveis a esse paradigma. Em outras palavras, apesar de o mundo ser múltiplo e variado no tocante às culturas, ao longo de toda a modernidade imperou uma forma de produção de conhecimento pautada pelo modelo epistemológico da ciência moderna. Essa soberania epistêmica sufocou a emergência de formas de saber diversos do modelo vigente.

É necessário então novas formas de olhar o mundo, de propor, a partir da diversidade, um pluralismo epistemológico que reconheça a existência de múltiplas visões que contribuam para o alargamento dos horizontes, de experiências e práticas sociais e políticas alternativas. O próprio autor explica o que é chamado de epistemologias do sul:

Trata-se do conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam a supressão dos saberes levada a cabo, ao longo dos últimos séculos, pela norma epistemológica dominante, valorizam os saberes que resistiram com êxito e as reflexões que estes têm produzido e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos. A esse diálogo entre saberes chamamos ecologias de saberes (SANTOS; MENESES, 2010, p. 7)

As Epistemologias do Sul são uma proposta que denuncia a lógica que sustentou a soberania epistêmica da ciência moderna, uma lógica que se desenvolveu com a exclusão e o silenciamento de povos e culturas que, ao longo da História, foram dominados pelo capitalismo e colonialismo.

Logo a abordagem dos Ecosistemas Comunicacionais encontra abrigo no pensamento de Boaventura, pois é impensável, por exemplo, conhecer ou discorrer sobre sustentabilidade, preservação da biodiversidade sem analisar formas de conhecimento camponesas e indígenas que, paradoxalmente, se encontram ameaçadas e abandonadas pela ciência moderna. O pensamento ecossistêmico da comunicação defende a ideia como forma a solucionar problemas e dificuldades científicas da região amazônica, buscando o reconhecimento do pensamento no Brasil e para o mundo, assim como é reconhecida a importância da floresta para todos do planeta.

A pesquisa realizada está de acordo com a visão descrita acima a partir do momento que produz conexões, nós com diferentes formas de pensamento, levando em consideração a importância da região Amazônica, essa entrelaçada principalmente com os saberes tradicionais dos povos indígenas. Ou seja, a própria Amazônia serve de alicerce para um ecossistema com múltiplos sistemas (culturais, sociais, naturais, tecnológicos) que convergem dialogicamente para o funcionamento de um todo.

Nesse sentido, devem ser incluídos os povos da floresta, que seriam constantemente deixados de fora em análises dos circuitos da comunicação e que possuem ensinamentos primordiais para o completo entendimento dos processos sociais e dos fenômenos da comunicação. Afinal a floresta Amazônica é complexa por natureza.

CONSTRUINDO MEU ATURÁ CIENTÍFICO

Estando em conformidade com o pensamento da nova ciência, consideramos que na comunicação pensada de forma ecossistêmica é impossível no fazer da pesquisa científica dissociar pesquisador e objeto, pois ambos participam do processo entrelaçando-os, ora Capra (2006) já anunciava a crise de percepção do mundo atual e que a solução para esse perigo seria percebermos que no mundo tudo está interligado, logo muito do meu fazer científico está presente na pesquisa, bem como meu jeito, meu modo de viver e ver o mundo.

Estou apenas seguindo as tendências contemporâneas de mudança do pensamento científico tradicional e rígido, para a concepção que a Ciência é também sentimento, é também envolvimento do “Eu” na pesquisa. Nesse sentido, me resguardo através da perspectiva dos ecossistemas comunicacionais para criar minha subjetividade em relação às teorias em conjunto com o processo de descoberta e a produção investigativa, ou seja o entrelaçamento de pensadores diversos realizado no trabalho, no que venho a chamar de aturá é a minha inserção na pesquisa de acordo com a minha interpretação no processo da pesquisa científica.

A princípio, é difícil perceber ou entender os Ecossistemas Comunicacionais. Trata-se de um processo que exige desconstrução, vários pensamentos construídos ao longo da nossa existência enquanto estudante e ser social; porém, aos poucos, vivendo, sentindo e estudando, a abordagem se tornou mais leve e menos rígida, e facilitou o entendimento do conceito.

Ao olharmos a floresta do alto, acompanhamos uma imensidão de verde a perder de vista, o que, regionalmente, chamamos de “tapetão” verde. Porém se enxergamos mais de perto percebemos que a diversidade da floresta faz com que cada árvore de diferentes formas, tamanhos e características se entrelacem, formando um sistema que se relaciona com outros animais, outros gases e outros organismos. Criando assim, o que a biologia chama de ecossistema. Numa visão macro é uma floresta verde. Aproximando a visão percebemos que a floresta é mais que um conglomerado de árvores com características específicas. E cada uma delas com especificidades próprias compondo um ecossistema perfeitamente equilibrado (BATISTA, 2007).

No exemplo acima, é fácil compreender que nossa visão reducionista para buscar respostas científicas implica dificuldades, já que uma árvore não explicaria toda a floresta e suas implicações, assim como toda a floresta esconde todas as particularidades de uma única espécie. Depois do processo de desconstrução pessoal é a hora de construir um novo pensamento, de ocupar o espaço que ficou vazio. Então comecei a perceber que os autores que utilizei estavam conduzindo meu pensamento e por admiração e respeito aos saberes dos povos da floresta compreendi que como amazônida que sou, com ancestralidade indígena estava tecendo, costurando, entrelaçando um aturá. Um cesto indígena não feito com cipó, fibras, mas com pensadores da ciência contemporânea que exigem a mesma paciência, segurança, sensibilidade e sabedoria dos Índios para entrelaçar corretamente cada fio que resultará em novos conhecimentos.

*Quando a sociedade brasileira aprender a respeitar
a diversidade e entender que o país não é
homogêneo, e sim multiétnico, a paz será mais
promissora e muitas angústias relativas à origem
das pessoas serão diluídas. Igualdade e diversidade
andarão de mãos dadas!*

Edson Kayapó

CIBERCULTURA, AMAZÔNIA E RÁDIO A TOCAR

No mundo multimidiático contemporâneo, no qual várias informações nos atravessam diariamente, nós buscamos leituras, imagens e informações em nossos celulares, em uma complexa trama comunicacional. Nesse contexto, a Amazônia é um mundo a ser pesquisado, estudado, um mundo de informações a serem descobertas. Por sua vez, o rádio é uma mídia muito importante, na divulgação dessas informações num ambiente como o que vivemos. Por isso, neste capítulo, imaginei essas temáticas como fibras, usadas para entrelaçar assuntos, pessoas, imagens numa pesquisa. E o primeiro assunto que trataremos é o mundo cibernético, presente em nosso cotidiano.

De maneira geral, a realidade que vivemos hoje é a da cibercultura, que constitui o novo momento histórico em que a base de todas as relações se estabelece através da informação e da sua capacidade de processamento e de geração de conhecimentos. Chega a ser difícil imaginar uma sociedade sem os aparatos tecnológicos que facilitam nossos afazeres do dia a dia, compras, pagamentos, procura de documentos, entretenimento, viagens na internet encontramos tudo que quisermos, basta estar conectado. A fascinação que as tecnologias começaram a exercer sobre as pessoas faz-nos refletir sobre seus impactos nas sociedades contemporâneas, por meio da introdução desse novo tipo cultura tecnológica, que surgiu logo que nos apropriamos da internet.

Como os conceitos são, aparentemente, novos, temos que ter cuidado para não confundir cibercultura como uma subcultura particular ou a cultura de algumas tribos. Ao contrário, a cibercultura é uma nova forma de cultura, um tipo de convergência, cuja transformação cultural se dá à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos. “Entramos na cibercultura como penetramos na cultura de massas, há alguns séculos. A cibercultura não é uma negação da oralidade ou da escrita, ela é o prolongamento destas” (LEMOS, 2008).

Assim, a palavra ciberespaço especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamentos e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LEVY, 1999, P.17).

Percebe-se, assim, que as novas tecnologias estabeleceram novas formas de reunião social. A cibercultura, resultante da conexão entre os elementos característicos da sociedade contemporânea e os avanços tecnológicos, é caracterizada pela

digitalização da linguagem, como afirma Lemos (2008, p.78): “[...] o código digital da linguagem fez crescer uma nova vida no coração da antiga, aquela dos signos, da cultura e da técnica”. Isso nos leva a refletir sobre se estaríamos passando por um processo de universalização da cibercultura, na medida em que estamos dia a dia mais imersos nas novas relações de comunicação e produção de conhecimento que ela nos oferece, já que, em outras palavras, a cibercultura produzida no ciberespaço é uma nova forma de comunicação que surge da interconexão de computadores. É um espaço que existe entre computadores, quando há uma conexão entre eles que permite aos usuários trocarem dados.

É quase uma necessidade, as pessoas através das redes sociais encontraram nos aparatos tecnológicos de comunicação instantânea um ambiente propício para disseminar todo e qualquer tipo de conteúdo, informação e comunicação na internet. Esse tipo de comportamento criou um novo tipo de diálogo entre nós, seres humanos. Com isso o ciberespaço emergiu, cresceu interconectando computadores de diversos locais do planeta, guiado por três princípios básicos e necessários: a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva. Quando postamos algo na web o alcance é mundial e a interatividade pode se restringir a um ambiente local, mas pode atingir qualquer pessoa que esteja a quilômetros de distância. As comunidades virtuais “são construídas sobre afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos em um processo mútuo de cooperação e troca” (LÉVY, 2014,p.123).

O autor faz importantes reflexões acerca de interatividade e ciberespaço. Ao sinalizar a interatividade das distintas mídias, acena para a grande potencialidade interativa do ciberespaço. “A comunicação por mundos virtuais é, portanto, em certo sentido, mais interativa que a comunicação telefônica, uma vez que implica, na mensagem, tanto a imagem da pessoa como a da situação, que são quase sempre aquilo que está em jogo na comunicação” (LÉVY, 2014, p. 83).

Cada pessoa com acesso à internet faz parte do ciberespaço quando troca informações, compartilha dados, publica alguma informação, enfim quando usa a estrutura técnica. De maneira geral pode-se dizer que, ao se conectar o indivíduo está presente no ciberespaço (MARTINO, 2015, p29). Esse “entrar” na internet alterou nosso modo de interação, a interatividade introduzida através computador pessoal é a marca dessa cultura, cada um pôde se tornar produtor, criador, compositor, montador, apresentador, difusor de seus próprios produtos. Com isso, a sociedade de distribuição piramidal, ou seja dos meios de comunicação para as pessoas, começou a sofrer

concorrência da sociedade fortalecendo a cibercultura (SANTAELLA, 2003), por isso este fenômeno transformou a forma de comunicarmos.

Outra característica do ciberespaço é a possibilidade da combinação de vários dispositivos e interfaces interativos, que favorecem a co-construção, tais como: o correio eletrônico, as conferências eletrônicas, o hiperdocumento compartilhado, os sistemas avançados de aprendizagem ou de trabalho cooperativo.

A percepção de tempo e espaço também ganhou novos entendimentos, no contexto contemporâneo. Lévy (2014, p.87) afirma que: “É virtual toda entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular”. Isso porque, com o ciberespaço, conceitos a respeito de “mundo virtual” e “mundo real” não se opõe, não estão desconectadas. Virtual não se opõe ao real, nem ao material. Ainda que não esteja fixo em nenhuma coordenada de tempo e espaço, o virtual existe, ele é real, mas está desterritorializado. Na verdade, ele ocupa apenas um espaço físico menor: o computador. Sendo assim, o computador se tornou mais que uma ferramenta de produção de sons, textos e imagens é um operador da virtualização. Algumas vezes o mundo real e virtual estão apenas desterritorializados em locais distantes e diferentes, porém podem estar completamente conectados mantendo algum tipo de relação.

Aquilo que mais chama atenção na obra de Pierre Lévy, entretanto, são suas proposições acerca da nova relação que o homem estabelece com o saber, agora que está imerso na cibercultura. O ciberespaço amplifica, exterioriza e modifica funções cognitivas humanas como o raciocínio, a memória e a imaginação. A maioria dos contribuintes de cibercultura são anônimos e amadores dedicados, que melhoram constantemente as ferramentas de software de comunicação. As conexões articuladas em cada ideia ou conhecimento, que surgem através de interação entre usuários do ciberespaço, são referidas, por Pierre Lévy (2014), como “inteligência coletiva” que é a teoria utilizada na pesquisa, por acreditarmos na diversidade de pensamentos, que articulam qualitativamente entre usuários que em trocas constantes transformam e adaptam novos conceitos.

A inteligência coletiva pode ser considerada a finalidade última do ciberespaço, pois ela descreve um tipo de inteligência compartilhada que surge da colaboração de muitos indivíduos em suas diversidades. “É uma inteligência destruída por toda parte,

na qual todo o saber está na humanidade, já que, ninguém sabe tudo, porém todos sabem alguma coisa” (LÉVY, 2014,p.215).

A interatividade possibilitou esse compartilhamento de saberes que ocorre no ciberespaço. Wikipédia, google são reais exemplos de espaços de busca de informações que podem ser compartilhadas, gerando ideias a serem desenvolvidas a partir de determinado assunto e que podem germinar trocas de experiências para desenvolver o assunto discutido. Atualmente mesmo com Google sendo uma empresa mundial com desdobramentos econômicos em todo o mundo, as trocas e conexão de conhecimento têm ganhado fôlego nas redes sociais presentes cada vez mais na rotina dos cidadãos. A necessidade de comunicar e conhecer tem levado milhões de pessoas a utilizarem várias interfaces de comunicação, tais como o messenger, facebook, Twitter, Skype, WhatsApp entre outras. Estas plataformas de comunicação têm evoluído de tal forma, que se passou de uma comunicação textual para a comunicação com imagem e som em tempo real, podendo estar ligado a uma série de informação.

As redes sociais podem ser definidas como grupos de pessoas que mantêm interesses comuns, representados por relacionamentos afetivos ou profissionais entre si, em forma de rede ou comunidade. O estudo das redes não é algo novo. Como observa Recuero (2009), sempre foi objeto de estudos de cientistas em séculos anteriores. Entretanto, com o advento da comunicação mediada pelo computador, mais do que permitir comunicar-se, as redes sociais amplificaram a capacidade de conexão entre indivíduos. As redes sociais são projetadas para permitir a interação social a partir da criação, compartilhamento e descentralização de informações nos diversos formatos eletrônicos, possibilitando a interação entre as pessoas. Seu objetivo maior é o compartilhamento de conteúdo, sendo que as relações pessoais na rede ficam em segundo plano. A descentralização de conteúdo promovido pelas redes sociais possibilita uma circulação maior de informação na rede. Podemos dizer que, quando uma rede de computadores conecta uma rede de pessoas ou organizações, isso é rede social (RECUERO, 2009). Assim, as redes sociais na internet, que vingaram através da cibercultura, possibilitam uma interconexão condicionada a comunidades virtuais que geram compartilhamento de informação. É um espaço para inteligência coletiva em potencial, os recursos estão presentes e a forma como a utilizaremos influencia bastante neste caso.

As reflexões em torno do pensamento de Pierre Lévy relacionadas à “inteligência coletiva” a partir da construção do pensamento compartilhado utilizando a

internet são refutadas por alguns pesquisadores, quando se considera a questão da exclusão digital. Em contra partida, é inegável os avanços do mundo cibercultural nas comunidades indígenas, jovens índios interagem constantemente com dispositivos móveis de comunicação. Ainda que a cibercultura não seja uma verdade universal, a internet nos sugere um caminho sem volta; portanto, trata-se de fenômeno que precisa ser acompanhado. Os saberes construídos no atual mundo indígena têm muito valor, com o advento do ciberespaço, o saber articula-se à nova perspectiva do homem, em função das novas formas de se construir conhecimento, que facilitam o acesso à informação. No caso da realidade amazônica, o ciberespaço acaba se tornando um recurso potencializador, no sentido da realização e divulgação de pesquisas científicas e no meio social retira comunidades ribeirinhas e cidades, distantes dos centros urbanos, do isolamento socioeconômico, ajudando a difundir e perpetuar na internet o cotidiano indígena.

PENSAR A REGIÃO AMAZÔNICA

O cientista que estuda e desenvolve pesquisa na Amazônia tem a necessidade e obrigação de conhecer a região, a fim de produzir resultados que tragam benefícios à própria região a partir dela mesma; temos que conhecer a região tão falada no Brasil e no mundo e serem os primeiros a deter esse conhecimento. Assim, podemos dar uma contribuição para a construção de uma nova sociedade, com mais autoestima e mais conhecimento.

Fazer ciência na Amazônia, a rigor, não difere totalmente do fazer ciência em qualquer outro lugar - espaço social, cultural ou histórico. Como já vimos, a ciência tradicional possui regras universais no que tange à procura, à investigação e à produção de pesquisas. Gerar ciência com essas regras tradicionais torna o trabalho mais difícil, quase chato, pois a região é complexa por natureza unindo imensidões de povo, rios, verde, animais silvestres. Pesquisas que considerem a Amazônia complexa e diversificada ajudam a transformar a visão de uma região problemática, para uma região estratégica porque concebem por um melhor conhecimento sobre o local.

O professor e jornalista, Manuel Dutra, no livro *A natureza da mídia: Os discursos da Tv sobre a Amazônia a biodiversidade e os povos da floresta*, sinaliza para visão complexa da região, quando se refere à Amazônia como um caleidoscópio, que transporta os sentidos de um espaço histórico sobre o qual produzem os mais diversos tipos de sentidos. No decorrer do livro ele explica as diversas “amazônias” que

coexistem no mesmo território e que são analisadas a partir de narrativas divergentes ou fragmentadas feitas pela mídia.

Distinta entre outros lugares, a Amazônia, como enunciado catalisador de múltiplos discursos, mantém e realça fragmentos daqueles sentidos que podemos considerar como fundadores dos relatos das descobertas, produtos e produtores de uma polarização instituída por práticas discursivas que estabelecem uma lógica dicotômica que dá visibilidade aos recursos naturais e, no mesmo processo, promove a invisibilidade humana. No interior dessa bipolaridade se estabelece como que um campo discursivo no interior do qual se torna presente a disputa e se fabricam novos sentidos. A Amazônia, entendida como espaço físico-geográfico e humano, não constitui algo homogêneo nem um vazio. Aqui sobrevivem grupos aos quais a mídia, com frequência, chama de “povos da floresta”, às vezes “povos da Amazônia”... (DUTRA, 2009,p.21)

Não à toa pesquisadores que vêm estudar a Amazônia chegam contaminados com um olhar estereotipado, sem enxergar as singularidades de cada local, de traços específicos que nos torna atraentes para diversos tipos de pesquisas. O autor conclui então que, nas narrativas da imprensa, o discurso é voltado para a Amazônia não urbana:

Detendo-se nos seus aspectos naturais, até contrapondo cultura e natureza, como se a região fosse apenas natureza e não também cultura. Ou, ao mesmo tempo, refazendo à exaustão, a produção de imagens mostrando os povos originários como congelados no tempo, ou “povos sem história. (DUTRA, 2009, p.259)

Nesse contexto, percebe-se equívocos ocasionados por essas narrativas, em questões sócio-políticas e econômicas na região. Por exemplo, temas relacionados a questões ambientais ganham diferentes contornos na Amazônia. A mesma palavra tem diferentes significados para um assessor de imprensa da empresa Vale, que difere do pescador ribeirinho, que não é igual das ONG's ambientalistas que militam na região, que distingue do pensamento do pesquisador. Dessa forma, o pesquisador que pesquisa a Amazônia terá que estar de posse desses suportes teóricos e informativos, a fim de não ser traído pela vulgarização de termos multifacetados e que podem transformar o pesquisador em mero repassador de contradições, interesses diversos.

Alguém já observou o Greenpeace, por exemplo, empenhando-se em denunciar ao mundo a pobreza dos povos originários e dos ribeirinhos da Amazônia? Esta multinacional do ambientalismo, assim como outras, denuncia a construção de hidrelétricas e a devastação das florestas. Mas esquecem (raras são as exceções) a pobreza amazônica que contrasta com a exuberância de seus recursos. Esses conceitos centrais do ambientalismo são gestados nos centros hegemônicos de pesquisa científica, no países onde se localiza a biotecnologia,

conceitos que são impostos a muitas Ongs e governos dos países detentores dos recursos naturais que os recebem de modo acrítico. (DUTRA, 2009, p.139)

Um exemplo interessante envolvendo a falta de uma percepção mais complexa da Amazônia e os resultados desse pensamento podem ser notados na história que causou bastante desconforto e manifestações por parte de pesquisadores, indígenas e ong's. Dráuzio Varela uma vez visitou a região, para fazer uma reportagem para o Fantástico, programa dominical da rede Globo. Ele estava no Rio Solimões, guiado por um descendente indígena, coletando folhas e essências vegetais para levar para São Paulo, sendo que, antes ele afirmara: “nós não temos nada a aprender com os índios”. No programa, ele ainda afirmou que as folhas coletadas e os óleos vegetais só se tornariam remédios depois de transformados nos laboratórios. Percebemos, na fala, não apenas o desconhecimento com saberes tradicionais indígenas, como também uma abordagem totalmente impregnada da Ciência tradicional, distante do pensamento ecossistêmico e complexo, que é emergente e tão necessário no mundo contemporâneo.

Diante deste contexto de pensamentos sobre a Amazônia, a obra “Viagem das idéias”, escrita por Ernesto Renan Melo de Freitas Pinto (2008) apresenta tal discussão, visando facilitar o entendimento da Amazônia, apontando as distintas representações sobre esta região, resgatando artigos publicados pela imprensa entre os anos de 1997 a 1999. O livro mostra reflexões em torno da história das ideias e da formação do pensamento social na Amazônia.

O processo de formação do pensamento que construiu a Amazônia como um espaço natural e cultural vem, ao longo dos últimos cinco séculos, produzindo e continuamente reinventando, a partir de um conjunto relativamente limitado de ideias, as percepções que se tornaram as mais persistentes, dentro certamente do quadro mais amplo e diversificado da geografia do Novo Mundo.

Um outro aspecto que chama atenção de toda investigação, em torno do desenvolvimento da história das ideias sobre a Amazônia, é que esse processo tem envolvido uma gama bastante diferenciada de campos da ciência e do pensamento, mas tem se concentrado de forma especial em áreas como a da História Natural, da Geografia, da Antropologia.

Entenda que o nome “Viagem das idéias” se constitui de uma metáfora, ao sugerir que as ideias, ao percorrerem espaços próximos e distantes, conectam homens e épocas, em outras palavras as ideias viajam no tempo. Em algumas situações as ideias ganham outras interpretações diferentes de gerações anteriores e em certos momentos

singulares, elas ganham autonomia de se imporem como o sistema de pensamento predominante, a partir do qual se passa a sentir, a agir e a perceber o mundo das coisas e dos homens a partir dessas ideias.

De acordo com Cruz (2006, p.63), o modelo que orientou o processo de ocupação e apropriação da Amazônia, nas últimas décadas, esteve pautado na crença e na ideia da modernização como a única maneira de “desenvolver” a região, sem considerar o custo social, cultural e político. Essa prática pautada justificou um conjunto de condutas e representações, marcadas pelo colonialismo, que serviam e ainda servem para justificar a subalternização dos povos considerados tradicionais, ou mesmo as medidas que comumente são balizadas como “descobertas” científicas pelos pesquisadores mundo à fora.

Conforme sustenta Rocha (2006, p.146), não é possível entender a Amazônia sem conhecer, no passado e no presente da região, o genocídio dos povos indígenas, a exploração da mão de obra escrava e a devastação para gerar a riqueza que tem sido apropriada por tão poucos. Soma-se a isso a necessidade de desconstruir a ideia de que a Amazônia se tornou uma região atrasada e subdesenvolvida.

A Amazônia é complexa, abriga uma extraordinária diversidade de ecossistema de grupos sociais e peculiaridades locais. Gonçalves (2010, p.17) complementa, afirmando que, aparentemente, não é difícil caracterizar essa região, que é associada à imagem de uma grande área localizada no norte da América do Sul, cortada pela linha do Equador, com um clima quente e úmido, coberta por uma densa floresta tropical úmida, banhada por uma extensa bacia hidrográfica, habitada por uma população constituída por diversas populações e que abriga riquezas naturais e culturais incalculáveis. Essa imagem é resultado da construção histórica, ao longo dos anos, que está cristalizada na sociedade, seja por meio de livros, histórias, contos, estudos, meios de comunicação e literatura.

O diálogo entre diferentes culturas e saberes reforça a representação de que existem várias amazônias na Amazônia. Segundo Gonçalves (2010, p.09-10), há a Amazônia da várzea e da terra firme. Há a Amazônia dos rios de água branca e a dos rios de águas pretas. Há a Amazônia dos serrados e dos manguezais. Há uma Amazônia da mata e uma Amazônia desmatada. Há uma Amazônia do latifúndio, da grilagem e uma Amazônia do camponês que planta, do ribeirinho, dos povos indígenas. Tantas amazônias acabam se voltando a uma nova imagem sobre a Amazônia, a Amazônia

mediática, que denunciava o desmatamento e o perigo para o equilíbrio do planeta e mostra os conflitos de interesse na região, principalmente, os conflitos de terra.

Diante de variadas amazônias devemos escolher por aquelas que permitem melhores condições de vida, não só para os seus habitantes, mas também para os que dependem indiretamente da floresta em pé. Poucas são as regiões do mundo que nos remete defronte a essa possibilidade. Também devemos reconhecer que na obra “Viagem das idéias”, o autor deixar claro que em relação à Amazônia, a construção do país Brasil a enxergava como um vazio e um vazio complicado a ser incorporado ao todo nacional, que na realidade não chegou a existir.

Essa ideia de Amazônia vazia, para Pinto (2008, p.232), estava relacionada ao fato de que a identidade nacional não admitia que existissem agrupamentos e populações com vida cultural própria. Naturalmente, sabia-se que, na região, havia gente vivendo, mas, na formulação do vazio, essa gente não representava uma existência histórica capaz de integrar a ideia de nação. De maneira geral, essas ideias estão solidificadas no inconsciente coletivo das pessoas que vivem ou não na região e aparecem no conjunto de representações reais e imaginárias que denominam a presença da natureza despovoada, da paisagem sem homens e do colorido das formas naturais sem as tensões.

Esses pensamentos reforçam a ideia eurocêntrica de que a região amazônica vem sendo construída desde a chegada do colonizador europeu ao “novo mundo”. A obra “Viagem das idéias” complementa essa concepção, deixando transparecer em seu discurso introdutório que as ideias viajam através do tempo, o que fica claro nos relatórios de expedições, na cartografia, contribuindo para a formação de uma compreensão sobre a Amazônia.

As abordagens sobre a Amazônia e suas interpretações destacadas na obra “Viagem das idéias” não escapam de questões relacionadas com o racismo, o exotismo e o progresso. Em cada abordagem, em cada autor, tais questões podem se completar em diferentes gradações. Do ponto de vista da construção de uma identidade nacional brasileira, a Amazônia tem sido mobilizada como a representação mais acentuada e contrastada do atraso nacional, do primitivismo dos moldes de vida e da dificuldade maior da integração nacional. Pinto (2008, p.109), reforça que a ideia de pobreza durante muito tempo não apareceu associada às populações da Amazônia. Essa era a ideia de seus primeiros observadores e intérpretes. A pobreza, portanto, e as

representações do povo como um povo pobre são consequências dos processos recentes de dominação. As obras de ambos representam um momento privilegiado e rico do pensamento social sobre a Amazônia, pois além de contribuem com o processo de desenvolvimento regional, demonstram que as representações realizadas sobre a Amazônia desempenham um papel fundamental na dinâmica das relações sociais.

AMAZÔNIA EXPLORADA

As pesquisas realizadas na Amazônia revelam que o desafio na região é demonstrar que, juntamente com a natureza, os processos sociais são imprescindíveis para entender os contornos e rumos dessa região, ultrapassando barreiras naturais que vão desde chuva, rios, florestas e longas distâncias que dificultam o acesso a muitas áreas da região.

No artigo *Ecosystemas comunicacionais: uma visão prática* Gilson Monteiro (2011) e Jane Dantas apresentam os obstáculos para pesquisar a comunicação na região e como o rádio é um veículo importante que auxilia a comunicação em comunidades longes dos grandes centros urbanos, outro fato que contribui para agravar o problema da comunicação é a distribuição demográfica da população interiorana. A grande maioria vive longe dos grandes centros urbanos. Às vezes é preciso horas em motor de popa para se falar com o vizinho mais próximo. Em tais condições, o rádio desempenha papel fundamental nas comunicações.

No artigo os pesquisadores demonstraram como um programa de rádio é essencial para o compartilhamento democrático de informações relevantes para a comunidade dos meios mais eficientes para a comunicação com as áreas isoladas deste gigantesco estado. Contam a história do Programa Pesca Legal pela rádio Mel FM, no município de Tefé, que apresentava uma programação que mesclava música, informação, saudações aos ouvintes, pedidos e contribuições para o programa de rádio que era ouvido pelos pescadores em Tefé, Alvarães, Marañ e Uarini. Transmítia informações sobre o defeso das principais espécies de peixes da região, cursos de capacitação, épocas e documentos necessários para solicitar seguro-desemprego e seguro-maternidade. Assim a pesquisa comprovou que, a partir de um programa de rádio, é possível construir uma teia de comunicação que envolve cada participante num sistema comunicacional acoplado com outros sistemas para gerar conhecimento de maneira contínua, em formulação permanente e envolvendo cada vez mais pessoas.

O rádio surge nesse cenário como a grande propulsora da mudança social na esfera local, nas comunidades e nas cidades, assumindo características adequadas ao meio em que se realiza. Os pescadores de Tefé, assim como boa parte da população, não possuía acesso aos últimos suportes tecnológicos para apoio, mas essa realidade pode ter mudado nos últimos anos com a facilidade de acesso aos smartphones.

Outra experiência que demonstra a importância do rádio como meio mais popular e mais próximo das comunidades amazônicas é relatada no artigo *A comunicação radiofônica e a educação popular*. Rosa Luciana Rodrigues e Manuel Sena Dutra (2011) relatam as atividades de comunidades do baixo rio Solimões que usam o rádio como forma de comunicação aliados a educação desenvolvendo um ambiente propício a criatividade e liberdade de expressão. A comunicação radiofônica se apresenta como possibilidade real para desenvolvimento de experiências em regiões como a Amazônia. No Brasil temos uma preferência pela Televisão, como principal meio de comunicação do país, ou seja somos uma sociedade da imagem, a TV é que tomou o lugar central do público, mas na Amazônia o rádio se consolida em lugar privilegiado diante do atual contexto eletrônico. Entre os motivos disso está a grande riqueza das possibilidades de sua manifestação: pode estar no espaço digital da internet, nas chamadas webrádios, ou mesmo nas experiências populares com a instalação de alto-falantes em postes para a propagação de variadas programações. O custo é outro fator que também pode ser levado em consideração, afinal comprar um rádio receptor é bem mais barato que comprar uma TV ou um computador com acesso à internet. Assim o artigo aponta uma importante consideração, a comunicação radiofônica se mostra atual e pertinente no desenvolvimento de processos educativos que primem pela valorização da expressão popular na Amazônia.

INÍCIO DO RÁDIO NA AMAZÔNIA

Por conta da relevância do rádio, a seguir mostrarei um panorama histórico do meio de comunicação na região. O rádio chega no Amazonas nos anos 20, após de intenso desenvolvimento econômico, por causa da produção do látex - matéria-prima da borracha. Nesse período, Manaus era uma das cidades brasileiras mais desenvolvidas com grandes investimentos dos barões da borracha. Assim como em outros lugares do país, o rádio amazonense estava diretamente relacionado à política e seus altos e baixos permearam os principais acontecimentos políticos, econômicos e sociais do Brasil. Em 1925, O governador Ephigênio Sales deu início a era do rádio no estado do Amazonas levando esperança de dias melhores para população, dando atenção especial para a área da radiodifusão no Estado. O objetivo principal era difundir no interior cotações de produtos naturais, horários de barcos e outras informações de utilidade pública, além de divulgar realizações do Governo. A *Voz de Manaós*, como a rádio virá a ser conhecida, enfim inaugura a Era do Rádio no Amazonas. O rádio no Amazonas no início prestava um serviço comunitário de utilidade pública para as pessoas que saíam e chegavam a Manaus. Como a revista aponta, o rádio era responsável em informar horários de barcos e divulgar produtos e serviços para as cidades do interior. Até mesmo a promoção de empresários e políticos da época era feita.

O rádio no Amazonas já começa com cunho estatal, visando ser difusor de informações em uma época em que o Estado estava em pleno processo de desenvolvimento. Ephigênio Salles, fascinado pelos adventos tecnológicos de comunicação da época, tornou-se um dos maiores interessados pelo aprimoramento urbano de Manaus. Seu interesse fez com que buscasse recursos que viriam a expandir o sistema de radiotelegrafia existente na capital, desde 1910. Salles tinha em seus ideais a busca pela erradicação do analfabetismo. A Era do Rádio no Amazonas então começou nos primeiros dias de 1927. Os moradores da capital que viajavam nos bondes da linha Cachoeirinha podiam vislumbrar as edificações recém-inauguradas pela Amazon Telegraph, as quais tinham sido projetadas para abrigar uma estação radiofônica fabricada pela companhia inglesa Marconi, de Ondas Curtas, já adaptadas à execução de serviços de broadcast. A “Voz de Manaós” foi inaugurada na primeira quinzena de abril do ano de 1927. A emissora tinha como principal objetivo “transmitir para os municípios do interior dados e informações atualizadas das cotações e valorizações dos produtos naturais nas bolsas internacionais, a situação da moeda brasileira e o câmbio exterior” (NOGUEIRA, 1999, p. 39). Outro serviço importante realizado pela rádio era

o anúncio de chegada e saída das embarcações, além das realizações do governo estadual. Sua periodicidade no início era de três dias na semana: segundas, quartas e sextas-feiras. As transmissões aconteciam entre às 21:00 e 22:00. O crescente interesse da população da capital pela radiodifusão sonora levou o empresariado local a colocar no mercado receptores domésticos importados e com sintonizadores complicados, cujo alcance se prestava à captação dos sinais oriundos de estações de rádio do exterior.

O rádio serviu como ponte para compreender a Região Amazônica e preciso conhecê-la. Nessa região de dimensões continentais e dificuldades geográficas que isolam social, cultural, política e economicamente o homem amazônida, o bom e velho radinho de pilha ainda é o único companheiro de muitos indivíduos. Um paradoxo se apresenta quando dentro da mesma região, é possível encontrar alta tecnologia e desenvolvimento em meio ao progresso, como o pólo industrial de Manaus. E para acompanhar tudo isso, o homem da cidade precisa se manter informado sobre assuntos dos importantes aos corriqueiros, de maneira simples, rápida e objetiva. O rádio amazonense foi um dos mais importantes atores dessa trajetória de evolução, e agora na era digital, se faz multifacetado para dar conta desses públicos, considerando os diferentes interesses, desde o executivo até o ribeirinho do mais longínquo município. Em tempos de internet, esse rádio do país das Amazonas ganha dimensões mundiais e a floresta passa a ter voz e quebra todas as barreiras do geográfico.

Acabamos de perceber a relação do estado do Amazonas com o rádio na distribuição e produção de conteúdos, mas em tempos de celulares superpotentes quais as possibilidades ou como as pessoas foram se adaptando a essa nova realidade misturando tecnologia, comunicação e comunidades longes dos grandes centros. No próximo capítulo mostro o entrelaçamento das técnicas de um programa de rádio num ambiente digital feito por Índios da Amazônia.

A ideia de um progresso humano na história tem produzido um mundo esquizofrênico, com uma forte miopia cultural, em que não se percebem as diversidades sócio-culturais e a importância da natureza. As pessoas vivem vazias e cada dia mais individualistas, adoradoras do poder e do dinheiro, embebecidas pela vaidade, pela ganância e pela intolerância.

Edson Kayapó

COSTURAM UM ATURÁ DIFÍCIL DE SE ENCAIXAR

O que seria esse aturá difícil de se encaixar? São as diversas possibilidades que surgem quando os temas se misturam, se entrelaçam formando um pensamento novo, dinâmico que vá ao encontro da nova ciência e se distanciando do modo clássico de enxergar a pesquisa, considerando a transformação e as nuances que o caminho da pesquisa vai apontando.

De maneira genérica os Ecossistemas Comunicacionais consideram o envolvimento dos meios de comunicação com os seres humanos, sem deixar de perceber o ambiente em que estão inseridos. Como estamos na floresta tropical mais importante do mundo, esta questão se torna emblemática para o Brasil e, principalmente, para os amazônidas, que têm a possibilidade de cientificar saberes tradicionais que foram desenvolvidos e que foram repassados de geração a geração, como os cestos indígenas.

Fora os aturás (cestos artesanais) que metaforicamente me inspiraram para a construção da pesquisa, a cultura indígena é rica em diversidade, engenharia e respeito à natureza. Nesse sentido, corresponde ao que os pensadores que estudei no mestrado possuíam em comum: o pensamento complexo. Percebo que entrei em contato com pensadores de outros países do mundo, teorizando sobre ciências, humanidades e, aqui, próximo de mim, comunidades indígenas e comunidades tradicionais que realizam uma verdadeira trama complexa, para manter costumes e saberes presentes na memória das pessoas.

Essa trama complexa cheia de construção e desconstrução com entrelaçamentos de pessoas, questões culturais, cores, vida é representada por mim em um aturá, porque, nos meus estudos, entendo que faço um trabalho indígena, quando escolho materiais orgânicos, quando misturo, como eles, talas, bambus, raízes e desenho, de maneira artesanal, um objeto com utilidades diversas. No meu trabalho, eu escolho os autores, misturo e entrelaço os saberes pessoais com os teóricos e analiso ‘a costura’, para assim criar meu objeto meu aturá.

O artesanato indígena está arraigado na cultura brasileira. Com tantos anos de história e tradição, não poderia ser diferente, os cestos indígenas são produzidos por diversas etnias há muito tempo e cada uma delas tem um jeito próprio de fazer o trançado. Isso gera um aspecto bastante único e pessoal ao produto, esse pensamento é uma marca do pensamento ecossistêmico. Cada detalhe, dos cestos, revela um pouco da cultura daquele determinado povo, apresenta formas de diferentes sólidos geométricos, bem como, faixas com figuras geométricas. Estas figuras, no mesmo cesto se mantêm

conservando as mesmas características Provavelmente, os indígenas criaram o cesto, em função da necessidade de construir algo que facilitasse o transporte de frutas, caça ou até mesmo para armazenar alimentos (RIBEIRO, 1993). Com a vinda do homem branco, que passou a ocupar suas terras, o seu domínio, os indígenas foram forçados a criar alternativas para continuar a existir. Eram hábeis na construção de cestos e, conseguindo extrair tintas do meio em que viviam, passaram a colorir os cestos, tornando-os mais bonitos e chamando a atenção do homem branco que passou a utilizá-los como peças decorativas. As diversas figuras geométricas que os indígenas criam em cada cesto, através das tramas de fios, certamente apresentam significativas diferenciações, em relação as de algum tempo atrás, em consequência da evolução gradativa dos conhecimentos informais visto que o contexto em que vivem, modifica-se constantemente.

Seguindo essa linha de raciocínio, a pesquisa vai se desenhando a partir da lógica do aturá, ou seja os assuntos discutidos não estão distribuídos na forma linear de leitura, na qual os textos estão definidos e separados numa perspectiva cartesiana. Neste trabalho, as temáticas se organizam no desenrolar da escrita que se conecta numa lógica complexa de entrelaçamento dos fios de um cesto indígena.



Figura: 5 Já aprendemos sobre a metodologia utilizada, sobre a perspectiva dos Ecosistemas Comunicacionais e as teorias dos principais autores. Agora, Vamos entrelaçar?

FIOS NARRATIVOS ENTRELAÇADOS

Neste trabalho monitoramos a Rádio Tribos de Norte durante o período de julho a setembro de 2016, com o objetivo de analisar os materiais postados pelos participantes na rede social. A Rádio Tribos do Norte é um grupo de WhatsApp formado principalmente por indígenas. Ao todo são 256 participantes que é a capacidade máxima que um grupo na rede social comporta. Dentre os membros há 10 (dez) não-indígenas e os outros 246 têm descendência e autodeclararam-se Índios. O grupo é administrado por 17 pessoas sendo que a idealizadora da rádio é a indígena Kaynã Mundurucu. O diferente da Rádio Tribos do Norte é utilizar a rede social com marcas e características de uma rádio, desde a idealização do próprio nome do grupo criando assim, uma maneira peculiar de se comunicar juntando peculiaridades de ambas mídias.

Sem dúvida, o WhatsApp é um aplicativo fundamental de comunicação para a realidade indígena, devido à grande quantidade de compartilhamento de informação no grupo. Buscamos interpretar as principais mensagens que possuíam teor científico, proximidades com o trabalho pesquisado, que reverberavam discussões acaloradas e que continham a busca pelo reconhecimento cultural do próprio indígena. Nessa perspectiva conseguimos separar 20 mensagens, dois áudios e dois vídeos, somando um total de 28 arquivos, que trazem o cotidiano da rádio. Pensamos esse material, com base na lógica dos assuntos que se relacionam com os temas discutidos no trabalho: Cibercultura, Ecossistemas Comunicacionais e Amazônia e seus desdobramentos, a partir de uma rádio híbrida concebida por Índios da Amazônia brasileira. A intenção foi criar uma atmosfera de entrelaçamentos entre os assuntos e, assim, deixar claro que estamos delineando um aturá. A quantidade de compartilhamento de informação no grupo é enorme e, por diversas vezes, a principal dificuldade foi escolher o que era importante para o trabalho e elaborar uma discussão sobre os conteúdos. Dos 28 materiais utilizados, dois vídeos revelam o preconceito e o tratamento que os Índios recebem por parte dos empresários do agronegócio. Para que o leitor possa ter acesso ao conteúdo do vídeo, eu resolvi transcrever cada palavra pronunciada nos arquivos audiovisuais. Temos também 13 capturas de tela ou popularmente chamados de *prints* no qual se revelam os desmembramentos de assuntos corriqueiros ou de matérias noticiadas na Rádio. Dois áudios que demonstram bem a linguagem radiofônica presente no grupo, no material eles fazem chamada para entrevista e assinam a matéria, tal como vemos diariamente nos modelos das rádios tradicionais. Por fim, para completar os 28 arquivos temos 11 imagens/memes/figuras que são resultados do momento cibercultural que a

sociedade vive e é utilizado na Rádio Tribos do Norte. É comum nas redes sociais a presença de memes ou imagem que carregam uma infinidade de informação, contextualizando assuntos do dia a dia com o ambiente digital. A RTN também faz uso dessa comunicação.

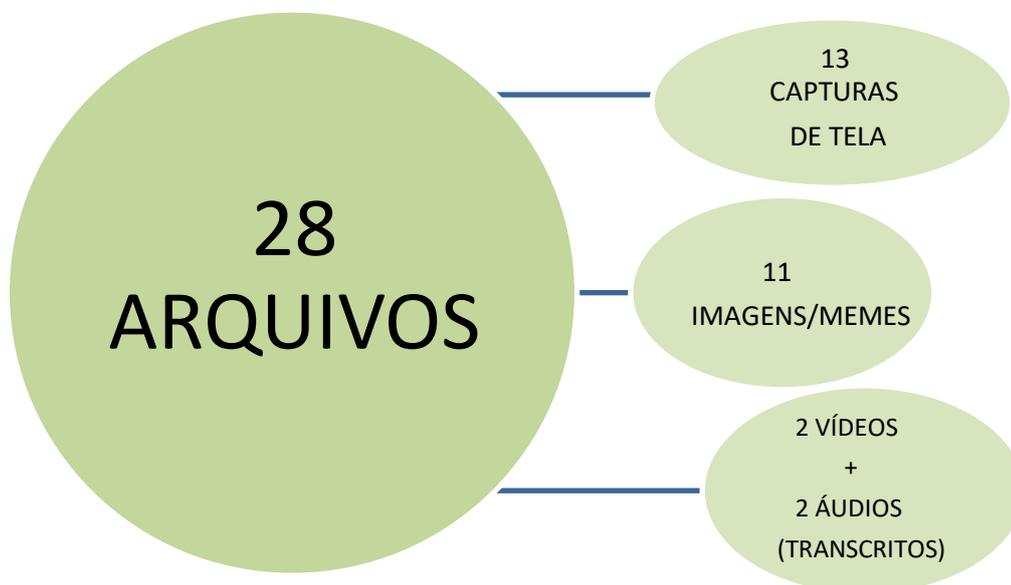


Ilustração 1: Arquivos utilizados na pesquisa

FIOS NARRATIVOS DE INTERATIVIDADE EM REDE

As redes sociais ganham, cada vez mais, um mascarado poder de persuasão, a partir do qual, através de um vídeo, imagem ou palavras, conseguem distorcer os fatos, assim levando a diferentes interpretações. Na RTN, o mais interessante disso é que, em algumas ocasiões, você é o radialista e, em outras, você faz parte do público que recebe a informação, é tudo muito próximo, muito conectado. Por isso, é importante entender como é esta interação entre grupo, administradores e público funciona, pois essa realidade existe e se torna possível por causa da possibilidade de acesso à internet, através dos smartphones, proporcionando buscas por informação, entretenimento e novas formas de se comunicar.

Por exemplo, no dia 03 de junho de 2016, o deputado do Deputado Federal Luis Carlos Heinze (PP/RS) expressa o que é conhecido por fundamentalismo ruralista de cunho racista e violento. Tendo como base um discurso de ódio contra os Povos Indígenas, ele gravou um vídeo de um minuto e trinta e seis segundos (1'36s), que eu

transcrevo abaixo. No vídeo, os escolhidos para serem ofendidos foram os Índios Tupinambá de Olivença, de Ilhéus/Bahia.



Figura: 6 Deputado faz vídeo contra a questão indígena, as imagens foram divulgadas na Rádio Tribos do Norte.

“Quero saudar a Associação de Pequenos Agricultores – ASPAIUB dos municípios de Ilhéus, Una e Buerarema. Nós estamos/continuamos trabalhando para desmontar a farsa da questão indígena. Agora com o novo ministro da Justiça, nós estaremos com ele na próxima semana para mudarmos a direção da FUNAI ... para acabarmos a ideologia, para acabarmos com as mortes que tivemos de pequenos produtores de todo o Brasil, inclusive desta região, produtores que foram assassinados barbaramente (...) Portanto, contem conosco. A CPI da FUNAI está desmascarando está gente. A PEC 215 vai continuar e com o novo Ministro da Justiça vamos dar uma nova direção para todos estes casos. As portarias e decretos de desapropriação ... estamos trabalhando para desmanchar muitos destes decretos e portarias (...) Portanto, contem conosco. Nós, lá do Rio Grande do Sul, queremos ajudar aos

produtores da Bahia e de todo Brasil que estão sofrendo por esta questão indígena, que está atrapalhando nosso país (...) Podem crer que agora estamos sob nova direção. Vamos levar este assunto também à um baiano e conterrâneo de vocês, Geddel Vieira Lima, que hoje está no Palácio do Planalto junto com Michel Temer”.

O vídeo foi divulgado na Rádio Tribos do Norte apenas no dia 13 de julho de 2017, algumas semanas depois da divulgação das imagens, na ocasião o vídeo foi mostrado no programa Manhã de Notícias apresentado pelo indígena Yuri Magno e que em alguns dias divide o programa com Kaynã Mundurucu. O programa, entre uma música e outra apresenta as principais notícias da cidade de Manaus e de cidades do interior do Amazonas, há espaço para interação quando os ouvintes pedem e oferecem músicas, porém excepcionalmente neste dia, 13 de julho, o programa foi tomado por uma intensa agitação por conta das palavras do deputado e o programa girou em torno deste tema.

No entendimento dos indígenas uma das primeiras dimensões que vem a tona na fala do deputado federal ruralista é que ele incita o acirramento à violência, ao racismo e ao ódio existente na região de Ilhéus, Una e Buerarema (Sul da Bahia) contra o Povo Tupinambá. Foi explicado no grupo que não são os Tupinambás que causam as situações de violência existentes na região, mas o discurso/ações propostas e efetuadas por pessoas como Heinze.

Outros questionamentos foram sendo desmembrados e lembrados por Índios mais próximos da Bahia, como por exemplo a demora na demarcação do Território Indígena do Povo Tupinambá um dos elementos geradores dos conflitos existentes. O Relatório Demarcatório do Território Tradicional Tupinambá foi concretizado pela FUNAI e publicado no Diário Oficial da União em abril de 2009. Porém, até o momento, mesmo após vencidos todos os trâmites jurídicos e administrativos, o ministério da Justiça e governo federal ainda não “assinaram” a demarcação.

Kaynã Mundurucu lembrou que o atraso na concretização da demarcação territorial Tupinambá é político e não jurídico e/ou administrativo. Uma demora proposital, que visa atender aos interesses econômicos dos ruralistas e que tem gerado violência, mortes, agressões (física e moral), ameaças, criminalizações e prisões de Tupinambá,

O discurso do deputado foi dirigido à Associação de Pequenos Agricultores de Ilhéus, Una e Buerarema – ASPAIUB que, por vezes, tem radicalizado seu discurso contra a demarcação territorial do Povo Tupinambá.

Por isso, o deputado Luis Carlos Heinze, incentivando a luta contra a demarcação do Território Tupinambá e todos Territórios Indígenas brasileiros, também incentiva o ódio, racismo e a violência local ao dizer de forma agressiva que “a PEC² 215 vai continuar e com o novo Ministro da Justiça vamos dar uma nova direção para todos estes casos. As portarias e decretos de desapropriação ... estamos trabalhando para desmanchar muitos destes decretos e portarias [...]”.

No programa, foi falado sobre o poder de articulação dos Índios, pois no vídeo a fala do deputado leva a constatar que eles (o Índios) precisam agir imediatamente e de maneira política e estrutural. Fica clara a certeza do parlamentar, no sentido de que a pauta de reivindicações do setor agropecuário será atendida pelo o atual governo, através do Ministro da Agricultura (Blairo Maggi – PP/MT), Ministro da Justiça e Cidadania (Alexandre de Moraes – PSDB/SP) e Ministro da Secretaria de Governo (Geddel Vieira Lima – PMDB/BA).As propostas ruralistas fazem parte da pauta intitulada “Pauta Positiva”, escrita pela Frente Parlamentar da Agropecuária – FPA, presidida pelo Deputado Marcos Montes, e mais de trintas entidades representadas pelo “Instituto Pensar Agropecuária”, presidido por Ricardo Tomczyk. Esta “Pauta Positiva” é um inventário de medidas contra os Povos Indígenas, Quilombolas, Trabalhadores Rurais e a Natureza. Índios e Entidades, que lutam pelos direitos indígenas consideram esta PEC 215 nefasta e retrógrada e que a “Pauta Positiva”, na verdade, uma “Pauta Destrutiva” de direitos sociais e ambientais, apresentada por representantes do agronegócio.

Por fim, o programa encerrou com uma postagem do site UOL que comentava a situação política do país e revelava que o governo golpista ainda no final de abril de 2016 marcou uma reunião com a bancada ruralista e que a pauta desse encontro seria a

² No ano 2000, o deputado federal Almir Moraes de Sá, do Partido da República (PR-RR), apresentou uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC) que recebeu o número 215. Ela passou a ser chamada de PEC 215. Através dessa PEC, o deputado propõe que as demarcações de terras indígenas, a titulação dos territórios quilombolas e a criação de unidades de conservação ambiental passem a ser uma responsabilidade do Congresso Nacional, ou seja, uma atribuição dos deputados federais e senadores, e não mais do poder Executivo, como é hoje. Depois de várias reviravoltas de arquivamento e abertura da pec, no ano de 2014 o deputado Osmar Serraglio (PMDB-PR), relator da Comissão Especial da PEC 215, apresentou um Substitutivo à PEC 215/2000, com novas emendas, onde fica explícito o fim das novas demarcações de terras indígenas e, o que é pior, propõe reabrir procedimentos administrativos já finalizados e legaliza a invasão, a posse e a exploração das terras indígenas demarcadas. A PEC 215 é considerada pelos indígenas uma grave ameaça aos povos indígenas e pode significar o fim das demarcações das terras indígenas no Brasil.

negociação para a troca/compra de votos a favor do impeachment da Presidente Dilma Rousseff desde que os pedidos dos deputados da bancada fossem atendidos.

Esse exemplo retrata bem a comunicação colaborativa ou jornalismo colaborativo existente na comunicação indígena. É um momento de troca de informação e construção do pensamento que vai se difundindo e sendo discutido a cada mensagem exposta no grupo e isso é possível por conta do suporte do aplicativo de mensagens online como o WhatsApp.

Segundo informações do próprio aplicativo, o WhatsApp é o segundo aplicativo de comunicação online mais usado no mundo ficando atrás apenas do messenger do Facebook. Sozinho o WhatsApp tem em torno de 1 bilhão usuários espalhados no planeta. Isto significa que, uma em cada sete pessoas no planeta Terra usa o WhatsApp a cada mês para manter contato com familiares, entes queridos e amigos, seja para compartilhar informações rotineiras ou emergenciais como em uma situação emergencial de saúde, ou para marcar um encontro, começar um pequeno negócio, comprar presente (BLOGUE DO WHATSAPP, 2016). O aplicativo de comunicação ajudou na difusão e compartilhamento de informações que ajudam a causa indígena e conectam em um mesmo ambiente, Índios espalhados pelo Brasil, ao custo quase zero

Em 2014 quando o Facebook anunciou a compra do dispositivo móvel de mensagem WhatsApp por vinte e dois bilhões de dólares (US\$ 22 bilhões) o aplicativo possuía por volta de 600 milhões de usuários. O valor inicial de venda do aplicativo era de três bilhões de dólares (US\$ 3 bilhões), logo após a venda o aplicativo de mensagem foi se tornando cada vez mais popular entre os usuários, atingindo em 2016 a marca de um bilhão de usuários trocando mensagens (BLOGUE DO WHATSAPP, 2016).

No contexto global do aplicativo a realidade era esta: venda, números altos que ultrapassam a quantidade do bilhão. Mas na realidade local amazônica, o WhatsApp desenvolvia outro negócio, de valor não substancial mas igualmente valioso: o de unir Índios de diferentes regiões do Amazonas a partir da criação do grupo RTN, ou seja foi a partir da venda do aplicativo que se popularizou a ideia de conversas em grupo e assim fazendo surgir a Rádio Tribos do Norte, no ano de 2015.

Ainda no blog da empresa, encontramos outros dados relevantes para a pesquisa. Por exemplo, são 42 bilhões de mensagens compartilhadas todos os dias, com direito a 1,6 bilhão de fotos e 250 milhões de vídeos. Em número de usuários, atualmente o

dispositivo perde apenas para o Facebook como a rede social mais utilizada no mundo; ao todo, são 1,6 bilhão de usuários do Facebook. (BLOGUE DO WHATS, 2016).

Em comparação com o principal rival, o Telegram, o WhatsApp tem uma quantidade muito superior de usuários, o aplicativo russo possui apenas 100 milhões de usuários ativos no mundo inteiro. Os dois aplicativos tem quase as mesmas funcionalidades sendo que a principal diferença é a quantidade de participantes de grupos de conversa que no WhatsApp é limitado a 256 pessoas. Enviar e receber fotos, áudios, arquivos, vídeos é possível em ambos aplicativos de mensagem. No momento a empresa trabalha com a ideia de criar estratégias para ganhar dinheiro utilizando o aplicativo. Eles estão desenvolvendo ferramentas para facilitar a comunicação dos usuários com empresas e negócios, por meio de parcerias. Por exemplo criar uma comunicação mais próxima entre o banco e o cliente, entre uma companhia aérea e o passageiro recebendo uma mensagem de atraso de voo. É uma ação interessante porque o WhatsApp já é usado, mesmo que informalmente, por pequenos e grandes negócios para facilitar o atendimento e a comunicação. Planos de saúde, consultórios, programas de televisão e até jornais oferecem contato pelo serviço para incentivar os clientes e leitores a fazer contato de uma forma mais imediata. Por fim a ideia do WhatsApp, segundo a empresa, é conectar mais pessoas ao redor do mundo e torná-lo mais fácil de se comunicar.

FIOS NARRATIVOS DE CONVERGÊNCIA

Na imagem abaixo (figura 7), a captura de tela demonstra a interconexão do grupo relacionado à participação dos “ouvintes” num programa de música. A apresentadora, Kayna, posta as músicas pedidas que, geralmente estão na língua materna e os Índios vão comentando, conversando sobre a letra da canção e as lembranças que uma melodia traz. Essa troca de mensagens na Rádio Tribos do Norte, na verdade resultado do entrelaçamento da cultura local num ambiente digital padrão usado no mundo inteiro.

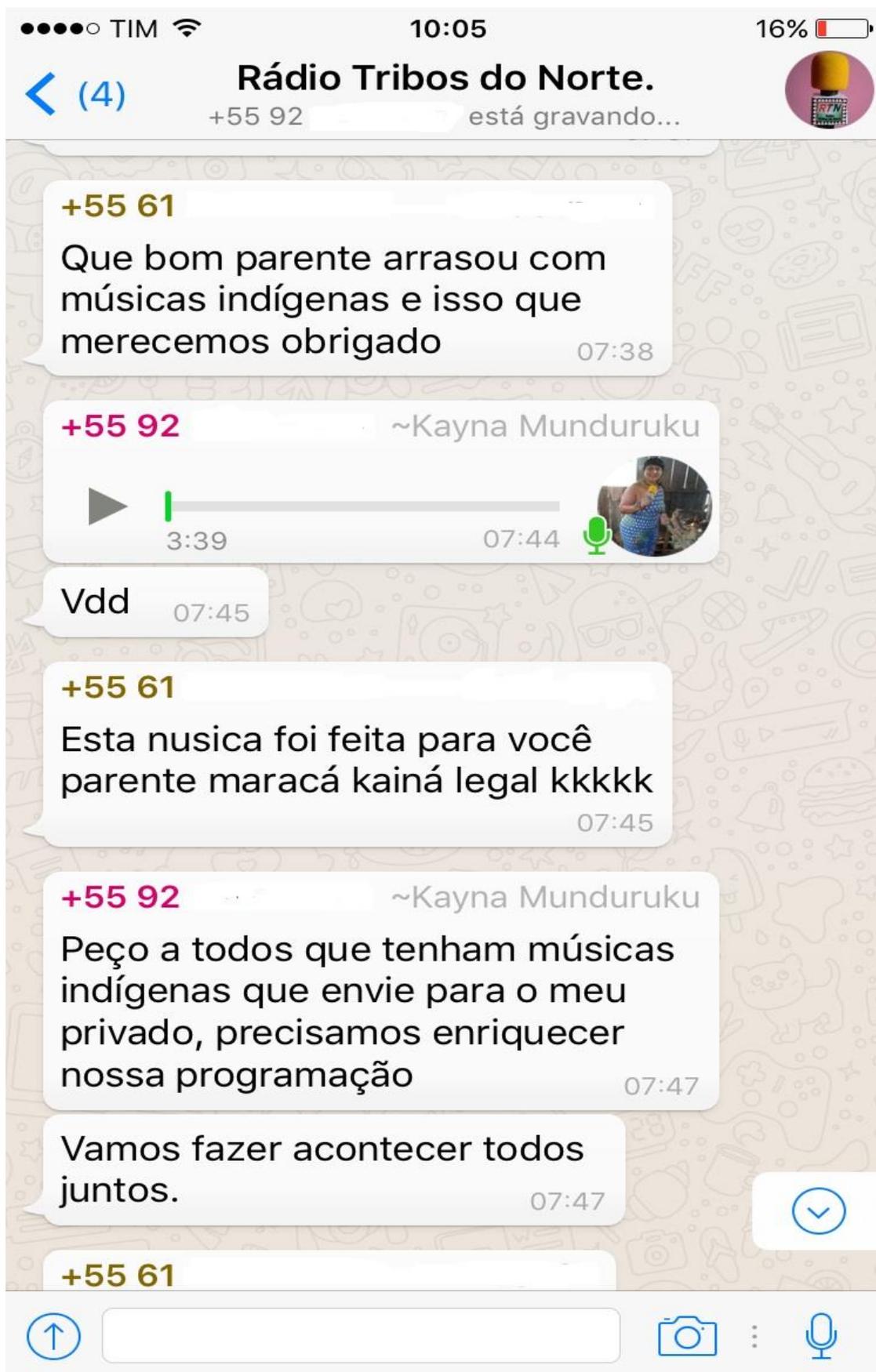


Figura: 7 Interação durante o Programa Manhã de Notícias. Neste dia o programa foi voltado para músicas indígenas e ocorrido no dia 25 de agosto de 2016.

A convergência e a diversas possibilidades de interpretação que a figura 7 nos sugere é que é possível interagir, num mesmo ambiente em diferentes formas, seja através de áudios ou por meio de mensagens escritas. Há a opção uso de fotografias, arquivos, emojis, chamada de áudio ou chamada de vídeo e, no caso do exemplo a música. Isso deixa claro que o WhatsApp é uma multiplataforma, que agrega diversas funcionalidades de outras redes sociais e que facilitam a comunicação no ambiente indígena. Assim uma rede social pode ser definida como um conjunto de dois elementos: atores que podem ser pessoas, instituições ou grupos (considerados nós da rede) e seus entrelaçamentos (relações e laços sociais). (WASSERMAN; FAUST, apud RECUERO, 2009, p.24). O termo que se adota neste trabalho, para se referir às redes sociais na Internet representa um conjunto de interconexões e entrelaçamentos sociais em um aplicativo de troca de mensagens. Lima (2009, p.97) destaca que as redes sociais “permitem aos usuários espaços ilimitados para armazenar ferramentas para organizar, promover e transmitir os seus pensamentos, opiniões, comportamentos e mídias para os outros”. As Redes Sociais são espaços de interação entre usuários. Nestes espaços, os indígenas podem dialogar e compartilhar informação. O conteúdo de uma rede social na internet tende sempre ao infinito, uma vez que qualquer membro pode contribuir a qualquer momento. Este diálogo entre usuários constitui blocos colaborativos de opinião e trocas de informação.

Como pondera Recuero (2009), os atores (na RTN os atores são os indígenas) são os primeiros elementos da rede social. Na Internet, esses atores podem ser constituídos de maneira diversificada. Pelo distanciamento dos envolvidos na interação social, eles não são imediatamente discerníveis. Nos estudos dessa pesquisadora, o ator seria o perfil ativo de uma conta na rede social. Ela cita exemplos de atores representados em blogs, por um perfil no Orkut, Facebook ou por um Twitter. Neste trabalho, transportamos a ideia de ator para uma conta no WhatsApp, a partir do momento que a pessoa registra um perfil no aplicativo. Seguindo o pensamento da autora, como parte do sistema, os atores atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais. Na RTN, o administrador ou administradores do grupo ficam responsáveis por criar e desenvolver movimentos e discussões entre os usuários. Geralmente, os administradores ficam encarregados dessa tarefa, porque eles são os apresentadores de programa na rádio. Kaynã Mundurucu, como idealizadora e “dona” da RTN, é o principal ator da rede social. Ela apresenta programas, faz chamadas, coloca músicas e tem uma tarefa que a difere de todos os

outros administradores; ela é quem inclui ou exclui participantes. Nos dias atuais, uma exclusão ou inclusão ganha contornos bastante expressivos, que na rádio tem a ver com a interatividade dos participantes. Quem interage e contribui fica no grupo. Quando se tem uma grande discussão, comum em grupos de redes sociais na internet, que gera ofensas mútuas, os envolvidos são convidados a se retirarem do espaço. Tudo é resolvido a partir da interatividade, encabeçados pela conversa e comunicação. Como explica Guimarães (2011, p. 34):

Tanto a interação quanto a constituição de laços sociais somente são possíveis por meio das conexões. Em linhas gerais, as conexões em uma rede social são constituídas dos laços sociais, que por sua vez, são formados através da interação social entre atores.

Recuero (2009) afirma que essas interatividades, na internet, são percebidas graças à possibilidade de manter os rastros sociais dos indivíduos, que permanecem ali. Um comentário durante um programa, por exemplo, permanece no grupo, bastando apenas estar conectado à internet para receber as mensagens. Assim acontece com a maior parte das interações, que são fadadas a permanecerem no ciberespaço, permitindo às pessoas a percepção de trocas sociais realizadas, mesmo que esses sujeitos estejam distantes, no tempo e no espaço. Portanto, as interações dependem diretamente dos atores sociais, suas ações, seus vínculos e percepções. São parte da percepção do universo que os rodeia, influenciadas por elas e pelas motivações particulares desses atores. A interação é uma ação que tem reflexo comunicativo entre indivíduos e seus pares, na dinâmica social.

Essas interações, mais do que possibilitam aos indivíduos de se comunicar, elas amplificaram a capacidade de comunicação, permitindo que as redes fossem desenvolvidas e expressas nas mídias digitais. Essas redes não entrelaçam apenas histórias, elas permitem que pessoas se interconectem possibilitando trocas de experiências, conversas e outras atividades humanas (RECUERO, 2009, p.31).

Mais do que escrever, o aplicativo de mensagem com os recursos de envio de áudio, imagem e vídeo possibilitou ao Índio exercer a oralidade, que é a forma de linguagem mais utilizada por eles. Deste modo, tradições, culturas e saberes ancestrais são passados para as gerações futuras, através da fala.

As conversas são um fenômeno nas redes sociais que se apropriam dos aplicativos para criar um ambiente propício para a interação gerando elementos e sentidos (RECUERO, 2016). Devido não se saber qual local estão os participantes da Rádio, um simples “bom dia” pode significar um “boa tarde” para pessoas que estejam

em outros estados do Brasil, temas relacionados a turno, proximidades sociais, etiquetas etc... Importantes vínculos nas conversas face a face precisam ser reconstruídos na mediação pelos atuais dispositivos tecnológicos. As conversas por mensagem ocorrem e geram bastantes discursos e interação, mas, quando algum programa inicia na Rádio, a interatividade ganha um contorno oral. É um evento no qual os atores, por intermédio de interações verbais, geram sentido, constroem relações sociais e criam proximidades pessoais dividindo informações e valores.

É pela conversação, assim, que conseguimos conhecer melhor o outro, estabelecer relações e construir os laços sociais que vão estruturar os grupos sociais e a sociedade como um todo. Por isso, a conversação precisa ser organizada, ou seja, necessita de cooperação entre os atores (RECUERO, 2016, p. 53).

Esse tipo de interação mediada por celular tem algumas peculiaridades, como a supervelocidade com que as mensagens se tornam perecíveis e a necessidade contínua de inovação. Essas conversas mediadas por dispositivos também são reconhecidas como conversação em rede (RECUERO 2016), por trazerem, além das características citadas acima, outras individualidades: a possibilidade de acessar para sempre o que foi publicado; a buscabilidade, característica que se refere à capacidade de buscar mensagens. Outra característica muito comum e presente na Rádio Tribos do Norte é a replicabilidade das mensagens, que demonstra o quanto a mensagem atingiu o grupo e quanto de debate a mensagem pode gerar. É preciso se adaptar às novas formas de comunicação, mesmo quando, em algumas situações, o texto escrito seja deixado de lado e a mensagem seja dada através de uma imagem. Nota-se que nem sempre os integrantes do grupo dão importância para escrita, porém suas interações envolvem diversas outras formas de comunicação.

Apropriar-se das novas tecnologias é uma tendência mundial, quando todas as civilizações utilizam os aparatos tecnológicos disponíveis para todos. A palavra “apropriar” neste trabalho está sendo utilizada no sentido de adequar, tomar posse, adaptar; significado encontrado no Dicionário de Língua Portuguesa Aurélio (FERREIRA, 1986). A palavra apropriar traz diversos significados e, na atualidade, causa muita polêmica. A meu ver a palavra traduz exatamente a realidade vivenciada pelos indígenas na RTN.

Eles potencializam a comunicação, entre eles, aproveitando as tecnologias disponíveis e entrelaçando com rádio – mídia referência para a maioria deles, por conta da ser a principal forma de comunicação no interior do estado. Dessa forma, eles

conseguem conectar-se a Índios de outras localidades, regiões e estados, criando uma rede de discussões, voltadas, principalmente, para questões indígenas. A Rádio Tribos do Norte se torna uma conexão-ponte para atores e participantes que têm objetivos comuns, o que é chamado pela Recuero (2016) de “mundos pequenos”, onde se conectam diversas pessoas, que também mantêm participação em outros grupos e redes sociais, gerando algo extremamente importante para a sobrevivência da Rádio – a circulação de informações. A ideia de “mundos pequenos” é discutida por vários autores. Segundo Recuero (2016, p.55):

Todos referem-se aos experimentos que demonstrariam a existência de “mundos pequenos” nas redes sociais, a partir de interconexões entre grupos, reduzindo a distância máxima entre eles para apenas seis graus de separação. Entretanto, o que parece acontecer nas redes sociais da internet é uma amplificação das conexões fracas (pessoas que não conheciam ou que conhecem muito pouco), gerando redes cada vez mais conectadas.

Isso demonstra que estamos diante de uma hiperconexão de pessoas na Rádio Tribos do Norte, a partir do uso do WhatsApp. As conexões parecem estar amplificadas pelas práticas sociais dos atores/administradores, quanto mais conectados em rede RTN mais visíveis são as mensagens publicadas nos programas, aumentando a capacidade dos assuntos serem discutidos, buscados, replicados e reproduzidos pelos demais.

Como no interior o rádio é bastante utilizado pelas comunidades tradicionais que recorrem à mídia para ter acesso à música, entretenimento, informação etc, o rádio acaba sendo objeto de desejo, de brincadeira dos Índios que vivem essa realidade. Certa vez num áudio transmitido na RTN a idealizadora, Kayna Munduruku, contou que a infância foi marcada pelos programas radiofônicos que a família escutava em “radinhos de pilha” e, de tanto brincar imitando os apresentadores/locutores das rádios, ela decidiu ser radialista quando. Ela contou que, assim que veio morar em Manaus, as dificuldades foram surgindo. O uso correto da Língua Portuguesa foi o primeiro deles; depois, a falta de diploma para exercer a profissão de jornalista/radialista e, também, a discriminação com os Índios tornou o sonho de ser radialista mais distante. No WhatsApp, ela encontrou um meio de realizar seus objetivos, aliando a interatividade do público da rede social e a linguagem empregada no rádio, o que trouxe um verdadeiro refúgio para os Índios que não conseguem se comunicar corretamente, escrevendo em português.

Conforme já foi ressaltado, a fala, a oralidade é o tipo de linguagem mais comum entre os Índios. O registro de lendas, histórias, mandingas, entre outras tradições culturais, não é feito através de livros, dando preferência para linguagem oral

para difundir costumes culturais. Encontrar uma mídia que utiliza a voz, como principal meio de comunicação, era a solução que a RTN procurava para existir. Os áudios do aplicativo de mensagens reforçam a importância da oralidade na cultura indígena. A transmissão oral sempre foi a base da comunicação e, ainda, é fortemente encontrada na cultura dos Índios. A transmissão oral permitiu o repasse da cultura, de geração em geração, com os mesmos modos de produção e reprodução de costumes. Este modo de comunicação, focado na oralidade e na memória coletiva, transmite não somente a cultura ou tradições, mas também a linguagem, o artesanato, os mitos, as lendas e o uso de ervas medicinais.

FIOS DE RADIOMORFOSE?

Como já vimos anteriormente, o processo de comunicação tem sofrido transformações, ao longo dos anos. Recentemente, a internet tem possibilitado diversas alterações nas formas de difundir, compartilhar, produzir, compartilhar conteúdo, e o rádio procura seu espaço, em um conjunto complexo de plataformas comunicativas, integrando um ecossistema comunicacional em constante transformação. A internet e os outros meios de comunicação também foram se adaptando a cada nova mídia, gerando hibridização de produtos, o que é muito claro na adaptação da Rádio Tribos do Norte.

A maneira de produzir ou o “fazer” rádio foi se modificando, durante o século passado. Sofreu interferência da televisão e agora da internet. Vale lembrar que muitos estudiosos previram o fim do rádio, o que não aconteceu. A primeira transformação foi nos anos 1940-1950, baseada nas contribuições dos transistores, gravadores magnéticos, etc; e a segunda, nos anos 1980-1990, com a digitalização e a convergência dos meios (PRATA, 2009). A terceira transformação se produz pela presença das plataformas de internet e telefonia, e a convergência das plataformas anteriores, com as novas, até gerar a multiplataforma atual. Estamos em plena vigência desta terceira transformação, que está mudando a face do rádio como nós conhecemos até agora, num processo que já denominamos de radiomorfose (PRATA, 2009).

Nair Prata faz uma observação importante sobre o momento que o rádio está passando e destaca que a palavra-chave é a convergência e, no caso do rádio, falar de convergência significa falar de pluralidade. Ela afirma que não se pode mais falar do rádio no singular, mas numa concepção plural, ecossistêmica e explica:

As plurais modalidades radiofônicas: Escuta-se rádio em ondas médias, tropicais e curtas ou em frequência modulada, mas, desde a década passada, o veículo também se amalgama à TV por assinatura,

seja por cabo ou DTH (direct to home); ao satélite, em uma modalidade paga exclusivamente dedicada ao áudio ou em outra, gratuita, pela captação, via antena parabólica, de sinais sem codificação de cadeias de emissoras em AM ou FM; e à internet, onde aparece com a rede mundial de computadores ora substituindo a função das antigas emissões em Ondas Curtas, ora oferecendo oportunidade para o surgimento das chamadas webrádios ou, até mesmo, servindo de suporte a alternativas sonoras assíncronas como o podcasting (PRATA 2009, p. 2)

Nesta pluralidade, o suporte importa cada vez menos, pois temos agora a diferenciação dos formatos, que se tornam mais híbridos. Saímos de um rádio de massa, com ouvintes passivos e dispersos geograficamente, para chegar a modelos onde a rede é a palavra-chave. Isso é o que caracteriza a RTN, pois liga ouvintes dispersos na região e no país. Ouvintes que não são participantes passivos e constroem uma comunicação em rede. Além disso, na rádio, verifica-se o uso de imagem, texto, memes, vídeos e todos os recursos midiáticos disponíveis no WhatsApp seguindo a lógica mundial de usar esse suporte para se comunicar. Como lembra Prata (2009, p.79): “É incontestável a tendência atual de adesão dos meios de comunicação tradicionais ao ambiente da internet e dos dispositivos móveis. [...] O rádio nesse ambiente expandiu o dial, seu alcance passou a ser mundial”.

Assim, podemos afirmar que o rádio, na era da convergência, é mesmo um novo lugar midiático, em que a diferenciação se dá, não pelo suporte, mas pelo formato. Nesse ‘novo’ rádio, onde coexistem várias lógicas comunicacionais ao mesmo tempo, algumas impensáveis anos atrás. A partir do surgimento das novas tecnologias, Cebrián Herreros (2001, apud PRATA, 2009, p.81) define três modelos de rádio na atualidade:

- Modelo generalista: tradicional, com programação de informação, opinião e entretenimento.
- Modelo temático: compreende as emissoras com programação monotemática: informação, música, economia, esporte, educação.
- Modelo convergente: onde se integram os serviços sonoros, visuais e escritos, que é o modelo de rádio multimídia ou integrado à internet.

Segundo a pesquisadora, este modelo convergente tem razões bem definidas que explicam seu surgimento:

[...] pela tendência integradora dos meios, da aproximação e objetivos das empresas por estar presentes em todos os mercados da

comunicação. O rádio tem serviços escritos e visuais, além dos sonoros, e se une a outros meios para estar presente nas ações e usos do consumidor multimídia e lembra que estamos diante do “nascimento do rádio na convergência multimidiática plena. (PRATA, 2009, p.38)

Diante de tamanhas transformações, diversas dúvidas ou indagações surgem a respeito do que seria rádio ou quais são características deste novo rádio, na era da convergência, marcada pela multimidialidade? Do ponto de vista da tecnologia, o novo rádio é, por excelência, digital. A partir do viés da linguagem, a nova radiofonia tem como base a interação, o usuário como produtor e consumidor de informações ao mesmo tempo, a menor fidelidade do público, a alta segmentação das emissoras e a presença de elementos visuais e textuais. A Rádio Tribos do Norte apresenta todas essas formatações; logo, deveria ser considerada uma rádio, independentemente do suporte?

A tecnologia tem provocado profundas transformações no rádio. As mudanças são tão grandes que há dúvidas hoje em dia sobre o que é ou não é rádio e até sobre a própria conceituação do veículo. Observa-se aí, claramente, uma intrínseca relação entre tecnologia e linguagem: as transformações tecnológicas têm alterado profundamente a linguagem radiofônica, a tal ponto que, hoje em dia, questiona-se até mesmo se algumas modernas modalidades continuam sendo radiofonia ou se são novas mídias ainda sem definição.

É interessante observar como a convergência de mídias produz fenômenos inusitados, como esta união do rádio com a internet. Há alguns anos, soariam como absurdas coisas que para nós hoje são corriqueiras, como ouvir rádio sem a necessidade de um aparelho de rádio, apenas pelo computador; ouvir emissoras de qualquer parte do mundo em tempo real com som de primeira ou até mesmo a possibilidade de cada interessado criar sua própria emissora, sem concessões do governo e sem correr o risco de complicações com a polícia, sob a acusação de pirataria. (PRATA, 2009, p. 67).

A reunião de várias pessoas em um grupo de WhatsApp se comunicando na linguagem de rádio, com um suporte diferente, chama atenção por causa da peculiaridade. Para Nair Prata e até alguns participantes do grupo que segue um pensamento mais tradicional a Rádio Tribos do Norte, não se trata de uma rádio, considerando-o apenas um grupo de “*whats*” que compartilha áudios, chamando-os de *podcast*. De maneira geral, os programas acontecem na forma de *podcast* com linguajar e textos normalmente utilizados em rádio. São textos curtos objetivos e que transmitem pela voz toda emoção que a mensagem precisa.

Para Primo (2005, p.17) o *podcast* “é um processo midiático que emerge a partir da publicação de arquivos de áudio na Internet”. É um neologismo criado pela união das palavras *pod* (do tocador de MP3 da *Apple*, *iPod*) com *casting*, sinônimo de transmissão, em inglês, é a gravação digital de um programa, como de rádio, oferecida na internet para download, em um tocador de músicas pessoal, ou é uma forma de transmissão de arquivos multimídia na Internet criados pelos próprios usuários. Nestes arquivos, as pessoas disponibilizam listas e seleções de músicas ou simplesmente falam e expõem suas opiniões sobre os mais diversos assuntos, como política ou o capítulo da novela. Há mais ou menos 10 anos, as pessoas discutiam a importância do *podcast* para a nova forma de se fazer rádio. Atualmente os *podcast* apenas se adaptaram aos meios de comunicação contemporâneos e também tradicionais. Em 2005, uma matéria do caderno *tec*, do jornal, Folha de São Paulo, explica que as palavras, rádio e *podcasting* representam outra face do novo rádio contemporâneo que segue a tendência dos áudios gravados veiculados na internet. No caso da RTN, a utilização do *podcast* como recurso para exercer a comunicação em rede não os credencia como rádio, Prata (2009, p.46) explica que o modelo de radiodifusão adotado no país exige a obtenção de licença do sistema de concessão, o que significa “que a radiofonia é uma outorga do poder público: o governo permite às emissoras a exploração da frequência e, por outro lado, as emissoras têm que se submeter às regras governamentais para continuarem detentoras da concessão”, com uma legislação própria. Segundo essa autora, o *podcast* não pode ser rádio, no pleno significado da palavra. Para ser rádio, falta ao *podcast* a essencial emissão no tempo real do ouvinte e da sociedade no qual está inserido.

Para a pesquisadora, é mais que claro que *podcast* não pode ser configurado como radiofonia, assim como ouvir música num *iPod* não significa ouvir rádio. Tudo isso deve ser entendido apenas como uma moderna tecnologia em arquivo de áudio, uma versão *high tech* do que foi um dia. Ela afirma que ouvir um *podcast* não significa, em hipótese alguma, ter uma emissora de rádio no computador ou no celular. O *podcast* é apenas uma possibilidade audiovisual, que emergiu com as novas tecnologias, que tanto pode estar presente no novo rádio, como não.

Assim, uma das mais importantes discussões que acontecem hoje, tanto nos meios acadêmicos quanto na sociedade em geral, é sobre a especificidade dos novos veículos na internet, isto é, se o rádio na web continua sendo rádio, se a TV na web continua sendo TV, se o livro continua sendo livro e se o jornal é a mesma mídia inventada por Gutemberg. No caso do rádio, é certo que seu futuro é digital, mas é

muito mais do que isso. O futuro do rádio encontra na internet um local bastante adaptável e as próximas gerações vão ouvir rádio num aparelho onde há várias possibilidades, além do áudio, de vídeo, telefonia, texto, transmissão e recepção de dados.

Confirmando previsões de Prata (2009), no sentido de que o futuro do rádio está na grande rede, com a RTN sabemos que o *podcast* ganha outros contornos e significados, a partir de um arquivo de áudio digital, gravado em qualquer lugar da Amazônia. Esse arquivo é disponibilizado na internet e compartilhado com outras pessoas do grupo que estejam em qualquer lugar do planeta. Mesmo que a literatura e a academia não os considere rádio, é inegável que a Rádio Tribos de Norte carrega, em si, todas as características que uma rádio multimidiática possui.

FIOS DE NARRATIVAS INDÍGENAS

A Constituição da República Federativa do Brasil defende e garante direitos indígenas. De acordo com o artigo 231, o Estado brasileiro resguarda a organização social, costumes, língua, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que já são ocupadas por Índios, competindo a União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

Segundo o Parágrafo n.4, do Artigo 231, as terras indígenas são inalienáveis e indisponíveis, e os direitos sobre elas imprescritíveis. O texto garante, ainda, que não é permitida a remoção de comunidades indígenas, salvo *ad referendum* do Congresso Nacional, em caso de catástrofe, epidemias, que coloque em situação de insegurança a própria população, ou de interesse da soberania do País, garantindo o retorno imediato logo que cesse o risco.

No país existem, aproximadamente, 896,9 mil indígenas em todo o território nacional, somando a população residente tanto em terras indígenas (63,8%) quanto em cidades (36,2%), de acordo com o Censo 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE, 2010). Esse dado é importante porque mostra que menos da metade dos índios mora em cidades, e na realidade amazônica não são todos municípios que possuem infraestrutura suficiente para acesso à internet. Ou seja, muito menos desse total de 36,2% deve ter uma internet disponível para acessar a rede. Outra informação importante é que a região amazônica concentra a maior parte dos indígenas do Brasil: são 342,8 mil.

No Amazonas, são 62 etnias diferentes, constituídas de aproximadamente 87.000 pessoas, as quais devem ser computados 12 grupos isolados. . O grupo étnico mais numeroso, o Tikuna, habitante, principalmente, do Alto Rio Solimões, nos Municípios de Benjamin Constant e Tabatinga. Por outro lado, o grupo mais "espalhado", é o Mura, de acordo com o censo 2010 (IBGE, 2010).

Embora muitas comunidades indígenas da Amazônia já possuam contato com a cultura externa, e a internet seja uma das opções de busca para o encontro com culturas diferentes, muitos ainda tentam cultivar os principais aspectos de vida dos seus ancestrais: alimentam-se, sobretudo, da caça, da pesca, do extrativismo vegetal e agricultura mantendo tradições e segredos repassados de pais para filhos durante as gerações. Para Melatti (2006) os números do censo sobre Índios são muito imprecisos porque mesmo sendo realizados periodicamente, eles incluem parcialmente a população indígena. Não o fazem integralmente, pois os recenseadores não visitam os povos indígenas isolados, e mesmo os que mantêm contato com os não-índios, em sua maioria, moram em comunidades de difícil acesso. Também é difícil localizar os que moram em cidades, por causa dos preconceitos, eles nem sempre se identificam como Índios. Para Melatti (2006, p. 44) o problema e as dificuldades relacionadas ao recenseamento indígena se resolveriam com censo especial voltado para as comunidades indígenas:

Enquanto esse recenseamento especial não se faz, os números que se dispõe a respeito dos índios são meras contagens de pessoas, muitas vezes sem distinguir sexo, nem idade, às vezes nem mesmo a etnia, quando mais de uma habitam o local.

Mas a dificuldade em saber, no mínimo o número de Índios que o país possui é o menor dos problemas enfrentados por eles, quando se fala em problemática atual das comunidades indígenas, não se pode dizer que nasceram na atualidade, mas sim que são resquícios de problemas que nasceram ainda na colonização, nos primeiros séculos do “descobrimento” do Brasil. Os principais problemas que as populações indígenas enfrentam, hoje, são a consequência daqueles que surgiram há anos. Nos dias atuais há problemas como a miséria, o alcoolismo, o suicídio, a violência interpessoal que afetam consideravelmente essa população.

Além do processo de colonização, conforme Potiguara (2004), houve no Brasil o processo de neocolonização, que foi o período em que o interior do Brasil passou a ser ocupado, acabando de inúmeras comunidades indígenas, período este que foi até em meados do século XX. Assim, houve intromissão de inúmeros segmentos, como as madeireiras, os garimpeiros, latifundiários, mineradoras, hidrelétricas, rodovias, entre

outros. De acordo com a autora, esta intromissão “causou nas últimas décadas o desmatamento, a poluição ambiental e a diminuição da diversidade local, trazendo as enfermidades, a fome e o empobrecimento compulsório da população indígena”.

O sociólogo Octavio Ianni analisa, na obra “Ditadura e Agricultura”, o desenvolvimento do país durante este período e os prejuízos causados na floresta Amazônica no período militar, bem como os prejuízos causados às comunidades indígenas neste período na região amazônica. As terras tribais eram praticamente todas as terras da região. Depois, pouco a pouco, ou com rápida violência, os indígenas foram sendo rechaçados de suas terras. A catequese, a evangelização, o extrativismo, a pecuária, a agricultura sob nas mais diferentes formas, expandiram a sociedade e a comunhão nacionais pelas terras, comunidades e culturas indígenas.

Assim Ianni (1979) faz críticas ao processo de intensificação da agropecuária na Amazônia durante o regime militar, em que conclui que “as maiores vítimas da penetração de relação de exploração das riquezas da Amazônia foram, entretanto, os indígenas”. Assim como ocorreu durante o regime militar nas comunidades indígenas da Amazônia, no Estado do Mato Grosso do Sul, com os indígenas Guaranis, ocorreu o mesmo. Várias aldeias guaranis foram, com o tempo, perdendo espaço para os grandes latifundiários:

As atividades de desmatamento começaram a ser executadas de forma cada vez mais intensa nos anos 70 e 80 do século passado. O comércio de madeira foi a atividade mais importante, o grande negócio que hoje latifundiários e madeireiros desejariam possuir. Com exceção de plantios de milho e de soja, hoje em dia nesta região predomina a criação de gado bovino. Para isso foram semeadas, nas áreas desmatadas, os capins africanos do gênero *brachiária* para pasto, que é extremamente agressivo e se espalha facilmente sobre cada pedacinho livre de terra, e que se espalhou, também, sobre a superfície de cultivo dos Guaranis. (IANNI, 1979, p. 102)

Este fato demonstra que a pecuária também prejudicou as comunidades indígenas, tendo em vista que os pastos atingiram o cultivo dos indígenas.

No dia 12 de janeiro de 2017, a Jornalista, Fabélia Oliveira, que apresenta um programa rural, chamado “Sucesso no Campo” ligado ao agronegócio da Tv Record no estado de Goiás, despertou indignação na RTN e em entidades de defesa indígena. Para atacar o samba-enredo “Xingu, o clamor que vem da Floresta!” da Imperatriz Leopoldinense para carnaval de 2017 que exalta as comunidades indígenas e critica o agronegócio. A jornalista fez um discurso cheio de clichês que apenas reforçou o desconhecimento da profissional sobre questões indígenas. De acordo com o

pensamento de Fabélia, os Índios que moram em áreas onde já houve contato com o não-índio não possuem o direito de reivindicar a conservação da cultura. O que chama atenção na fala da repórter é que ela reproduz um discurso etnocêntrico e desigual de dois pesos e duas medidas. É como se nós pudéssemos nos apropriar de tecnologias sem perder a identidade de brasileiros, enquanto que quando os povos indígenas se apropriam, eles deixam de ser índios. Mesmo fora do período de recorte da pesquisa, resolvi colocar essa situação na pesquisa, porque levanta muitos questionamentos que são relevantes para o reconhecimento das causas indígenas e a percepção de um preconceito existente, que precisa ser encarado e discutido.

O tom do discurso da repórter não surpreende, já que os ataques aos direitos territoriais indígenas são recorrentes, mas na mídia tradicional aparecem sempre contados na visão do empresário, do agricultor e sempre contados através de um interlocutor – o repórter - nunca na visão indígena. Abaixo a transcrição do vídeo e um *print* do grupo que mostra a reação do indígenas em relação as palavras da jornalista.

- **Discurso completo do Programa *Sucesso no Campo***

Moisés Santiago, Adriano Ganso, Aldir Senna ou Jorge do Finge. Você já ouviu falar esses nomes? Provavelmente, não. E se ouviu, foi agora, recente. São autores, compositores, sambistas que tem toda uma história na cultura brasileira, mas também acabam de manchar a sua história. São eles os autores do polêmico – já, especialmente dentro do setor do agro – samba-enredo da Escola Imperatriz Leopoldinense. Aí a gente pergunta: Quem são esses rapazes? Que conhecimento o tradicional malandro carioca tem para falar do homem do campo, pra falar do índio, pra falar da floresta, para dizer que está certo ou errado, pra dizer que alguém pede socorro. Sabe que conhecimento que eles têm? O de uso da tecnologia. Porque eles falam que a floresta está pedindo socorro, mas não abrem mão da tecnologia do dia a dia. Eles não abrem mão do veículos que eles andam. O agro está aonde? O agro está no dia a dia de todo mundo, todo mundo! AH, mas o Xingu está pedindo socorro, por quê? Alguém foi lá? Aí vem chamar de heróis – inclusive eu tenho aqui – (referência ao samba-enredo da escola de samba)

*andar onde ninguém andou
chegar onde ninguém chegou
lembrar da coragem e do amor dos irmãos
e outros heróis guardiões, aventuras de Fé e paixão
sonho de integrar uma nação*

Os versos estariam perfeitos para descrever o homem do campo, o agricultor, o pecuarista. Não para descrever Índios. Algumas coisas contra os Índios? Não! Eles (os índios) querem preservar sua cultura? Estão corretos, sou a favor disso, eles querem a mata pra preservar a cultura deles? Pois então eles vão viver da cultura deles. Eu sou em favor dessa preservação se o índio for original. Agora deixar a deixar a mata reservada para comer de geladeira não é cultura indígena, não. Eu sinto muito. A minha opinião pode chocar agora muitos brasileiros, mas se o Índio quer preservar a sua cultura, ele não pode ter acesso à tecnologia que nós temos. Ele não pode comer de geladeira, tomar banho de chuveiro e tomar remédios químicos. Porque há um controle populacional natural. Ele vai ter que morrer de malária, de tétano, do parto. É a natureza. Vai tratar da medicina do pajé, do cacique, que eles tinham. Aí justifica. Agora eu já passei em aldeias indígenas que tivemos que pagar o maior pedágio, que era cinco vezes superior ao tradicional e com estradas horríveis, e estava lá o índio de *Ray ban* e não era falsificado não, ta! *Rayban* espelhado, aparelho nos dentes, antena parabólica e caminhonete Hilux. Isso não é preservar, isso não é heroísmo, heroísmo é o produtor que trabalha sol a sol dia a dia para alimentar toda uma nação, inclusive a indígena, que leva pra lá (aldeia) o alimento porque não produz mais, porque não tem mais aquela cultura, então esses quatro rapazes: Moisés Santiago, Adriano Ganso, Aldir Senna ou Jorge do Finge, eles estão muito equivocados, eles precisam sair de uma sala de ar condicionado e ir pro dia a dia do produtor rural, como agora aqui em Montividio que teve chuva de granizo e o seguro ja teve que ser acionado, aí é heroísmo, aí é ter Fé, ter coragem para enterrar o seu investimento e crer que ele é capaz de fazer a diferença, de fazer alguma coisa.

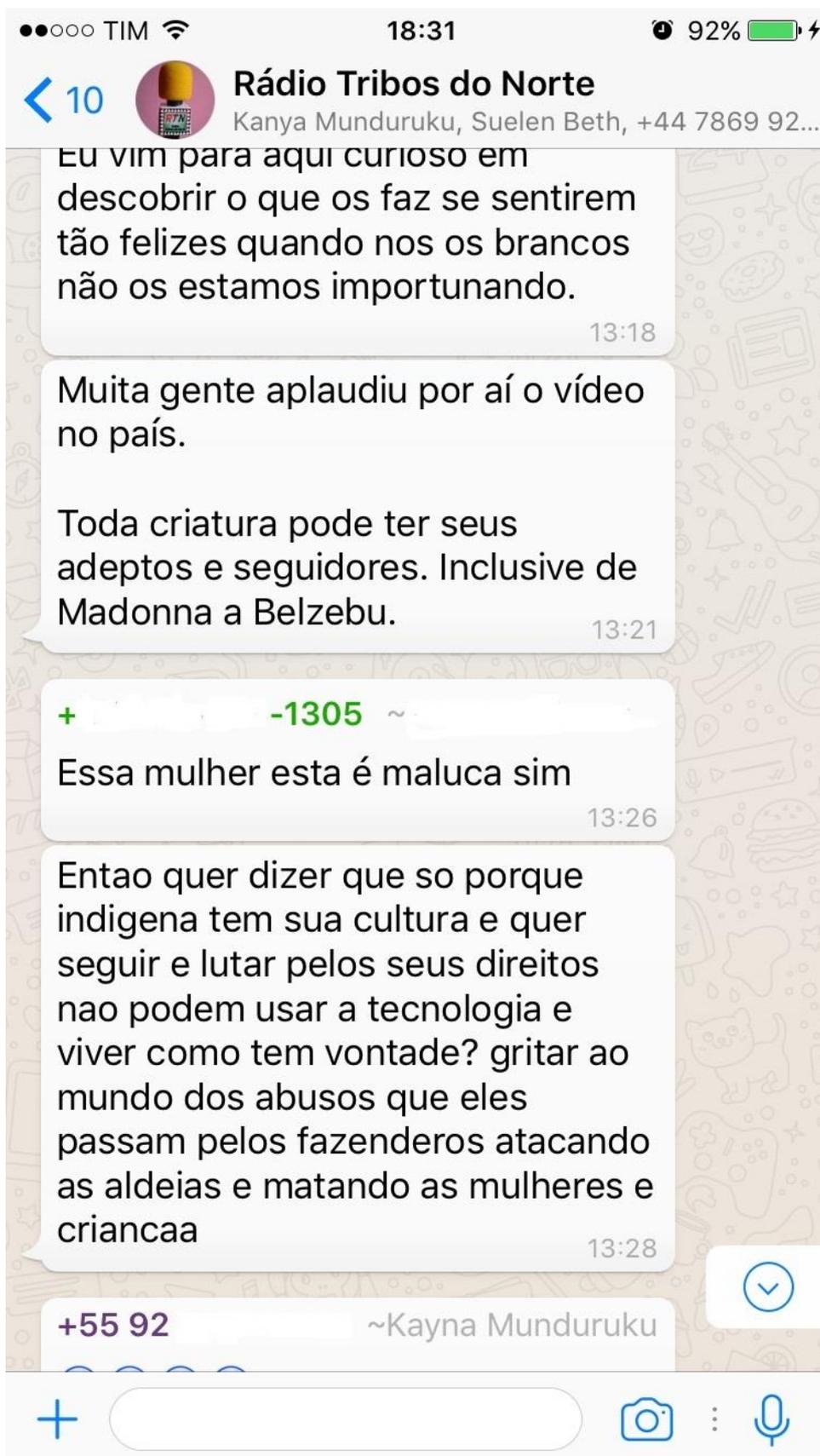


Figura: 8 Repercurssão do vídeo na Rádio Tribos do Norte

De acordo com os dados de 2015 do relatório Violência Contra os Povos Indígenas, do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), os indígenas estão inseridos no grupo com a maior vulnerabilidade social do país, e estão mais propensos a morrer de malária, suicídio e durante o parto. Para a Melatti (2014), uma das raízes da intolerância e preconceito aos Índios decorre da falta de conhecimento da sociedade sobre os povos indígenas. “Existe muito da cultura indígena no mundo e as pessoas não têm noção, não dão valor e não reconhecem, porque não aprenderam sobre isso”. O mesmo autor explica que nas escolas a reprodução dessa população é uma visão do Índio de 1500, 1600 quando eles eram chamados pelo europeu de selvagens, essa visão romântica e ingênua sobre o Índio cria um ambiente propício para a discriminação, já que ninguém vive igual a 500 anos atrás.

Segundo Luciano (2006) na história oficial do Brasil, contada nos livros didáticos das escolas ou mesmo na literatura especializada, não aparece nenhum feito ou contribuição significativa dos povos indígenas à formação da nação brasileira. Isto porque os povos indígenas são considerados sem cultura, sem civilização ou qualquer tipo de progresso material. Aliás, circula ainda hoje entre pessoas bem escolarizadas a idéia de que os índios seriam barreiras e empecilhos para o progresso e o desenvolvimento da nação. Mesmo alguns índios afirmam, por vezes, que precisam ser ensinados pelos brancos civilizados para que posteriormente possam contribuir para o desenvolvimento socioeconômico do país. Esquecem, ou mesmo ignoram, por força da ideologia incorporada do pensamento discriminador dos não-índios, com quantas tecnologias, conhecimentos e valores os povos indígenas contribuíram para a construção e a formação do povo brasileiro. Esqueceram que foram os Índios que ensinaram como os primeiros portugueses aprenderam a sobreviver em terras totalmente desconhecidas.

Na contra-mão desse pensamento, pouco a pouco os Índios foram percebendo que não somente possuíam uma tecnologia inferior à do não-índio, mas que esta inferioridade os tornava subordinados a eles. Para Melatti (2014) muitos reconhecem que a tecnologia indígena é inferior e por isso alguns Índio procuram encontrar pontos comuns, elementos do próprio sistema social que tenham correspondentes na sociedade não-indígena. Para o autor, nessa forma de pensamento crie uma oportunidade de demonstrar aos não-índios que os Índios também são humanos e que suas crenças, costumes possuem semelhanças e as redes sociais da internet aliada aos smartphones têm ajudado nessa desconstrução.

Com a Rádio Tribos do Norte Índios amazônicos passaram a produzir e veicular imagens, textos e sons modificando cada vez mais os seus espaços de inserção social, assim inaugura-se uma fase de atuação desses povos marcada pela autorrepresentação. Sobre o assunto, Di Felice (2008) salienta que, desde as formas de diplomacia até a participação em instituições internacionais, os índios iniciaram uma intensa e diversificada ação informativa que vai da criação audiovisual à construção de sites e redes sociais digitais. Não enxergam as redes sociais como uma ameaça cultural e colonizadora sugerida pelo senso comum, mas sim como um meio de contato e informação. Luciano (2006) explica que os indígenas têm uma semiótica própria podendo ser entendida como um conhecimento de análise de símbolos e significados dentro de uma determinada cultura. Esse contexto é desafiador, pois a imagem de índio presente no imaginário popular brasileiro ainda é àquela estereotipada de um indivíduo com arco e flecha nas mãos, pintado e um “cocar” na cabeça, como o da apresentadora demonstrou a jornalista, Fabélia Oliveira.

O Índio midiático é bastante usado na publicidade e no jornalismo quando fazem o contraponto do Índio atual e do romantizado. Os próprios indígenas já entendem que com penachos, cocares, arcos e flechas eles conseguem chamar muito mais atenção da mídia do que sem os adereços característicos da própria cultura (Melatti, 2014). Ferrari (2003) explica que vivemos em uma sociedade totalmente imagética, que muitas cotidianamente transmitimos uma mensagem eficiente sem palavras, usando apenas uma figura ou imagem. Essa realidade é efeito do aparecimento das redes sociais, que limita o número de caracteres que podemos utilizar para enviar uma mensagem. A autora observa que com o advento das redes sociais na internet possibilitam dar um enorme poder social e comunicativo a oralidade, colocando-se lado a lado da escrita alfabética, forma hegemônica de comunicação de massa. Paz (2003), em suas investigações com Indígenas da Amazônia colombiana, observa que para eles, os meios são suportes de informações, espaços de recreação e também servem como estratégia na recuperação e difusão de saberes indígenas, da história, do processo político organizativo, da língua e da cultura própria. Ela também afirma que a maioria dos grupos indígenas na América Latina vive, hoje, na era das inovações. Essas renovações tecnológicas ultrapassam as barreiras do tempo e do espaço, porém ao mesmo tempo estabelecem novas desigualdades para a população sem acesso a esses novos serviços, no caso a internet. Se organizar e comunicar através das redes sociais posiciona os indígenas na realidade vivenciada por todos, de que ainda que o século XXI as

mudanças na capacidade de se comunicar envolverão diversos grupos sociais, inclusive as minorias étnicas e abre uma alternativa de comunicação que vá além da usual escrita e com alcance mundial.

RESPOSTA À INTOLERÂNCIA

Aceitar a mudança ou perceber os Índios com outros olhos não é difícil, mas para conservadores a aceitação é complicada o que gera discriminação aborda que todos os sistemas culturais estão em constantes mudanças. Entender a dinâmica é importante, pois auxilia na compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes. Assim, tal procedimento prepara o homem para enfrentar serenamente o constante e admirável mundo novo do por vir (BAUMAN, 2005).

A identidade que conhecemos foi conduzida a uma compreensão humana, pois seu surgimento se deu através de uma ficção, e não de uma experiência humana propriamente dita. Essas ideias, como refere Bauman, é fruto da crise do pertencimento e do esforço que se desencadeou para a recriação da realidade à semelhança da ideia. Esse esforço foi erguido pelo Estado moderno na condição de dever obrigatório para todas às pessoas que se encontravam sob a proteção de sua soberania territorial. O “pertencer-pornascimento” de Bauman é a consequência lógica de pertencer a uma nação cuja convenção foi intensamente construída pela humanidade.

O pertencimento e a identidade não possuem a conceitos imutáveis, mas sim a finitude de um mecanismo que exerce um poder de transformação contínua. As identidades estão em constante trânsito, provenientes de diversas fontes, quais sejam aquelas disponibilizadas por terceiros ou acessíveis através de nossa própria escolha. Esse fenômeno humano se fortalece pela centralidade que o homem assume como indivíduo considerado portador de cultura, inteligente, biologicamente maduro e ligado a outros seres humanos na ação e no sentimento coletivo.

Com isso os Índios precisam ser respeitados como cultura e etnias pertencentes ao Brasil. O professor, pesquisador e filósofo, Paes Loureiro (1995), utiliza o termo cultura amazônica para expressão cultural da população mestiça, com intenso relacionamento com a floresta e os rios, e que tem no imaginário sua forma de se situar no mundo - ameaçada pela modernidade e seu modo de vida racional, performático e homogeneizante.

A cultura é o campo privilegiado onde o ser humano procura elementos que lhe dê uma sensação de pertencimento, de familiaridade, de estabilidade em um mundo de

tantas referências estéticas. Fica claro, portanto, que essa construção do conceito de cultura amazônica em Paes Loureiro quando atende à necessidade de se diferenciar das outras formas de cultura (notadamente da racionalista europeia, trazida ao Pará primeiramente pelos jesuítas, nos séculos XVII e XVIII, e mais tarde, nos séculos XIX e início do XX pelo ciclo do látex). Uma necessidade acima de tudo política, que busca através da negação do outro descobrir a si próprio. O autor argumenta que a cultura amazônica, entendida como cultura cabocla, apresenta sua maior riqueza em sua esteticidade nutrida pelo devaneio. Segundo ele, o homem amazônico, o caboclo, se insere na paisagem por meio de um reencantamento do mundo:

Uma cultura dinâmica, original e criativa, que revela, interpreta e cria sua realidade. Uma cultura que, através do imaginário, situa o homem numa grandeza proporcional e ultrapassadora da natureza que o circunda. [...] Uma cultura de profundas relações com a natureza, que perdurou, consolidou e fecundou, poeticamente, o imaginário (até o final dos anos 50) destes indivíduos isolados e dispersos às margens dos rios [...] Nesse contexto, isto é, no âmbito dissonante em relação aos cânones urbanos, o homem amazônico, o caboclo, busca desvendar os segredos do seu mundo, recorrendo predominantemente aos mitos e à estetização. [...] Entende-se aqui, por uma cultura amazônica aquela que tem sua origem ou está influenciada em primeira instância, pela cultura do caboclo. (LOUREIRO, 1995: 30, 26 e 27).

Precisamos aceitar o que o Índio brasileiro não é mais um de cartão postal. Ele já começou a perder aquela imagem romantizada embalada no exotismo, cuja imagem impedia a afirmação de seus interesses na sociedade moderna e, por consequência, no mercado. É lugar comum que boa parte dos indígenas já se encontra inserido nas redes da sociedade nacional ou mundial há muito tempo, adotando roupas, religião e linguagem do não indígena. Porém, devido à ausência de políticas públicas estruturadas que garantam seus direitos diferenciais, os indígenas buscam apoio na própria memória, elementos capazes de lhes fornecer uma diferença legitimadora como rituais, pinturas corporais e trajes típicos com a finalidade de reivindicar seus direitos.

Não aceitar essa nova realidade encontrada nos indígenas sob o eixo do multiculturalismo, que tende a não enxergar os índios como populações à parte da sociedade global, constituindo uma visão de mundo própria, na qual devem conservar sua cultura e seu modo de vidas tradicionais para continuarem a ser “índios”. A tendência de muitos leigos é pensar que as sociedades indígenas tendem a serem estáticas, com uma identidade fixa. Essa tendência decorre do fato dessas sociedades darem realmente a impressão de estaticidade.

Sendo assim, é importante reconhecermos a Amazônia não apenas como um ambiente ecológico, “pulmão do mundo”, “inferno verde”, mas também como um ambiente humano, que possui uma história social, política e econômica que se inicia antes mesmo do surgimento da própria palavra Amazônia (Loureiro, 1995). A seguir, uma captura de tela que expressa bem o sentimento indígena em relação ao processo devastador de colonização e que demonstra a falta de humanidade da nossa sociedade para com eles, como bem diz Loureiro.

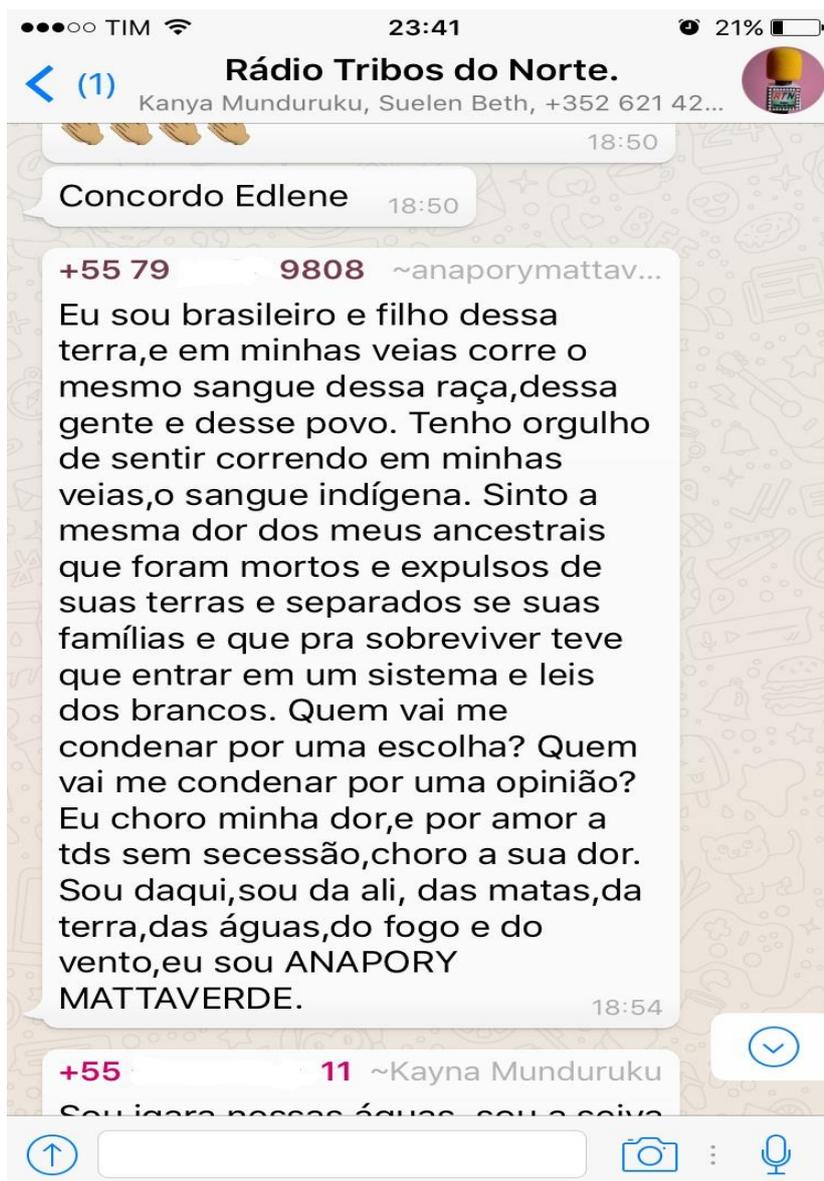


Figura: 9 Em resposta à ataques discriminatórios, os Índios buscam mostrar a própria identidade.

Estou absolutamente convencido de que os saberes indígenas são fundamentais no diálogo para o reencantamento do mundo, para a superação dos problemas provocados pelo “progresso” humano. Nossos povos mantêm-se firmes na prática da vida simples e da espiritualidade convergente com as sagradas forças da natureza.

Edson Kayapó

ENTÃO, PARA NÃO TERMINAR, VAMOS ENTRELAÇAR

Quando o entrelaçamento dos fios chega ao fim, temos um objeto: aturá, que tem diversas utilidades para as comunidades indígenas. Ter chegado ao fim não significa que terminou, os laços podem ser reproduzidos em outros aturás. Os aturás podem ser refeitos, assim como algum material que possa ter sobrado pode gerar outros cestos. Enfim, várias opções podem decorrer disso.

Dessa forma, também estamos chegando ao término do meu aturá e jamais quero que este seja o fim ou a conclusão do meu pensamento. A pesquisa que realizei pode gerar diversas discussões futuras para o aperfeiçoamento do pensamento e causar inquietações na sociedade sobre questões indígenas.

A minha interpretação para a elaboração da pesquisa foi a metáfora do cesto indígena, assim a dissertação foi se mostrando mais clara e mais subjetiva, tornando possível o entrelaçamento do meu aturá científico e conseqüentemente atingindo os objetivos do trabalho.

“Apresentar e Discutir o conceito de Ecossistemas Comunicacionais” dialogando com a metodologia da Cartografia de Saberes ajudou na construção do pensamento por isso iniciei o trabalho com esses assuntos mais densos para poder justificar o nome Aturá.

“Cartografar saberes e produzir um aturá investigativo, envolvendo as relações dos Índios com as redes sociais” me fez entender que buscar a definição de muitas palavras parece ser uma tarefa desafiadora diante de tantas transformações que o mundo enfrenta. Conceitos antes tão amarrados, hoje se mostram frouxos, possibilitando que outras amarras surjam, para originar novos nós.

Fui percebendo, o percurso, que a ciência se defronta com essa realidade, ao mesmo tempo em que emergem novas metodologias e novas formas de fazer pesquisas científicas. A Cartografia de Saberes e os Ecossistemas Comunicacionais são exemplos desse novo jeito de olhar para a ciência, bem como de se lançar ao desafio de produzi-la.

A própria definição de ecossistemas comunicacionais não é algo fechado, rígido, duro e, através do pensamento pós-moderno da ciência, contestamos a fragmentação do conhecimento com definições claras e definitivas, a respeito dos acontecimentos apontando para a ideia de fluxos transitórios, contínuos e dinâmicos das pessoas, dos pesquisadores, dos objetos de estudo e conseqüentemente da ciência.

Entrelaçando o pensamento ecossistêmico comunicacional, a Cartografia dos saberes contribui para a aceitação do investigador na pesquisa. Com esse modo de

pesquisar, admite-se que, desde a escolha do tema até as considerações finais, a reflexão e o sentimento do pesquisador estão presentes na pesquisa. Assim, por que apartá-lo da obra, em nome de uma visão científica clássica, se todos nós chegamos até aqui por causa de nossos saberes pessoais, técnico-científicos entrelaçados uns aos outros, em costura com os saberes teóricos e as aproximações e ações investigativas. Juntos, ecossistemas comunicacionais e a cartografia de saberes, sinalizam para uma nova forma de fazer ciência, que respeita caminhos trilhados anteriormente, se alinhando fortemente às percepções daquilo que está sendo conhecido como “nova ciência”.

Este trabalho é resultado do entrelaçamento do pesquisador, do objeto de estudo, com temas relacionados à cibercultura, Índios, redes. Esses são ‘nós’ que, unidos, metaforicamente, me remeteram à costura de um aturá, devido às várias transversalidades que a pesquisa se propôs ao apresentar o caso da Rádio Tribos do Norte, sob esta perspectiva.

E nesse mundo todo misturado, interconectado e entrelaçado a Rádio Tribos de Norte aparece para desconsertar definições de *podcast*, rádio e até mesmo do próprio Índio. De certo que, se pensarmos de maneira tradicional, com pensamento cartesiano, a RTN não é rádio. Não possui programação em tempo real e contínuo e também não possui concessão pública do Governo Brasileiro para exercer a radiofonia. Esses são requisitos básicos para que qualquer estrutura radiofônica seja considerada uma rádio.

Vale, no entanto, refletir sobre a transmutação da paisagem radiofônica ou, mesmo, da mídia sonora como um todo. Podemos, nesse sentido, considerar que as outras características de uma rádio estão presentes na RTN: programação com música; informação e entretenimento. Aliado a isso, há o entendimento que as novas tecnologias fizeram com que os meios de comunicação e a forma de comunicar fossem alterados, mudando até o conceito de tempo e espaço, devido todas as mudanças que o mundo está enfrentando. Desse modo, fica impossível pensar o rádio de forma tradicional, pensar o rádio como ele foi e não como ele é, em suas expressões múltiplas, complexas e alinhadas com os pressupostos dos ecossistemas comunicacionais e os preceitos da Ciência Contemporânea, com seu caráter de mutação, ênfase nas conexões e não hierarquização de dados, especialmente, de ruptura da lógica de interações lineares, mecanicistas e funcionalistas. Então, por que não considerar a RTN uma rádio?

Antes de responder essa pergunta é necessário compreender que a presença indígena nas redes sociais se faz a partir do entendimento que a comunicação é fenômeno complexo, em relação à integração dos participantes do processo

comunicacional. Contrariando os meios de comunicação tradicionais, as redes sociais na internet promovem um fluxo multidirecional de mensagem que se entrelaçam no ciberespaço. Essa conclusão só foi possível porque um dos objetivos do trabalho foi: Cartografar os materiais postados pelos Índios nas redes sociais, isso facilitou a investigação e abriu margem para novos entendimentos sobre o objeto pesquisado.

A Rádio Tribos do Norte surge ou representa um jeito novo, amazônico, indígena e diferente de olhar a comunicação e a interatividade em potencial, capaz de alterar conceitos rigidamente definidos, como o de rádio. As diversas possibilidades de interação, proporcionadas pelas redes sociais na internet, abrem trilhas e orientações para se repensar o campo da comunicação pesquisado no Brasil e, principalmente, na Amazônia.

Já é reconhecido que a mídia de massa é um sistema de transmissão de mensagem de fluxo unidirecional, enquanto o processo real de comunicação prevê, ao menos, uma relação dialógica que depende da interação entre seus agentes na formulação, interpretação e reformulação da mensagem. No Intercom Norte, realizado em Manaus, no ano de 2017, o professor Doutor Walmir Albuquerque, numa mesa de debates, que discutia o papel da pesquisa científica na região amazônica, comentou sobre a importância de espaços para apresentar e discutir como a Amazônia se comunica, como a Amazônia é representada fora dos padrões midiáticos, como as novas tecnologias estão sendo recepcionadas no interior e nas capitais amazônicas e as respostas para essas inquietações e outras serão sanadas com pesquisa científicas.

Apresentado alguns direcionamentos, sinto-me mais seguro em dizer que, na perspectiva dos Ecossistemas Comunicacionais, a resposta para pergunta acima é: Sim, é rádio sim! Exerce a função de informar, noticiar e entreter as pessoas e, ainda, empodera os Índios, uma parcela da população tão marginalizada pela sociedade. Na atualidade, os dizeres indígenas e os que colocam em pauta a temática indígena são pouco visíveis na mídia em geral, mas, com o avanço do uso da internet seguido dos modernos smartphones, os Índios estão ocupando um espaço singular, para fazer circular sentidos sufocados ao longo da história. Assim, abre-se um espaço para os Índios promoverem experiências pessoais de uso da tecnologia, constroem espaços de significação que viabilizarem outras formas de processos de aceitação. As mídias digitais, conceito empregado como o formulado no grupo de pesquisa Interfaces (MONTEIRO, 2017) estão se expandido significativamente o acesso a informações que

passaram a estar disponíveis, alterando o ambiente sociocultural dos povos indígenas e, conseqüentemente, transformando a maneira de eles se comunicarem.

Falando especificamente das redes sociais, alguns índios encontraram nelas a possibilidade de mostrar a realidade que desmistifica o imaginário do Índio romantizado e midiático - aquele selvagem que mora na floresta e não necessita de auxílio para seu desenvolvimento pleno. É difícil quantificar e qualificar a influência das redes sociais na internet na vida das pessoas, mas sabemos que elas são responsáveis por significativas mudanças sociais, econômicas e políticas que ocorreram no mundo. Castells (2003) considera que o uso da internet, como sistema de comunicação e forma de organização, explodiu no final do segundo milênio. Com pouco tempo de uso, a maioria das atividades econômicas, sociais, políticas e culturais por todo o planeta está sendo estruturada pelas redes sociais e em torno dela. Por isso, elas são tão essenciais para o auxílio do desenvolvimento indígena, até servindo como suporte para contrapor o preconceito e a discriminação.

O Índio, ao utilizar recursos tecnológicos para se inserir na sociedade, acaba passando, ou melhor, navegando por processos comunicacionais que são eficientes no ambiente próprio e que possuem uma força social e uma carga cultural surpreendente fora dele. As redes sociais acabam auxiliando nas articulações culturais, políticas e sociais dos indígenas, pois, nesse sentido, o Índio acaba interagindo com o espaço tecnológico, através dos notebooks, smartphones. Vale lembrar que uma visão eurocêntrica não consideraria esses artefatos pertencentes à cultura tradicional deles. O Índio, quando divulga fotos e imagens dos rios, dos animais e da floresta mostra o ambiente biológico e natural ao qual está inserido. As imagens e os suportes tecnológicos fazem com que a abrangência da realidade das comunidades indígenas alcance trilhas fora da floresta.

Com a Rádio Tribos do Norte, cria-se a possibilidade de novas relações comunicacionais com o ambiente não indígena, ou seja, num primeiro momento, entrelaçam diversos setores e atores sociais que ajudam a auxiliam na inclusão social do Índio, fora do seu ambiente midiático. Neste trabalho, também foi possível observar que os indígenas têm muito a nos ensinar. Assim, a reconexão com os habitantes da floresta é uma forma interessante de se aprender valores e saberes esquecidos pelo não-índio.

A riquíssima e complexa forma como utilizam o WhatsApp, no grupo Rádio Tribos do Norte, é um exemplo do conhecimento que os povos indígenas dominam

precisa ser mais bem compreendido na sociedade brasileira, muito além dos estereótipos preconceituosos gerados, principalmente, pela sociedade, a partir do viés colonizador.

Os povos indígenas sempre usaram tecnologias, tanto na fabricação de artefatos culturais, quanto na pesca e na construção de casas e até em guerras; entretanto, no contato com outras sociedades, estas tecnologias, aparentemente rústicas, foram sendo consideradas, cada vez mais "atrasadas" e produtos de superstições e desconhecimento dos índios (quando, na verdade, a biologia e a ecologia estão aí para comprovar, as tecnologias dos índios eram superiores a muitos aspectos das tecnologias mais destrutivas e mais nocivas ao meio ambiente que a sociedade industrial criou).

Então não devemos nos surpreender com o domínio deles sobre as redes sociais, esse é o primeiro passo de bem-querer-bem que devemos desenvolver. A tecnologia já faz parte do ambiente indígena há muito tempo. Participar das redes sociais é uma forma de difundir, cada vez mais, para amplas massas, o patrimônio histórico de saberes indígenas, alguns de tradição milenar que eles possuem. E assim criar uma oportunidade para mostrar um mundo que ainda não conhecemos, fazendo-nos entender que estamos todos interligados, entre nós mesmos e todos com a natureza. Juntos, fazemos parte de um sistema inserido nos processos da natureza. Nesse sentido, somos nós também, natureza. Observar os indígenas seria aprender a forma como eles vivem e respeitam o meio ambiente, sinalizando estudos do Capra (2014) e Santos (2010). Saber deles é saber de nós, brancos, mas tão resultantes de tudo o que as civilizações indígenas nos ensinaram e produziram. Somos todos, em termos ecossistêmicos, resultado da teia da vida e dos entrelaçamentos todos.

No contexto da Rádio Tribos do Norte, a comunicação possibilita novas formas de interação na sociedade. Índios podem emitir mensagens sem intermediários e sem investimentos específicos, através de uma mídia social, para dezenas de pessoas. Assim, com o uso das redes sociais, os indígenas conseguiram uma nova opção de espaços comunicacionais, que permite produzir seus próprios conteúdos interativos, contar suas histórias, vender produtos, difundir sua cultura, crenças e diferenças. Sem mediador ou atravessador, o Índio adquire uma voz ativa, um papel mais incisivo em decisões polêmicas e foge dos holofotes das mídias tradicionais que perpetuam a ideia de um indígena fora dessa nova realidade. As redes sociais os tornaram aptos a oferecerem suas opiniões, em quaisquer que sejam os assuntos.

O que apresento é apenas uma tentativa de compartilhar as experiências vivenciadas na Rádio Tribos do Norte, que provocam inquietações, preocupações, a

partir de reflexões críticas e produtivas, a respeito de tudo o que interessa aos povos indígenas e às estratégias de trabalho, luta e comunicação deles. Pesquisas como esta são importantes para acompanhar essas transformações e sentir de perto como estão acontecendo esses processos, numa perspectiva indígena com as novas tecnologias, o que torna o Índio protagonista da própria realidade.

Se estivesse num trabalho comum, terminaria a dissertação no parágrafo acima, mas, como se trata de um trabalho com pensamentos ecossistêmicos, usando cartografia de saberes, não é coerente ou não condiz com essas perspectivas terminar uma pesquisa dessa forma. Então, para concluir, gostaria de dizer que durante a realização desta pesquisa, em inúmeras situações, a pergunta “o que é ser Índio?” me surgiu em mente e, para respondê-la, recorri ao pensamento da amorosidade, tratado por Baptista (2015), lembrando que o termo está sendo pensado aqui como ética da relação, ligação respeitosa e intensa, de vínculo reconhecedor da existência do Outro ser igual ou diferente. Trata-se de laço que funda o social, condição essencial no reconhecimento das relações comunicacionais. Em outras palavras é o reconhecimento do legítimo outro nas relações do jeito que ele realmente é. E o que é ser Índio, então? A resposta encontra-se na imagem divulgada na Rádio Tribos do Norte e representa tudo que discutimos até aqui.

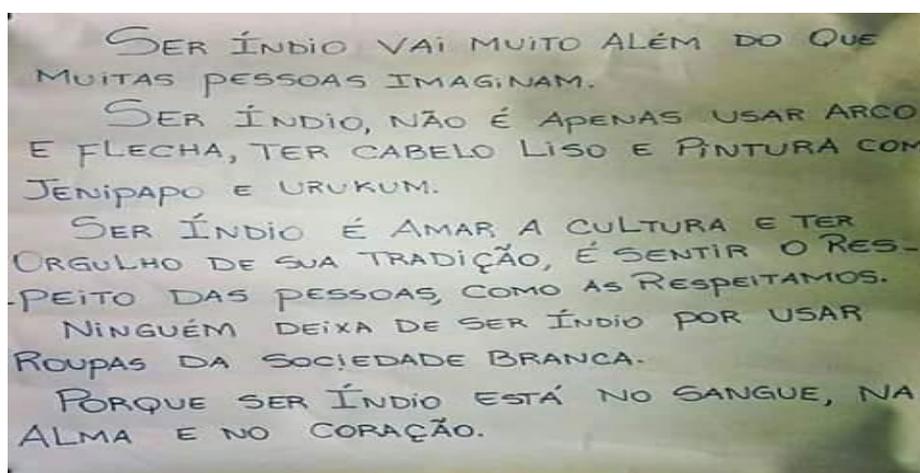


Figura: 10 Mensagem sobre o que é “ser Índio”.

REFERÊNCIAS

ALIER, Joan Martínez. **O ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagem de valoração**. Tradução de Maurício Waldman. São Paulo: Contexto, 2007.

ANGATU, Casé. Em vídeo, a nova ofensiva de Temer contra os índios. Disponível em <<https://outraspalavras.net/blog/2016/06/03/em-video-a-nova-ofensiva-de-temer-contra-os-indios/>>. Acesso em: 23 de jul de 2017.

ASTRINI, Marcio; RODRIGUEZ, Asensio. Para retribuir apoio ruralista, Temer pode cancelar avanços ambientais. Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/opiniao/coluna/2016/05/21/para-retribuir-apoio-ruralista-temer-pode-cancelar-avancos-ambientais.htm>>. Acesso em: 21 de jun de 2017.

BAPTISTA, Maria. Luiza. **Cartografia de Saberes na pesquisa em Turismo: proposições metodológicas para uma Ciência em Mutação**. Revista Rosa dos Ventos, v. 6, p. 342-355, 2014.

_____. **Caosmose, desterritorialização e amorosidade na comunicação**. Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação, v. 2, p. 98-105, 2015.

BARBERO, Jesus Martin. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro. UFRJ, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BENJAMIN, Walter. **A Obra de Arte na Época de sua Reprodutibilidade Técnica**. São Paulo: L&PM, 2013.

BLOGUE DO WHATSAPP, **Um bilhão**. Disponível em <<https://blog.whatsapp.com/616/Um-bilh%C3%A3o?>>. Acesso em: 20 de jul de 2017.

BUENO, Magali Franco. **Natureza como representação da Amazônia**. In: Revista Espaço e Cultura. N. 23. Rio de Janeiro: UERJ, jan/jun de 2008.

CAPRA, Fritjof. **A alma de Leonardo da Vinci: Um gênio em busca do segredo da vida**. Tradução Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Cultrix, 2012.

_____. **A Teia da vida**. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos, São Paulo, Cultrix, 2016

_____. **As Conexões Ocultas - Ciência para uma vida sustentável**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Cultrix, 2005.

CAPRA, Fritjof, LUISI, Pier. Luigi. **A visão sistêmica da vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sócias e econômicas**. São Paulo: Cultrix, 2014.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, negócios e a sociedade**. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **A sociedade em rede**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

COLFERAI, Sandro. **Um jeito amazônida de ser mundo – A Amazônia como metáfora do ecossistema comunicacional: uma leitura do conceito a partir da região**. Manaus, 2014. Tese

(Doutorado em Sociedade e Cultura da Amazônia), Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas.

Conselho Indigenista Missionário. **Outros 500: Construindo uma nova história**. São Paulo: Salesiana, 2001.

CRUZ, Valter do Carmo. **R-existências, territorialidades e identidades na Amazônia**. In: Revista Terra Livre. Ano 22, v.1, n.26. Goiânia: Jan-Jun/2006. (ISSN 0102-8030).

DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

DUTRA, Manuel Sena. **A natureza da mídia: os discursos da Tv sobre a Amazônia a biodiversidade e os povos da floresta**. São Paulo: Annablume, 2009.

ENTENDA o que é podcast. Folha Online. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u19678.shtml>>. Acesso em: 15 de mai de 2017.

DI FELICE, Massimo. **Do público para as redes: a comunicação digital e as novas formas de participação social**. São Caetano do Sul: Difusão, 2008.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo Digital**. São Paulo: Contexto, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 214.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT, Michel; **A ordem do Discurso**, São Paulo: Loyola, 12 ed, 2005.

GERMANO, Mario Gomes. **Uma nova ciência para um novo senso comum**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

GUIMARÃES, Carlos Fábio Moraes (2011). **Indígenas na WEB: da oralidade aos bytes: estudo de caso do blog escolar Pamáali-Baniwa - Amazonas**. Dissertação de mestrado. 125p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Manaus, Universidade do Amazonas.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, Amazônia**. São Paulo: Contexto, 2010.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. Tradução de Carlos Szlak. São Paulo: Annablume, 2005.

IANNI, Octavio. **Ditadura e agricultura : o desenvolvimento do capitalismo na Amazônia – 1964-1978**. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1979.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2010). **O Brasil indígena**. Disponível em <<http://indigenas.ibge.gov.br/graficos-e-tabelas-2.html>>. Acesso em: 01 de ago de 2017.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

- _____. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2014.
- _____. **Inteligência coletiva: para uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 2007.
- LIMA JUNIOR, Walter Teixeira. **Mídia social conectada: produção colaborativa e informação de relevância social em ambiente tecnológico digital**. Revista de pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero. v.12, n.24, p. 95-106, dez 2009.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Cejup, 1995.
- LUCIANO, Gersem. Santos. do. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: LACED/Museu Nacional, 2006.
- KUHN, Thomas. S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- MARTINO, Luis Mauro Sa. **Teorias das mídias Digitais**. Linguagens, ambientes e redes. Petrópolis, Vozes: 2014.
- MELATTI, Julio Cezar. **Índios do Brasil**. 9.ed. São Paulo: Edusp, 2014.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 20.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. (MC) (2013). **O que é Gesac?** Disponível em <<http://www.gesac.gov.br>>. Acesso em jan/2017.
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (MMA) (2014). **Florestas** – Disponível em <<http://www.mma.gov.br/florestas>>. Acesso em: mai/2016.
- MONTEIRO, Gilson. **Ecosistemas Comunicacionais: Os dispositivos móveis como extensão do corpo humano**. In: CANAVILHAS, João; FATUF, Ivan. **Jornalismo para dispositivos móveis: Produção, distribuição e consumo**. Covilhã, Portugal: LabCom, 2015. p. 43,60. Disponível em: <<http://bit.ly/1U6LE9H>>. Acesso em: abr/2017.
- _____. **Mídias digitais e as tecnologias de sobrevivência**. Revista de Comunicação da FAPCOM, São Paulo, v.1 n1, p. 110-120, 1ºsem. 2017.
- MONTEIRO, Gilson Vieira, ABBUD, Maria Emília de Oliveira Pereira, PEREIRA, Mirna Feitoza(orgs.). **Estudos e perspectivas dos ecossistemas na Comunicação**. Manaus: Edua, 2011.
- MONTEIRO, Gilson; COLFERAI, Sandro. **Inquietações Amazônicas: Considerações para uma abordagem enativa da comunicação**. Famecos, Porto Alegre, v.23, n1, Jan./abr. 2016. Não paginado. Disponível em:<<http://bit.ly/25gzaYv>>. Acesso em: abr/2017.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- MUNDURUKU, Daniel. **Entrevista: Você sabia que existe diferença entre as palavras índio e indígena?**. Empresa Brasileira de Comunicação, 2015 – Disponível em: <Você sabia que existe diferença entre as palavras índio e indígena?>. Acesso em: mai/2017.

NEVES, Clarisse. Eckert. Baeta; NEVES, Fabrício. Monteiro. **O que há de complexo no mundo complexo?** Niklas Luhmann e a Teoria dos Sistemas Sociais. Sociologias, Porto Alegre, ano 8, nº 15, jan/jun 2006, p. 182-207.

NOGUEIRA, Luís Eugênio. **O Rádio no país das Amazonas**. Manaus: Valer, 1999.

PAZ, Caroline Rodriguez. **A cultura Blog: questões introdutórias**. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 66-72, dez. 2003. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3236/2497>>. Acesso em: abr/2017.

PEREIRA, Laudelino. **Índio e povo indígena: do conceito à autodeterminação**; JusBrasil. Disponível em <<http://lpneto.jusbrasil.com.br/artigos/155133578/indio-e-povo-indigena-do-conceito-a-autodeterminacao>>. Acesso em: abr/2017.

PINTO, Ernesto Renan Melo de Freitas. **Viagens das idéias**. 2.ed. Manaus: Valer, 2008.

PINTO, Renan Freitas; Spencer, Davyd; Telles, Tenório. **Teoria Crítica e Adorno – Ideias em Constelação**. Manaus: Valer, 2015.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. **Para além da emissão sonora: as interações no podcasting**. Intexto, Porto Alegre, n. 13, 2005.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. São Paulo: Global, 2004.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais: Uma proposta de Estudo**. Rio de Janeiro: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005.

_____. **Rede sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, Darci. **Os índios e a civilização : A Integração das Populações Indígenas no Brasil Moderno**. Petrópolis: Editora Vozes, 1993.

ROCHA, Genylton Odilon Rego da. **O ensino de geografia e a construção de representações sociais sobre a Amazônia**. In: Revista Terra Livre. Ano 22, v.1, n.26. Goiânia: Jan-Jun/2006. (ISSN 0102-8030).

SANTAELLA, Lucia. **Cultura e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. **Cultura das mídias**. 4a. ed. São Paulo: Experimento, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**, In: SANTOS, B. S; MENESES, M. P. (Org.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010, p. 31-83.

_____. **Um discurso sobre as ciências**. 7º Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Juremir Machado da. **Os (des)caminhos do método**: uma nova reflexão sobre a finalidade dos meios. *Aprender – Cad de Filosofia e Psic. Da Educação, Vitória da Conquista*, ano III, n 5, p. 155-163. 2005.

STUMPF, Ida Regina C.. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

ANEXOS

Os áudios estão transcritos para que as pessoas que não têm acesso percebam a dinâmica da linguagem e do modo como eles se identificam no grupo.

1º **Áudio** – Participação da Rádios em eventos indígenas

Locutor - Bom dia, Bom dia a todos os amigos da Rádio Tribos do Norte

Bom dia a vocês que já estão acordados que já estão batendo aquele papo em toda a Amazônia, Bom dia aos nossos amigos manauaras, quem está falando aqui com vocês é o seu amigo Yuri.

Locutor - Estamos aqui, hoje, no Tribunal da Justiça do Amazonas, onde está acontecendo uma exposição, uma grande exposição de produtos da medicina tradicional e também produto regional. É uma feira realizada pela Universidade Federal do Amazonas – A II Feira de Produtos Regionais - são produtos orgânicos e hoje você encontra muita novidade com frutas como: banana, abacaxi, melancia e artesanato feitos por nós, indígenas, indígenas apurinãs, os irmãos produtores rurais dos municípios da Amazônia que estão por aqui também, a feira já está com muita gente por aqui chegando, se aglomerando aqui na feira fazendo suas compras e comprando mais barato, claro né são produtos naturais e produtos da região, viu gente!Então se você quiser adquirir esses produtos compareça aqui no Tribunal de Justiça que funciona até as 3 da tarde e amanhã das 6 da manhã até as 3h da tarde.

2º **Áudio** – Entrevista sobre a demarcação de terra dos Guarani-Kaiowá

Repórter - Muito boa noite meus queridos amigos e ouvintes da Rádio Tribos do Norte!

Nós estamos aqui na Ufam e vamos conversar com a Professora Historiadora, Gracie Oliveira, Professora, a senhora defendeu muito bem as causas indígenas falando especificamente dos Índios Guarani-Kaiowá em relação a derrotas, o que eu gostaria é que a senhora explicasse aos nossos ouvintes o seu ponto de vista em relação a esta palavra “derrota” e os Índios.

Professora – A derrota pode vir a acontecer, aí a importância enorme que cumpre os Guarani-Kaiowá e de todos os apoiadores, porque uma derrota dos Guarani-Kaiowá será um derrota muita grande, impactante para a luta dos povos indígenas nacionalmente. Que significa essa derrota? Significa o avançar, o aprofundar o genocídio dessa etnia, ou seja se mais Guaranis-Kaiowás são assassinados, isso acontecerá com outras etnias porque eles são exemplos que vivem essa realidade com maior agudeza, eles estão

cercados pelos madeireiros, mineradores e principalmente pelos ruralistas. Eles foram expropriados de suas terras, vivem às margens das estradas ou em pequenos pedaços de terra.



Figura 11: Meme em resposta à pec 215.



Figura 12: Desenho compartilhado para mostrar a luta dos indígenas por terra.



Figura 13: Homenagem da RTN em comemoração ao dia internacional da Mulher Indígena



Figura 14: Exemplo de comunicação em rede, pessoas de outros grupos compartilharam a imagem na Rádio.



Figura 15: Quando discutem a presença indígena no Brasil



Figura 16: Perguntas de uma senhora para os participantes da Rádio.

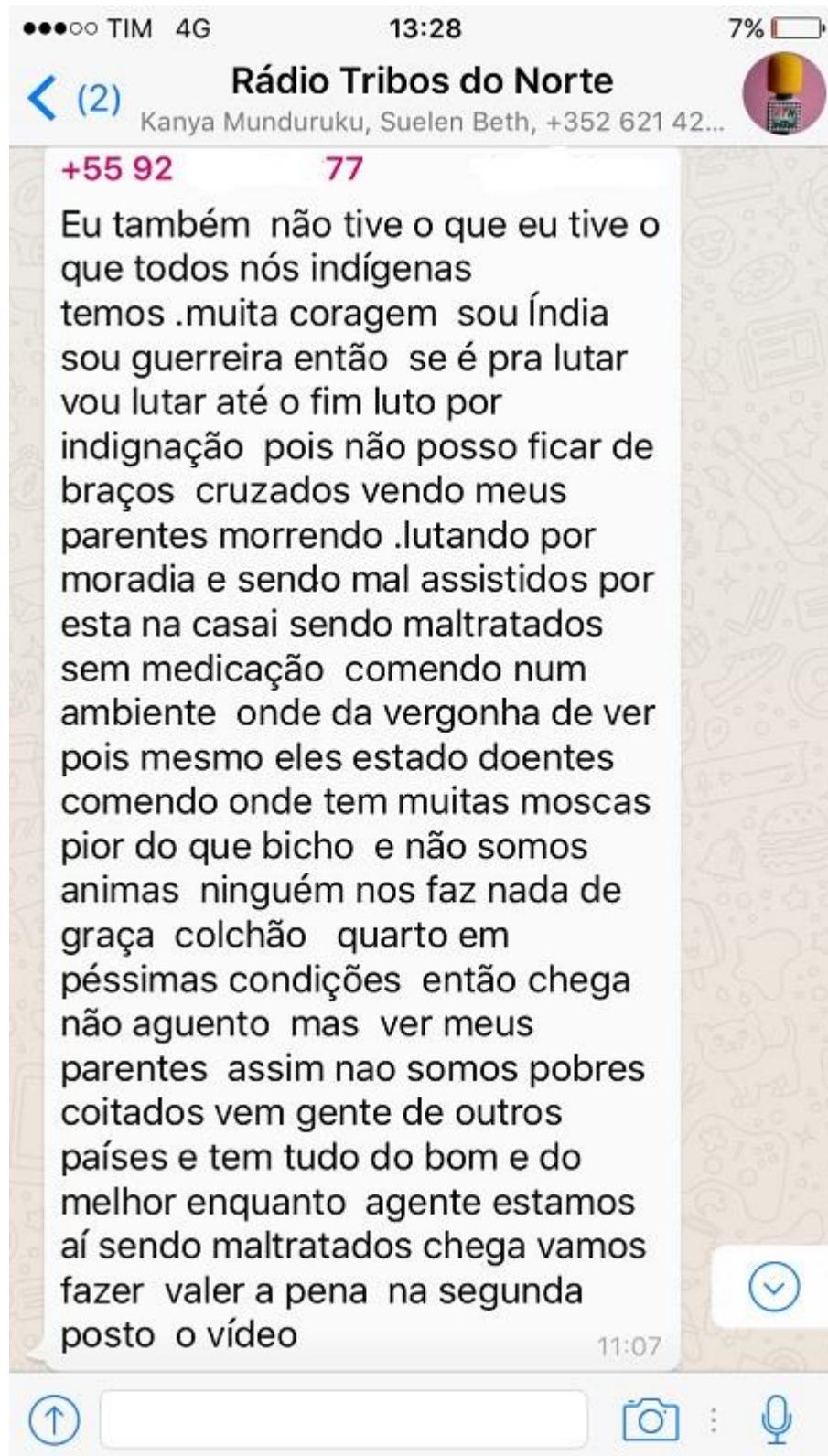


Figura 17: Índia defendendo a importância de resistir.

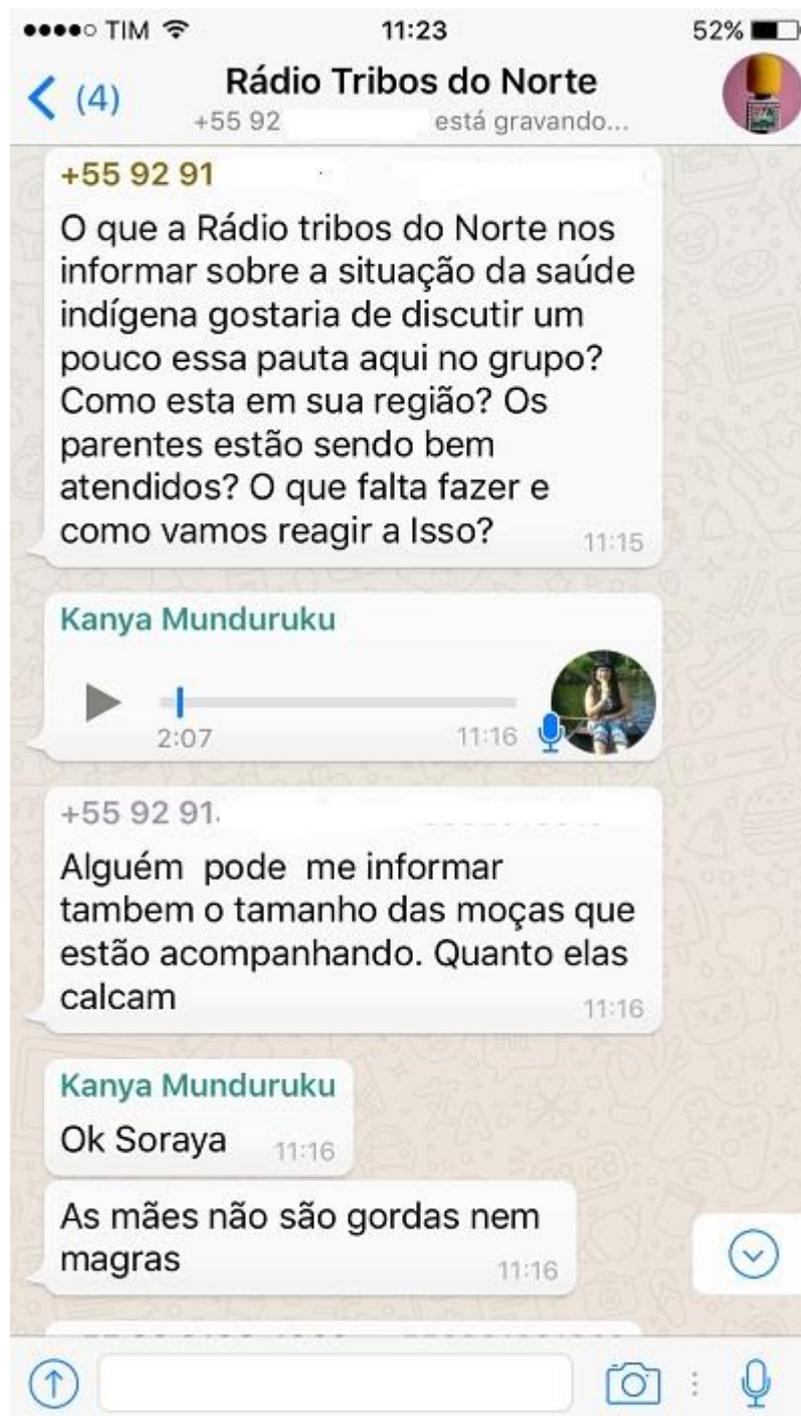


Figura 18: Índios entram em contato com a RTN para pedir informação



Figura 19: RTN também é um espaço de discussão sobre ciência

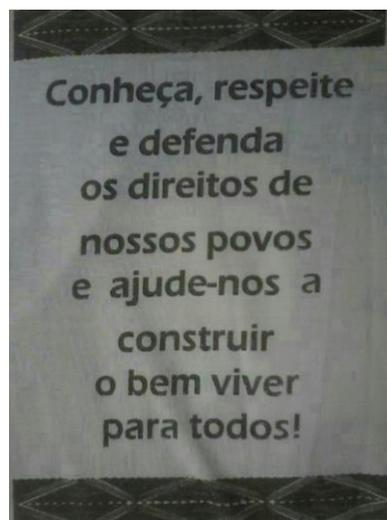


Figura 20: A busca é pelo bem viver de todos e não apenas de alguns



Figura 21: Neste dia foi veiculada uma matéria sobre o uso de cocares no dia a dia, alguns Índio são contra e outros a favor do uso diário do cocar.



Figura 22: A dúvida dele era a mesma de outros Índios



Figura 23: Memes que colocam o Índio no mesmo lado que inventores contemporâneos, essas ações causam muita repercussão no grupo.

segue em anexo o exato momento em que as coisas começaram a dar errado no Brasil



Figura 24: Debate sobre preconceito



Figura 25: Meme sobre a atuação das jogadoras de futebol nas olimpíadas Rio 2016.

As Olimpíadas do Rio 2016 está me lembrando da Colonização, quando um monte de estrangeiro veio pra levar o nosso ouro.



Figura 26: Meme sobre as Olimpíadas do Rio 2016.

TERMO DE PERMISSÃO

Declaro para os devidos fins que o pesquisador, Adriano Silva Rodrigues, que realiza investigação, em nível de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas, para participar do grupo de WhatsApp denominado *Rádio Tribos do Norte* e utilizar informações, veiculadas no grupo, para fins estritamente acadêmicos sem identificação nominal ou do telefone dos participantes.

Kayna Mundurucu
Kayna Mundurucu

Manaus, 10 de agosto de 2017.